



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

INALDA MARIA DUBEUX ANDRADE DE OLIVEIRA

DE QUEM É O VESTIBULAR?
A MÃE FRENTE À DIFERENCIAÇÃO DO FILHO

Recife

2000



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Inalda Maria Dubeux Andrade de Oliveira

DE QUEM É O VESTIBULAR?
A MÃE FRENTE À DIFERENCIAÇÃO DO FILHO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^ª. Doutora Cristina Maria de Souza Brito Dias.

Recife – PE

2000

INALDA MARIA DUBEUX ANDRADE DE OLIVEIRA

**DE QUEM É O VESTIBULAR?
A MÃE FRENTE À DIFERENCIAÇÃO DO FILHO**

COMISSÃO EXAMINADORA

PROF^a . DR^a . ALBENISE DE OLIVEIRA LIMA

PROF^a . DR^a . CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS

PROF^a . DR^a . DULCE HELNA PENNA SOARES

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial ao meu marido, cujo apoio e compreensão permitiram a realização desse meu sonho.

À Profª. Luci de Holanda, amiga e companheira em tantos trabalhos, por pensar junto comigo mais uma vez, trazendo sua criatividade em sugestões tão enriquecedoras.

Ao Prof. Dr. Zeferino Rocha, meu Orientador do Curso, pela amizade, incentivo constante e disponibilidade com que ofereceu suas valiosas contribuições.

À Profª. Drª. Henriette Moratto, pelo carinho com que aceitou partilhar da orientação, trazendo pontuações que contribuíram para abrir novas perspectivas no caminhar desta pesquisa.

À Profª. Marígia Viana, por me ajudar - e sempre com tanta simpatia - a desenvolver uma maior objetividade na metodologia deste trabalho.

A todos os professores deste curso, que contribuíram, cada uma à sua maneira, para o meu crescimento profissional.

Aos colegas do Mestrado, cuja amizade vou guardar como algo muito precioso.

Às colegas psicólogas: Maria da Conceição Pereira, Josiane Golin, Jovina Wanderley e Rosa Cruz, pela ajuda na seleção das mães colaboradoras.

Às mães colaboradoras por compartilharem comigo seus sentimentos e representações, que tanto me ajudaram a compreender a situação do vestibular.

Aos funcionários do Mestrado em Psicologia Clínica pela forma atenciosa com que sempre nos atenderam .

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradeço à Prof^a. Dr^a. ALBENISE DE OLIVEIRA LIMA pela forma simples e objetiva com que ofereceu pontuações tão importantes para que eu pudesse ver mais claramente o caminho que buscava desenvolver nesta investigação.

Agradeço, especialmente, à Prof^a. DR^a. DULCE HELENA PENNA SOARES, pelo carinho com que sempre me incentivou a escrever e, principalmente, pelo constante estímulo em todas as etapas deste trabalho.

Agradeço à Prof^a. DR^a. JÚLIA SURSIS NOBRE FERRO BUCHER pela sua participação na Banca Examinadora Prévia desta dissertação e, principalmente, pelas valiosas observações que tanto contribuíram para o enriquecimento da presente pesquisa.

HOMENAGEM ESPECIAL

À Prof^a. Dr^a. CRISTINA MARIA DE SOUZA BRITO DIAS que além de orientadora competente, dedicada e paciente tornou-se uma amiga muito especial. Obrigada pelo carinho e respeito com que sempre acompanhou, não apenas as etapas desta pesquisa, mas todos os momentos – alegres ou confusos - do caminho percorrido nesse curso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
PARTE I: REFERENCIAL TEÓRICO	26
1. FAMÍLIA E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE	27
1.1. PENSANDO FAMÍLIAS: UM POUCO DE HISTÓRIA	27
1.2. FAMÍLIA E SUBJETIVIDADE	32
2. FAMÍLIA COM ADOLESCENTES: O PROCESSO DE SEPARAÇÃO INDIVIDUAÇÃO	37
2.1. Adolescência: separação e autonomia	37
2.2. A família diante do processo de autonomia do adolescente	43
3. O MOMENTO DA ESCOLHA PROFISSIONAL	49
3.1. O vestibular enquanto ritual de passagem	49
4. A MÃE DIANTE DE SEU PROCESSO DE SEPARAÇÃO DE UM FILHO	56
4.1. A questão dos papéis e suas modificações	56
4.2. A natureza da mulher e suas estratégias de controle de poder	59
PARTE II : OBJETIVOS E METODOLOGIA	65
OBJETIVOS	66
METODOLOGIA	67
1.SUJEITOS	68
2. INSTRUMENTO	68
3. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	69
4. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS	70
PARTE III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	72

1. ANÁLISE DE CADA ENTREVISTA	73
1.1. Depoimento 1: “ Coroa Enxuta	73
1.2. Depoimento 2: “Eu tenho um certo poder”	76
1.3. Depoimento 3: “Mãe não pode ficar omissa: tem que clarear”	80
1.4. Depoimento 4: “Certeza de não passar”	84
1.5. Depoimento 5: “Ela não pode seguir meu exemplo”	86
1.6. Depoimento 6: “Nosso vestibular: agora é minha vez”	89
1.7. Depoimento 7: “O vestibular é uma revolução na vida da família”	92
1.8. Depoimento 8: “Em alguma coisa eu fiz dar certo”	95
2. DIMENSÕES ANALISADAS	99
3. ANÁLISE DE TODOS OS DEPOIMENTOS	101
3.1. ANÁLISE DE CADA DIMENSÃO	102
3.1.1 Sentimentos Predominantes	102
3.1.2. Percepção do processo de individuação do(a) filho(a)	111
3.1.3. Como as mães reagem ao processo de diferenciação dos (as) filhos(as)	114
3.1.4. Como foi a própria escolha profissional da mãe	116
3.1.5. Significado do vestibular	118
3.1.6. Mudanças percebidas pela mãe frente ao novo momento	121
3.2. ENTRELAÇANDO AS DIMENSÕES	123
PARTE IV: CONCLUSÕES	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
ANEXO 1: Transcrição dos depoimentos	145

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1	100
Quadro 2	101
Figura 1	124

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender os sentimentos que as mães apresentam frente ao processo de separação/individuação do filho (a), simbolizado pela situação do vestibular, e analisar os possíveis efeitos que eles têm na escolha vocacional/ocupacional dos filhos(as). Participaram da pesquisa 8 mães, compreendidas na faixa etária de 39 a 43 anos, que estavam vivenciando, pela primeira vez, o vestibular de um filho. Através de entrevistas semi-dirigidas buscou-se analisar as seguintes dimensões: sentimentos predominantes frente à situação do vestibular, percepção do processo de diferenciação do filho(a), reações apresentadas frente às manifestações de autonomia do filho(a), significado que o vestibular assume para a mãe, possíveis relações entre a escolha profissional da mãe e o momento vivido pelo filho(a) e a percepção, por parte das mães, de possíveis mudanças em suas vidas a partir do vestibular do filho(a). Cada entrevista foi analisada como um estudo de caso independente e, em seguida, foi estabelecida uma comparação entre as respostas de todos os depoimentos nas dimensões pesquisadas. Observou-se que o elevado nível de ansiedade apresentado pelas depoentes frente à situação do vestibular constituía-se num somatório de sentimentos relacionados à dificuldade de elaborar o processo de separação/individuação do filho(a). As mães tenderam a: 1) perceber os filhos(as) como dependentes e imaturos; 2) a identificar-se com eles de forma simbiótica e a negar a possibilidade de mudanças em suas vidas diante da nova situação; 3) interferir diretamente na escolha profissional dos filhos(as); 4) atribuir ao vestibular o significado de vitória e realização principalmente delas mesmas, demonstrando que se sentem avaliadas em seu papel parental pelo desempenho dos

filhos(as). Concluiu-se que tal resistência à diferenciação do jovem, influencia negativamente na possibilidade de escolha profissional e na elaboração de um projeto pessoal de vida por parte do adolescente. Foi salientado que tal influência ocorre principalmente pelo momento que o vestibular ocorre no Brasil, no qual o adolescente está cronologicamente imaturo, o que contribui para dificultar o processo de separação .

Palavras-chave: Relacionamento mãe - filhos, separação / individuação, vestibular, escolha profissional.

ABSTRACT

The purpose of the present research was to understand the nature of the feelings demonstrated by mothers who are experiencing the separation/individuation process of an adolescent son (daughter) as symbolized by the vestibular entrance exam and to analyze the possible effect of these feelings on the vocational choice of their children. The study had the collaboration of 8 mothers, ages between 39 to 43, which were going through the vestibular situation for the first time. Using semi-directive interviews the research analyzed the following dimensions: predominant feelings in face of the vestibular situation; the mother's perception of the son's (daughter's) differentiation process; their reaction to autonomy manifestations on the son's (daughter's) part; the meaning the mother attributes to the vestibular; a possible relation between the mother's career choice and the moment the adolescent faces and the mother's perception of possible changes in her life as a result of the vestibular situation. Each interview was first analyzed as an individual case study and afterward they were all compared to each other in relation to the above mentioned dimensions. It was observed that the high level of anxiety the mothers demonstrated in face of the situation represented a sum of feelings related to the difficulty of elaborating the separation/individuation process in their children. Mothers tended to: 1) perceive their sons (daughters) as dependent and immature; 2) identify with the adolescents in a symbiotic manner of relation and to deny possible changes in their own lives in view of the new situation; 3) interfere directly in their son's (daughter's) career choice; 4) perceive the vestibular situation as a victory or accomplishment mainly for themselves, instead of the

adolescent's, which denoted how some mothers feel that they're valued by their children's performance. The research concluded that this resistance in face of the differentiation process interferes in a negative way in their children's career choices and contributes to difficult the elaboration of a personal life project by adolescents. It was empathized that such influence is mainly due to the moment when the vestibular takes place in Brazil, in which the adolescent is chronologically imature, fact that contributes to difficult the separation process.

Key-words : Mothers / sons (daughters) relationship, separation / individuation, vestibular, career choice.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O processo de construção de subjetividade estabelece-se através de etapas de complexidade crescente que se sucedem do nascimento ao final da vida do indivíduo. Cada passagem pode ser um momento de mudança, de vulnerabilidade, de decisão entre progressão e regressão, no qual o indivíduo precisa descartar camadas protetoras para que possa crescer em novas direções. O grupo familiar também passa por diversos estágios de crescimento e dentro dele, diversas gerações convivem, simultaneamente, em etapas diferentes, cada uma influenciando e sendo influenciada pela outra.

O momento da escolha de uma profissão por um adolescente é uma de tais passagens e pode ter repercussões no contexto familiar como um todo. Aparentemente, a opção por uma profissão é apenas mais uma entre tantas escolhas. O adolescente tenta ver-se no futuro, avaliando suas possibilidades, seus valores, as perspectivas possíveis e prováveis no mundo do trabalho e, a partir de tal análise, busca definir um caminho que aparece como o mais viável. A situação do vestibular, no entanto, leva, tanto o jovem como sua família, a se refrontarem com suas opções de vida e com a necessidade de resignificarem suas formas de ser. Para o jovem, o mundo adulto aparece como mais próximo e o conflito entre crescer e abandonar o mundo seguro ou permanecer na dependência infantil torna-se mais agudo. Para os membros de sua família, o vestibular implica na proximidade da separação do adolescente que está alcançando mais um degrau no seu processo de individuação. É nesse momento que pode surgir a procura por profissionais que cuidam da relação do homem com suas escolhas para trabalho.

A facilitação da escolha vocacional e da elaboração de um projeto de vida, por parte de adolescentes, têm sido parte de nossa prática profissional. Nesta, temos procurado articular duas áreas da psicologia: a *educacional*, através do trabalho desenvolvido em escolas de ensino médio da rede particular no Recife, e a *clínica*, tanto pela realização de atendimento em psicoterapia junto a adolescentes e adultos, como pelo modelo de orientação vocacional/profissional que adotamos em nossa prática.

No campo da Orientação Profissional existem várias abordagens e diversos tipos de atuação, que vão das mais diretivas, as quais utilizam os testes de aptidões e interesses, com o objetivo de encontrar o “homem certo para o lugar certo,” até os processos mais dinâmicos como a modalidade clínica. É através desta forma de focalizar a Orientação Profissional que temos buscado *escutar* o processo de escolha: encontrar o seu significado e facilitar, ao indivíduo, o acesso a uma profissão que seja coerente com sua forma de ser. Esta abordagem nos permite identificar os elementos componentes da opção profissional e reconhecer sua multideterminação. Evidenciamos que influências de diversas ordens: políticas, culturais, sócio-econômicas, educacionais, familiares e psicológicas se entrelaçam de tal maneira que o jovem pode chegar a ter uma margem de opções muito reduzida.

Partindo de reflexões acerca do significado das escolhas e do desejo de identificar e compreender melhor seus fatores intervenientes, realizamos uma investigação junto a alunos de colégios particulares e públicos na cidade do Recife, utilizando uma técnica projetiva, o Teste Projetivo Ômega. A partir da citada pesquisa, verificamos que as características próprias da fase da adolescência, a insegurança, a busca de uma identidade ainda permeada pelos processos de identificação, pela ambivalência e pela experimentação de papéis, dificultam uma escolha vista, pelo jovem, como sendo *para o resto da vida*.

Diante do seu conflito de dependência vs. independência, ao se deparar com a necessidade de definir o futuro profissional, o jovem tendeu a escolher baseado nas identificações familiares e nas expectativas do grupo social em que está inserido. A família, em sua interação com os aspectos sócio-culturais foi, portanto, um dos fatores que mais interferiram na escolha (Oliveira & Holanda, 1998).

Considerando os jovens de hoje, verificamos, a partir da prática desenvolvida em orientação profissional que, a cada ano, eles apresentam maior dificuldade em escolher um caminho para entrar no mundo do trabalho. Apresentam um imediatismo, uma pressa em resolver logo a questão, movidos, talvez, pela dificuldade de pensar em si mesmos e pela insegurança decorrente das mudanças no mercado profissional, com sua maior quantidade de ocupações e cursos.

Por outro lado, observamos que os pais mostram-se ansiosos e inseguros frente ao momento da escolha profissional dos filhos e tal ansiedade pode constituir-se como um elemento ansiogênico para os jovens também. Muitos pais pressionam por estudos intensos, proibem saídas e diversões ou interferem diretamente nas escolhas. Observamos, na prática, o nível de ansiedade da família em diversas ocasiões e situações, mas, talvez, o melhor exemplo seja a existência, no Recife, de uma associação não oficial de “Pais com Filhos Reprovados em Medicina”. Tal grupo organiza-se a cada ano, após a divulgação dos resultados, e analisa as possibilidades de remanejamento em todas as faculdades em que os filhos se inscreveram (e geralmente isto engloba diversos estados, vizinhos ou não, ao de origem), telefonam para os que são aprovados em mais de uma faculdade e tentam convencê-los a não ocuparem vagas que poderiam ser de outros, e assim por diante. Pais com filhos reprovados em outros cursos também aderiram. O processo dura, por vezes, vários meses, e nem sempre o nível de ansiedade dos filhos é tão intenso quanto o

demonstrado pelos pais. Um jovem, certa vez, observou: “a adolescência é o vestibular dos pais”. Percebemos aí um ponto de partida para a presente investigação: Quem é realmente avaliado pelo vestibular?

Ao utilizarmos o termo *vestibular*, não estaremos focalizando o momento da prova, do processo seletivo de entrada em uma faculdade, que é, em si, gerador de ansiedade, mas de natureza diferente do que queremos investigar. Consideraremos a situação como um todo, que se inicia muito antes da prova, quando o jovem e/ou a sua família começam a pensar na escolha da profissão, quando surge a pergunta tão freqüente: “ O que vou (meu filho vai) fazer no vestibular?” Engloba as questões referentes à opção vocacional, às expectativas, aos projetos (tanto dos pais como dos filhos), às perdas e às separações. Tal situação tem uma dimensão simbólica de ritual de passagem, pelo qual, tanto o jovem como sua família, se defrontam com novas etapas em seus ciclos de vida. Na medida em que o novo e o desconhecido são introduzidos, podem ser geradores de ansiedade e insegurança. Certamente que o vestibular é apenas um entre outros marcos de mudança de etapas, mas, por se constituir um processo público de avaliação, adquire uma dimensão mais ampla enquanto ritual: pode significar aspectos diferentes e mobilizar sentimentos variados, tanto nos pais como nos filhos.

O momento cronológico do vestibular coincide com o processo de separação/individuação, retomado na adolescência final, o qual, certamente, apresenta muitas repercussões psicodinâmicas. A escolha profissional é feita num momento em que o filho está se diferenciando das antigas formas de relações infantis e os pais se aproximando da denominada *meia idade*. Ao analisar o vestibular como uma situação global, simbolizando um dos momentos no processo de individuação de um filho e assumindo características de um tipo de ritual de passagem em direção a um novo patamar de vida,

consideramos que ele significa uma mudança no sentido da vida. Promove a necessidade de um redirecionamento de funções e se estabelece como um momento de reconstituição de subjetividade e de construção de novos papéis para todos os membros da família. O jovem passa a se dar conta de que inicia seu processo de independência, tendo que cuidar de sua própria vida. Reconhecemos que não há uma saída efetiva do adolescente de sua casa por ocasião da entrada em uma universidade, uma vez que os estudos continuam por vários anos durante os quais muitos jovens permanecem na dependência dos pais prolongando, assim, a adolescência. O momento do vestibular, no entanto, alerta a família para o fato de que a separação de um de seus membros está se aproximando. Isto pode representar, para os pais, a reatualização de suas próprias escolhas, uma avaliação de sua experiência parental e uma maior conscientização de sua entrada na meia idade, com todas as fantasias que tal passagem possa mobilizar. Na presente investigação, utilizaremos os termos *separação*, *individuação* e *autonomia* para nos referirmos aos processos psicológicos gerais e *diferenciação* para nos referirmos a este momento específico do desenvolvimento da identidade, pelo qual o jovem, ao escolher uma profissão que é sua escolha, também, *quem ser*, através de um *que fazer*.

A influência dos fatores familiares na elaboração de um projeto de vida pode ser considerada sob diversos ângulos. Se analisada a partir do jovem que escolhe, verifica-se que a família, como o primeiro grupo de referência do indivíduo, é de grande influência na transmissão de valores. Lucchiari (1992) refere que, pela sua própria função de socialização primária, a família estabelece uma intermediação entre o filho e a sociedade de tal forma que, antes mesmo de nascer, a criança já tem um lugar social e um lugar na vida psíquica de sua família.

Segundo Bohoslavsky (1977), a identidade ocupacional é um aspecto da identidade do sujeito e a dificuldade em escolher indica uma problemática para integrar as diversas antíteses que compõem as identificações do sujeito; ou seja, quem ele é vs. quem não é; quem pode ser vs. quem não pode ser, e assim por diante. A estruturação familiar, as experiências de sucesso ou de fracasso tornam-se a base do auto-conceito que vai, ou não, permitir uma maior autonomia na elaboração de um projeto pessoal de vida.

Considerando-se a questão do ponto de vista dos pais, verifica-se que suas reações chegam a ser mais ambivalentes e complexas que as dos filhos. Segundo Osório (1996-a), os pais descobrem que seus filhos não são mais “suas crianças”: temem ser ultrapassados por eles, diante de sua evolução, e lamentam pelo seu tempo já passado. O adulto espera que o adolescente não o decepcione, mostrando que o criou adequadamente, mas, ao mesmo tempo, vê o filho como rival. De modo ambivalente, os pais, enquanto desejam que os filhos cresçam e se tornem independentes, reforçam muitos comportamentos de dependência como forma de evitar enfrentar seu próprio envelhecimento e declínio.

As mudanças verificadas na família atual podem estar na base da dificuldade que os jovens enfrentam em sair da situação de dependência para a de autonomia. Existe hoje, segundo Osório (op. cit.), a busca de um novo equilíbrio no jogo de poder entre os membros de uma família: *“entre marido e mulher, em função da nova ordem sexual e da redistribuição de seus papéis tanto no contexto familiar como no mercado de trabalho; entre pais e filhos, pela ascensão do poder jovem e a conseqüente revisão da autoridade parental...”*(p. 52).

A estruturação familiar e suas repercussões no desenvolvimento e no comportamento individual podem ser analisadas a partir de diversos campos do conhecimento. Os questionamentos filosóficos a respeito da construção da subjetividade

(Figueiredo, 1996) apontam para os eixos fundamentais das éticas liberais, românticas e disciplinares que, através de seus confrontos, alianças e relacionamentos ambivalentes, determinam os valores, costumes e hábitos que serão os parâmetros para a constituição do sujeito. Do ponto de vista social, Berger e Luckmann (1973) compreendem a sociedade como uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva e referem que o indivíduo, enquanto participante da dialética da sociedade, nasce com uma predisposição para a sociabilidade. Embora reconhecendo a importância de tais estudos, focalizaremos a questão a ser pesquisada a partir do campo da psicologia clínica e, mais especificamente, da psicologia da família. Isto porque buscamos uma escuta de significados, uma apreensão dos aspectos conscientes e inconscientes que permeiam o momento de escolha com todas as possibilidades de separação nele implicadas, de um indivíduo, inserido num determinado contexto familiar em uma determinada realidade social .

Considerando que, historicamente, o papel de responsável pelo desenvolvimento da afetividade e pela educação dos filhos tem sido atribuído à mulher, o desempenho do filho (a) por ocasião do vestibular, de alguma forma avalia também a qualidade do papel da mãe. Dai termos, na investigação, focalizado a figura de autoridade feminina. Analisado a partir de depoimentos, o olhar materno será o foco que iluminará o contexto familiar e nos ajudará a compreender melhor qual o significado que a situação do vestibular assume para a mãe, que sentimentos mobiliza na família e se a vivência da simultaneidade das passagens dos pais e dos filhos para novas etapas de suas vidas pode se constituir como um fator de influência no momento da escolha profissional dos jovens.

A presente pesquisa procurará apreender o significado dos sentimentos existentes na família, no momento da escolha profissional do filho. A questão nos leva ao problema do desenvolvimento do ciclo da vida familiar, suas passagens, e os rituais que assinalam as

mudanças inerentes às entradas e saídas de etapas distintas. Cada um desses aspectos pode ser analisado não apenas do ponto de vista psicológico, como também do antropológico e do social.

Considerando os aspectos acima, é nossa intenção aprofundar o tema, a partir do ponto de vista da psicologia clínica, e realizar uma investigação científica junto a mães de filhos (as) de classe média do Recife, que estejam experienciando a situação do vestibular pela primeira vez. A pesquisa terá por objetivo compreender quais os sentimentos que as mães apresentam frente a este momento do processo de separação/individuação do jovem adolescente enquanto simbolizado pela situação do vestibular, e os possíveis efeitos de tais sentimentos na escolha vocacional/ocupacional dos filhos. Objetiva ainda, analisar qual o significado que o vestibular assume para a mãe e se o confronto de passagens está se constituindo num fator de influência na escolha profissional.

Em termos da prática profissional, a pesquisa contribuirá para a compreensão de *como* essa influência se manifesta na família de hoje. Considerando as características do contexto social atual e seus efeitos nas organizações familiares, muitos papéis mudaram, assim como a qualidade dos vínculos e as formas de identificação. Uma leitura adequada dos depoimentos das mães colaboradoras possibilitará uma maior contextualização das questões emergentes nos processos de Orientação Profissional que desenvolvemos no atendimento clínico.

A questão da escolha profissional, seus elementos intervenientes e, principalmente, seus aspectos psicodinâmicos são ainda pouco pesquisados. O presente estudo poderá não apenas acrescentar uma maior profundidade ao conhecimento teórico sobre a questão da Construção da Subjetividade na Família, linha de pesquisa que seguimos no Mestrado em Psicologia Clínica da UNICAP, bem como poderá contribuir

para o desenvolvimento de intervenções mais adequadas no trabalho de Orientação Vocacional.

Algumas questões são propostas:

- Quais os sentimentos que estão sendo mobilizados pela perspectiva do primeiro vestibular de um filho(a)?
- Como as mães estão percebendo o processo de individuação do filho?
- Qual o significado que o ritual do vestibular assume para a mãe? O vestibular “toca” mais aos pais ou aos filhos? Quem se sente como mais avaliado?

Esta dissertação ficou constituída de quatro partes principais:

1. **A primeira parte** considera o quadro conceitual e foi desenvolvida através dos seguintes capítulos:

- *Família e construção de subjetividade*, no qual analisamos brevemente o conceito do termo família em termos de sua evolução histórica, suas etapas e consideramos a relação da família de hoje com o processo de construção da subjetividade.
- *Família com adolescentes: o processo de separação/individuação*, em que focalizamos o adolescente, sua busca de identidade e diferenciação pontuando, mais especificamente, a família com adolescentes: os pais diante do processo de autonomia dos filhos.
- *Família e o momento da escolha profissional* no qual caracterizamos o momento do vestibular como um ritual de passagem que simboliza o processo de diferenciação do jovem e analisamos a forma como a família se relaciona com tal processo.

- *A mãe diante de seu processo de separação de um filho*, em que assinalamos as mudanças sócio-históricas e as ambivalências do papel da mulher na nossa cultura considerando, mais especificamente, a relação mãe/filho: as reações geradas na mãe pela perspectiva da proximidade da separação/individuação do filho.
2. **A segunda parte** engloba os objetivos e a metodologia adotada na investigação: a análise das questões propostas e a apresentação clínica dos depoimentos das mães. A pesquisa será qualitativa exploratória, buscando através da análise dos depoimentos, apreender o significado dos sentimentos das mães colaboradoras frente ao momento do vestibular dos filhos.
 3. **A terceira parte** integra os dados dos depoimentos com o quadro teórico desenvolvido, propondo-se a responder às questões iniciais desta pesquisa.
 4. **A quarta parte** apresenta as conclusões a que chegamos a partir da investigação e propõe caminhos para intervenções no processo de facilitação da escolha profissional.

PARTE I
REFERENCIAL TEÓRICO

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta primeira parte tem por objetivo desenvolver o quadro conceitual que fundamentará a análise dos dados obtidos através dos depoimentos das mães colaboradoras buscando responder às questões formuladas acerca de seus sentimentos frente ao vestibular do filho (a).

O referencial básico segue uma linha clínica, numa abordagem psicanalítica à compreensão da dinâmica da interação mãe/filho em uma etapa de vida que sinaliza o processo de individuação/separação do jovem. Nesse sentido, procuramos não apenas apreender o significado explícito das questões, mas também os aspectos inconscientes do seu dinamismo.

Considerando que estamos lidando com o vestibular, o qual acarreta uma avaliação social e educacional que também envolve a questão da escolha e dos projetos de vida, buscamos também olhar o problema a partir de uma dimensão social.

1. FAMÍLIA E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

1.1. Pensando famílias: um pouco de história

Os estudos acerca da instituição “família” provêm das mais diversos campos do saber, o que torna sua definição bastante difícil. Alguns conceitos que encontramos no dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1977) são: “*peçoas aparentadas que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos*” ou então, “*peçoas do mesmo sangue*”. Ou, dito de outra forma, “*família é um grupo de peçoas cujos relacionamentos entre si estão determinados por laços de parentesco*”. No entanto, tais definições, que assimilamos como verdades, não levam em conta os processos sócio-históricos que nos levaram a chamar de família a este tipo de estruturação: pai, mãe e filhos.

Segundo Prado (1981), a família não é um simples fenômeno natural: é uma instituição social que varia através da História podendo apresentar formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado.

Osório (1996 a) refere que

“a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão somente de descrições; ou seja, é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano” (p.14).

O autor caracteriza a família através de um conceito operativo pelo qual esta seria uma unidade grupal na qual se desenvolveriam três tipos de relações pessoais: aliança

(casal), filiação (pais e filhos) e consangüinidade (irmãos). Refere que, além de seus objetivos genéricos que seriam: preservar a espécie, nutrir e proteger a descendência e fornecer-lhes condições para a aquisição de suas identidades pessoais, a família desenvolveu, ainda, através dos tempos, funções diversificadas de transmissão de valores éticos, estéticos, religiosos e culturais.

Duarte (1995) reconhece a variedade de formas e sentidos da família que se encontram nas ciências sociais e sugere que, embora a antropologia proponha uma multiplicidade na universalidade, melhor seria negar tal universalidade e reconhecer na família um fenômeno recente que assume características culturais. O autor faz uma distinção entre *família* e *parentesco*, conceituado como uma relação entre pessoas que se vinculam pelo casamento ou cujas uniões sexuais geram filhos ou ainda, que possuam ancestrais comuns. O autor refere que este sim, é universal, enquanto que aquilo que denominamos *família* no Ocidente Moderno é, como tantas outras categorias, “*exclusiva de nossa cultura central, por força dos agenciamentos de valores muito próprios que fundam e justificam*” (p. 27).

Ariès (1981), ao descrever a história social da criança e da família, refere que, na sociedade antiga, a duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil e logo a criança passava a viver em outras casas que não a de seus pais. A família antiga tinha por função a conservação dos bens, a ajuda mútua e a sobrevivência. A função afetiva não existia, embora, segundo o autor, o amor pudesse estar presente. O *sentimento de família*, concebido como aquele que engloba todas as emoções inerentes à pessoa, só surgiu a partir do século XV, com o início da privatização do espaço familiar que permitiu a emergência de um sentimento novo entre seus membros, e principalmente, entre mãe e criança. Souza (1997) estabelece uma relação intrínseca entre o sentimento de infância e o de família e

refere que tal privatização dos espaços gerou mudanças importantes: a família concentrou-se em torno da criança e os laços afetivos se intensificaram; o direito dos primogênitos passou a ser contestado surgindo, assim, os sentimentos de igualdade pelos quais a escolarização deixou de ser privilégio de poucos membros. A função da família, embora com características específicas em cada momento de seu ciclo, foi ampliada: além de preservar a integridade física de seus membros, tornou-se também responsável pelo bem estar emocional do grupo familiar.

Poster (1979) descreve quatro modelos básicos de estrutura de família fundamentados na história européia: a *família burguesa* do início do século XIX, as *aristocrática* e *camponesa* dos séculos XVI e XVII e a da classe *trabalhadora* do início da revolução industrial. Embora salientando que outros tantos modelos podem ser desenvolvidos, o autor propõe que a família moderna tenha surgido a partir dos valores da burguesia: os papéis eram rigidamente definidos; as relações entre os membros apresentava intensidade emocional; a privacidade era sempre respeitada e as questões ligadas à moralidade, virtuosidade e renúncia eram prioritárias.

Carter e McGoldrick (1995), Andolfi, Angelo e Menghi (1984) e outros teóricos da psicologia da família tendem a considerá-la como um sistema aberto que estabelece trocas com o meio e cuja organização ultrapassa a simples soma de diferentes individualidades: um sistema vivo que se movimenta no tempo e se desenvolve em diferentes etapas. Carter e McGoldrick (op. cit.) oferecem uma visão do ciclo de vida em termos do relacionamento intergeracional e descrevem seis estágios do ciclo vital: *a) jovens solteiros saindo de casa; b) o novo casal; c) famílias com filhos pequenos; d) famílias com adolescentes; e) lançando os filhos e seguindo em frente e f) famílias no estágio tardio da vida.* As autoras referem que o estresse familiar é geralmente maior nos

pontos de transição de um estágio para outro, freqüentemente criando rompimentos no ciclo. Cada momento de transição requer uma mudança no status do próprio sistema familiar e mudanças específicas. As autoras estabelecem que os aspectos nucleares, as tarefas de cada estágio, de uma forma geral, são: a expansão, a contração e o realinhamento dos relacionamentos para adequar-se à entrada, saída e desenvolvimento de novos membros, de forma a manter o funcionamento adequado do sistema. Sendo formado por subsistemas, o sistema familiar é possuidor de fronteiras e estabelece trocas com o meio. É a maior ou menor permeabilidade de tais fronteiras que vai permitir ou impedir a expansão, contração e/ou realinhamento dos relacionamentos em cada passagem de uma etapa para outra, principalmente nas situações dos conflitos e dos confrontos de etapas diferentes em gerações que vivem um mesmo momento. Tal mistura de gerações tem efeito importante no relacionamento dos membros e pode gerar disfunções em determinados pontos nodais.

As autoras descrevem, também, os fluxos de ansiedade da família nas seguintes dimensões: a) *verticais*, que incluem os padrões de relacionamento e funcionamento transmitidos para as gerações seguintes, tais como: tabus, atitudes, expectativas, rótulos e b) *horizontais*, produzidos pelos estresses na família provocados pelo movimento do tempo, as mudanças no ciclo de vida, tanto as predizíveis do desenvolvimento normal, como os eventos imprevisíveis que podem romper o processo do ciclo de vida. O grau de ansiedade gerado pelo estresse nos pontos de convergência dos eixos verticais e horizontais, determinará a maneira como a família conseguirá lidar com as transições ao longo da vida. Considerando os objetivos da presente investigação, salientamos que como o vestibular, no Brasil, acontece na adolescência final, ele pode se constituir em um dos estressores horizontais descritos pelas autoras.

Figueira (1986) analisando a evolução da família de classe média brasileira, focaliza a convivência do moderno com o arcaico. O autor diferencia o *ideal familiar hierárquico* que predominava na década de 50, o qual era organizado, mapeado, com papéis intrinsecamente diferenciados, com identidades posicionais definidas em termos de sexo e idade e que se assemelha às características da família burguesa descrita por Poster (op. cit.), do *ideal igualitário*. Neste modelo, a identidade é idiossincrática: apoia-se na maneira pessoal de sentir e se comportar e as diferenças individuais são vistas como mais importantes que o sexo, a idade e a posição. O autor salienta que tais aspectos existem no plano do ideal, que as famílias concretas, mesmo vivenciando conflitos, insistiam em perseguir. Figueira (op. cit.) aponta ainda para a ambigüidade da modernização da família brasileira e pontua para a dimensão invisível, o imaginário, da forma como se dá a passagem de um ideal para o outro. Refere que a velocidade com que os novos tipos de ideais de identificação se sucedem, um desalojando o outro sem alterá-los, leva ao que ele denomina de *modernização reativa*. Nesta, um conteúdo moderno é utilizado para funcionar como bloqueador de conteúdos arcaicos que permanecem inconscientemente ativos e resultam em uma forma de desmapeamento, uma ausência de referências claras. O autor conclui que, na realidade, não há uma nova família brasileira pois, nela, o moderno e o arcaico convivem de modo sutil e complexo.

No entanto, temos que reconhecer que a família de hoje está mudando e Souza (op. cit.) cita a conceituação proposta pela ONU: “*Família es la gente con que uno cuenta*” que altera a concepção da família nuclear, composta de pai, mãe e filhos e que cada dia mais vai se tornando menos freqüente. Transformou-se quase que em uma fantasia: a família do desejo de cada um. Novas configurações familiares aparecem na realidade atual,

deixando suas marcas na construção das subjetividades individuais e na qualidade dos vínculos afetivos familiares.

1.2. Família e Subjetividade

A perspectiva psicanalítica propõe uma subjetividade construída *por e na* cultura, e postula a importância do vínculo primordial na construção do sujeito. Pela sua própria condição de imaturidade biológica e de desamparo, a busca do outro – a mãe - é inevitável e constituinte. Rojas e Sternbach (1994) consideram que o sujeito é produto do mundo sociocultural, ao mesmo tempo transmissor e gerador da cultura que nele se inscreve através dos grupos e instituições, entre eles a família. A autora pontua que o O discurso familiar antecipa o nascimento de cada sujeito e o investe desde antes de sua chegada. Além disso, ele desenvolve expectativas, desejos e ordens, ditadas não apenas pelas modalidades específicas do funcionamento inconsciente da estrutura familiar em si, mas relacionados com as aspirações inerentes ao ideário de cada época e visando a constituir subjetividades coerentes com os conteúdos culturais vigentes. A cultura espera, de cada sujeito que a constitui, o cumprimento de suas expectativas de continuidade e, em contrapartida, lhes oferece uma pertinência geradora de um sentimento de identidade, uma sustentação equivalente às funções parentais.

Que tipo de subjetividade está sendo construída pela família de hoje?

Neste final de milênio vive-se a insegurança frente à queda dos antigos valores e a emergência de novos paradigmas. Valores essenciais das instituições ocidentais tais como Deus, Ser, Razão, Família e outras estão sendo desacreditados. Promoveu-se o nada, o vazio e a falta de sentido da vida. Sem deuses, sem certezas absolutas e sem ilusões, só restou, ao indivíduo, entregar-se ao prazer imediato, ao consumo, ao culto de si. A

informação e a mídia criaram o mundo virtual para substituir o real que é destituído de sentido: a realidade se perde na fantasia. O Pós-Modernismo invadiu o cotidiano com a tecnologia, visando à saturação com a informação, diversões e serviços, programando, cada vez mais, nosso dia-a-dia, produzindo sociedades de consumo personalizado, em seus novos templos, os *shopping centers*. As mudanças tecnológicas invadiram todas as áreas do viver humano e afetaram, inclusive, as formas de relação da sexualidade, agora banalizada, com a procriação: surgiram os bebês de proveta, os clones, as mães de aluguel, todos gerando mudanças na família que parece não ter respostas para os problemas da convivência em um mundo sem certezas pré fixadas (Santos, 1986).

Como representantes da “geração sanduíche”: filhos da Modernidade e pais/aprendizes da Pós-Modernidade, os membros da família não conseguem ainda compreender as mudanças que estão acontecendo, pois elas são rápidas e intensas demais. Tentam, pela “modernização reativa” conviver com o antigo e o novo, mas confundem os papéis, apresentam comportamentos e mensagens contraditórios que, possivelmente, repercutem no processo de formação de identidade e, conseqüentemente, no processo de escolha profissional dos filhos (Oliveira & Dias, 2000 a).

Outras organizações familiares já são freqüentes na realidade atual, cada uma com suas especificidades psicodinâmicas e sociais, gerando efeitos na construção da subjetividade. A família nuclear está menor e mudou com as freqüentes separações e as entradas e saídas de novos membros. Tudo isto repercute nos processos identificatórios, que estão na base das escolhas profissionais.

Souza (op. cit.) refere que as famílias monoparentais (e nelas incluímos também as produções independentes), predominantemente constituídas por mãe e filho(os) tendem a estabelecer relações fechadas que dificultam o desenvolvimento da individualidade do(s)

filho(s) pela ausência da figura do pai e a conseqüente triangulação estruturante. Com as mudanças posicionais do novo ideal igualitário, com a busca de indiferenciação entre as gerações, Costa (1997) assinala que os pais saem do seu papel para serem 'amigos' dos filhos, deixando uma lacuna no lugar da figura de autoridade. Com os vínculos fraternizados, o adolescente não tem com quem competir, desafiar ou processar lutos. Sem a rivalidade edípica, estabelece-se uma luta narcisista onde os pais fantasiam moldar os filhos à sua própria imagem com o objetivo de negar o tempo que passa. Por ocasião da escolha, a 'modelagem' pode aparecer como interferência direta: com exigências e expectativas que não reconhecem, no jovem, o direito de traçar seu próprio caminho. Costa (op. cit.) refere ainda que o enfraquecimento da figura paterna é responsável pela falência dos processos de educação e inversão dos ideais.

Para Andolfi, Angelo e Menghi (1984) a ligação estrutural que ajuda a determinar a autonomia individual em cada membro da família é caracterizada pela relação triangular entre os pais e a criança e pontuam que, numa relação dual, exclusiva, não é possível ocorrer diferenciação se nenhuma das duas partes envolvidas é capaz de estabelecer uma relação com uma terceira parte. Mais adiante, os autores continuam:

Esse processo de separação/individuação requer que a família passe por fases de desorganização, na medida em que o equilíbrio de um estágio é rompido em preparação para a mudança para um estágio mais adequado. Essas fases de instabilidade, caracterizadas por confusões e incerteza, marcam a passagem para um novo equilíbrio funcional. Isso pode acontecer somente se a família é capaz de tolerar a diferenciação de seus membros. (p.19)

A capacidade do jovem de se autonomizar reside, no entanto, não só na possibilidade dos pais tolerarem ou encorajarem a separação psicológica dos filhos,

estimulando comportamentos de exploração, mas também na qualidade emocional do vínculo que liga pais e filhos adolescentes e na possibilidade de os genitores se oferecerem como modelos identificatórios adequados.

É preciso salientar, no entanto, que as mudanças não têm, necessariamente, consequências negativas – representam formas diferentes de relacionamento que devem ser consideradas quanto aos efeitos que têm na construção das subjetividades. Filhos de famílias monoparentais podem tornar-se mais autônomos, menos fixados a relacionamentos superprotetores que apareciam (e aparecem ainda) em famílias nucleares. As novas configurações familiares podem ser vistas como possibilidades para o sujeito ampliar seu universo relacional de forma a incluir as figuras significativas que podem vir a fazer parte de sua dinâmica familiar.

Bucher (1999) refere que o nosso século se caracterizou pela conquista do espaço doméstico para a realização da vida privada. Tal individualização vem modificando as funções familiares: a de procriação com as produções independentes; a capacidade de assegurar o bem estar físico remete às condições econômicas em que, pressionados pelo consumismo atual, pais e mães passam a trabalhar fora para garantir a sobrevivência; a ausência efetiva dos pais leva à necessidade de delegar a outras instituições o suporte substituto para a vida afetiva e emocional.

Considerando as características da sociedade de hoje, verificamos que a infância termina mais cedo, a adolescência é antecipada e prolonga-se até quase os 30 anos, com filhos permanecendo na casa dos pais como dependentes por tempo muito mais longo. Este aspecto está diretamente relacionado aos objetivos da presente investigação, uma vez que temos salientado que o momento do vestibular aponta para a questão da individuação/separação. Ressaltamos, no entanto, que é um significado simbólico, uma vez

que a separação de fato, a saída efetiva do filho de casa, parece estar acontecendo cada vez mais tarde, não só em nosso país, mas em diversas outras partes do mundo.

2. FAMÍLIA COM ADOLESCENTES: O PROCESSO DE SEPARAÇÃO / INDIVIDUAÇÃO

2.1. Adolescência: separação e autonomia

A adolescência é o momento em que o jovem atravessa mudanças intensas e rápidas em todas as esferas de sua vida: física, social e psicológica. Recém saído de uma posição infantil, sem ainda poder ser considerado adulto, o problema básico do adolescente é estar fora de lugar. A etapa exige uma reconstrução da subjetividade, um redirecionamento da forma habitual de ser rumo ao novo e ao desconhecido. Algumas características próprias da fase são a insegurança, a busca de uma identidade, a ambivalência e a experimentação de papéis. Jerusalinsky (1997) propõe que o adolescente de hoje busca se identificar, de forma simultânea e impossível, com os personagens da ficção o *Pateta* e o *Super Ninja*. Para o autor, Pateta é o adulto, estabonado e deslocado que não saiu da adolescência, que não tem objetivos próprios e vive a vida dos outros. O Super Ninja é a figura mítica da nova tecnologia que tudo pode. O impasse seria estar identificado com a impossibilidade de fazer do Pateta e, ao mesmo, tempo encarnar o objeto da suficiência absoluta do Super Ninja. Tais são os contrastes que o adolescente precisa sintetizar. Para atingir sua identidade, definida como a consciência que o indivíduo tem de si mesmo como “um ser no mundo”, o adolescente precisa diferenciar-se, discriminar o Eu do Não Eu, experimentar papéis, selecionar identificações para que possa afinal integrá-las em uma síntese pessoal. O processo de cristalização de identidade, segundo Osório (1996 b), não se resume ao somatório das identificações prévias da

infância, mas pressupõe a integração de todas as experiências vivenciais acumuladas pelo ego no interjogo do desenvolvimento libidinal e das experiências sociais.

A vivência da adolescência implica, principalmente, na elaboração dos lutos básicos descritos por Aberastury (1986): pelo corpo infantil, pelo papel e identidade da criança e pelos pais infantis. Alguns autores acreditam que o luto do adolescente reflete, sobretudo, a perda da imagem dos pais, uma vez que as relações mútuas evoluíram e os pais da infância aparecem diferentes na fantasia do adolescente (Spénlé, 1975). Segundo esta autora, diante da perda, o adolescente apresenta sentimentos que misturam culpa e nostalgia, em virtude do desejo de retornar à situação pré-edípica e que seria o fruto do conflito entre a dependência aos pais e a revolta contra eles: regressão vs. separação. Jerusalinsky, (op. cit.) refere que o que se perde e o que se arrisca na adolescência é ganhar ou perder os pais, *“suportar a solidão real ou estabelecer laços que ele imagina como indissolúveis, substitutivos daqueles familiares dos quais precisa tomar distância para penetrar no mundo”* (p. 16).

Mahler (1975) refere que a separação/individuação é um processo de mão dupla e remete às primeiras relações com a figura materna, estabelecendo que a disponibilidade emocional da mãe é essencial para que o ego autônomo do bebê atinja um nível ótimo. Salienta que a passagem adequada pelas etapas de separação da criança exige uma boa ligação, que proporcione um “holding” suficiente, ou seja, uma mãe que tenha a capacidade de tolerar a separação e o afastamento, que possa aceitar a independência crescente do filho sem abandoná-lo. A autora caracteriza ainda os movimentos de *separação*, que consistiria na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe e a *individuação*, movimento que buscaria a diferenciação e a procura de novos objetos. Tal diferenciação nunca se completa inteiramente e certo grau de simbiotização se mantém

indefinidamente. Durante a adolescência, verifica-se a reedição da diferenciação “*eu-não-eu*” que identifica os primórdios da individuação ao longo da primeira infância. A angústia confusional da adolescência é uma função da ambivalência entre a busca da identidade e a persistência dos vínculos simbióticos remanescentes. Segundo Uchoa (In Knobel, Perestrello & Uchoa, 1981), as mudanças puberais provocam o recrudescimento das fantasias e ansiedades vinculadas ao Édipo e à castração de forma mais ameaçadora pela possibilidade da atualização das fantasias relativas ao incesto. Diante dos vínculos simbióticos residuais, o adolescente luta para se tornar independente dos antigos objetos de amor, agora representantes da dependência. Os autores referem que “*o adolescente é um dependente independente e um independente dependente*” (p.32), situação conflitiva porque de um lado existem necessidades biológicas, psicológicas e sociais ligadas à própria sobrevivência e do outro, a necessidade de libertar-se delas para garantir o desenvolvimento de sua identidade. Por outro lado, Knobel (Knobel, Perestrello & Uchoa, op. cit.) refere que a mesma situação edípica que o adolescente experimenta, é também vivenciado por seus pais. Eles revivem suas próprias experiências edípicas, criando, às vezes, situações bem complexas que podem refletir no processo de separação/individuação do filho(a).

Nichols e Schwartz (1998) analisam o ponto de vista de autores psicanalistas quanto à questão da separação/autonomia e salientam que Guntrip refere que o fracasso dos pais em aceitar o fato de que seus filhos são seres separados pode levar a transtornos no desenvolvimento da personalidade destes. Pais que não conseguem tolerar a separação ou o desvio de suas normas, reagindo aos movimentos de independência com controle excessivo podem ter filhos que não diferenciam suas próprias necessidades daquelas de seus pais e se transformam em filhos submissos e “perfeitos”. Winnicott (1997) refere que

a fachada submissa, ou falso self, só é adaptativa enquanto a criança está em casa com seus pais. O autor salienta que filhos mal diferenciados, em geral enfrentam uma crise mais forte na adolescência, momento em que surge o conflito dependência vs. independência, resultando em uma dependência continuada ou reações de rebeldia violentas que nada mais são que outra forma de manifestar a mesma submissão.

Blos (1998) sugere que, na adolescência, ocorre um segundo processo de separação/individuação e reintroduz a sistemática de Mahler na compreensão da autonomia do jovem, enfatizando a importância das relações de objeto. O autor confere a esse segundo processo de individuação o estatuto de motor ou estruturador da adolescência, acentuando a perda das dependências emocionais e afetivas e pontuando as mudanças que provocam nas relações objetais com os pais. Blos (op. cit.) refere ainda que o esforço que o adolescente faz para separar-se das dependências infantis podem inviabilizar a separação interna, levando o jovem, por vezes, a forçar uma forma de distância: física, moral ou geográfica que visaria a evitar a separação interna. O autor considera que a parte mais difícil da separação adolescente é a tarefa da desidealização dos pais da infância e que só na adolescência tardia ou pós-adolescência, com a emergência da capacidade de integração associada ao *self*, uma revisão das primeiras identificações permite um processo adaptativo.

Josselson (1980) refere que a autonomia, a individuação e a formação de identidade são fenômenos interligados e interdependentes: a individuação envolve a separação da realidade dos pais e dos pais introjetados. Tal processo ocorre ao longo da vida e envolve mudanças no grau de autonomia e ligação. Durante a adolescência permanecem tanto a necessidade de ligação com os pais como a ambivalência em relação à

autonomia. A essência desses processos refere-se à consciência progressiva da necessidade de reorganizar o mundo interno de acordo com as mudanças no desenvolvimento.

Fleming (1993) concebe o desenvolvimento psicológico do adolescente segundo um modelo de dupla espiral, composto por duas linhas de desenvolvimento - a da separação/individuação e a da vinculação - separadas, mas interligadas, adquirindo configurações diferentes segundo a fase da adolescência e seu sexo. Esta espiral dupla cria um paradoxo gerador de mudança: para poder se separar e individualizar, o jovem precisa estar ligado aos pais através de um vínculo seguro. Sem tal segurança e temendo perder o amor dos pais pelo fato de desejar se separar deles, o jovem pode refrear sua marcha em direção à individualização, comprometendo seu desenvolvimento psicológico.

Considerando a questão da individuação, a partir da perspectiva interacional, Fleming (op. cit.) refere que esta enfatiza, primordialmente, os processos interativos ou transacionais dentro da família, inter e intrageracionais, ligados ao processo de autonomia do adolescente. Tais abordagens ressaltam a importância da dimensão familiar da individuação do jovem uma vez que, ao envolver a separação dos pais, mobiliza todo o contexto do sistema.

Boszormenyi-Nagy e Framo (citado por Dias, 2000) consideram a separação dos filhos da família nuclear como um dos objetivos mais importantes para que a saúde mental seja atingida. Descrevem o processo relacional através de cinco fases sucessivas ao longo das quais a integração das percepções e das atitudes relacionais internas e externas aumenta: *a fase embrionária, a de afiliação ou simbiótica, a de individuação, a de separação e a de reinvestimento*. Referem que a fase de separação requer que os objetivos das fases anteriores tenham sido atingidos e que o jovem só poderá separar-se dos laços familiares e substituí-los por ligações extrafamiliares se tiver estabelecido e interiorizado

relações íntimas, confiantes e recíprocas com os membros de sua família. Os autores pontuam que forças familiares variadas e complexas podem obstaculizar a separação de um membro, mesmo numa família “normal”.

Outra importante contribuição, a partir do ponto de vista intergeracional, foi dada por Helm Stierlin (Dias, op. cit.) que definiu a separação como uma espiral em expansão gradual de mútua diferenciação e individuação, ocorrendo em níveis emocionais, cognitivos e morais conduzindo a uma relativa independência para ambas as partes. Stierlin ressalta a importância das percepções parentais sobre a separação no sentido em que seriam determinantes sobre todas as outras: a maneira como os pais percebem a capacidade de separação dos filhos pode vir a induzir ou inibir a separação e tais percepções parentais teriam tanto menor influência quanto maior o grau de diferenciação e maturidade do Eu adolescente. O autor descreve dois modelos de separação: *o centrípeto* altamente indiferenciador, captativo, favorecendo comportamentos regressivos, gerando culpa frente à separação, sentimentos de incapacidade e dependência; *o centrífugo*, que seria rejeitante, apresentando a realidade como fonte de gratificação e segurança, promovendo a tendência, no jovem, a buscar relações precoces com o exterior. Ambos os modelos, embora não sejam, necessariamente, patogênicos, descrevem dinâmicas familiares que podem vir a dificultar o processo de individuação. Cada modelo teria seu tipo de conflito ou modos transacionais de separação:

- *Acorrentamento* - mais comum em famílias centrípetas, corresponderia a uma forma de encadeamento afetivo, cognitivo ou moral entre jovens e pais que não conseguem separar-se adequadamente. O adolescente pode permanecer ligado por gratificação regressiva ou por laços de lealdade

arcaica. Uma possível “solução do conflito” é a expulsão dramática e dolorosa, mas com possibilidades de crescimento posterior.

- *Expulsão* – ocorre em famílias centrífugas, levando ao abandono ou rejeição contínua do adolescente. Em tais casos, a facilidade com que o jovem estabelece relações extrafamiliares não significa, necessariamente, uma autonomia, pois não tendo desenvolvido experiências de intimidade com os pais, o adolescente não consegue estabelecer relações consistentes.
- *Delegação* – presente em famílias onde interagem forças centrífugas e centrípetas, consistiria em delegar ao jovem missões que seriam desejos, conscientes ou inconscientes dos pais, e em que a autonomia é permitida ou encorajada desde que esteja em consonância com a missão que se espera que ele realize. Só a capacidade de perceber as missões que lhe são incumbidas é que vai permitir que o jovem mude a balança de poder e busque seu próprio projeto, mesmo quando os pais exploram sua lealdade e usam manobras de acorrentamento no processo.

É importante considerar que a questão da separação/individuação rompe o equilíbrio de um estágio do ciclo vital e requer que a família passe por momentos de desorganização de forma a se preparar para a mudança em direção a uma outra etapa do desenvolvimento.

2.2. A família diante do processo de autonomia do adolescente

O processo de separação do jovem acentua a questão da redistribuição do poder no grupo familiar. A crescente individuação do filho o torna cada vez mais capaz de assumir suas escolhas e decisões. O poder decisório entra em declínio, fazendo com que pais inseguros sintam um esvaziamento em suas funções. O ponto central dos conflitos passa a ser a disputa pelo poder que os pais tentam manter a qualquer custo.

Small, Eastman e Cornelius (1988) analisaram a relação entre a autonomia do adolescente americano e o nível de estresse parental considerando aspectos como as transformações nos laços emocionais, a crescente influência do grupo em detrimento da dependência aos pais, a aquisição de uma maior liberdade de escolha e a experimentação de papéis. Os autores concluíram que o “período tempestuoso e estressante” que costuma definir a adolescência, aplica-se mais aos pais e salientaram que o estresse é mais elevado em pais com filhos na adolescência inicial resultante, talvez, da dificuldade que encontram em lidar com a rapidez das mudanças puberais, sociais e psicológicas que ocorrem nos jovens.

O período no qual o jovem conclui o ciclo médio de ensino e prepara-se para entrar em um faculdade ou no mercado de trabalho alerta a família para a possibilidade de saída de casa, dado marcante para o processo de autonomia. Mesmo considerando o que foi referido acima quanto ao fato de tal saída ser, em grande número de casos, apenas simbólica devido à permanência do jovem de hoje na casa e/ou dependência dos pais por mais tempo, a literatura acerca desse tipo de saída natural salienta os problemas de separação e crises de identidade propiciadas por tal momento da vida familiar. Sullivan e Sullivan (1980) realizaram uma pesquisa nos Estados Unidos, enfocando as separações

naturais ocorridas entre adolescentes e seus pais objetivando demonstrar a tarefa paradoxal, tanto para os pais como para os filhos de aumentar a independência (no caso dos filhos) ou permitir a independência (no caso dos pais) enquanto mantêm o nível de afeto e comunicação de forma positiva. A amostra foi constituída de 242 adolescentes, que haviam concluído o ensino médio, e seus respectivos pais sendo que 104 jovens foram para faculdades longe de casa e 134 ficaram em casa indo para a faculdade todos os dias. Os autores levantaram a hipótese de que pais e filhos responderiam à saída de casa tornando-se mais independentes uns dos outros, aumentando os aspectos afetivos e comunicativos do relacionamento, uma vez que ambos estariam preparados para tal momento. Os autores concluíram que a separação resulta em mudanças nas relações de ligação entre os jovens e seus pais. Esperava-se que os jovens que foram para a faculdade longe de casa aumentassem mais o afeto em relação aos pais que os jovens que ficaram em casa. Os dados comprovaram a hipótese para os jovens e para as mães, mas não para os pais. Os universitários que saíram de casa perceberam-se como tendo melhor comunicação com os pais, mas os pais não apresentaram a mesma percepção. Os jovens que saíram e seus pais (genitores masculinos) perceberam um aumento de independência no relacionamento, mas as mães tenderam a perceber os filhos que saíram como mais dependentes delas.

Fleming (op. cit.) sugere que os pais repetem com os filhos, de diferentes maneiras, degraus do seu próprio desenvolvimento e que, em algumas circunstâncias, conseguem resolver seus conflitos *a posteriori*. A autora cita alguns estudos como o de Elson, junto a pais de alunos que saíram para a faculdade e que começaram a reexaminar seus compromissos, quer na relação conjugal, quer com os filhos. Alguns iniciaram uma luta pela sua independência como competidores contemporâneos dos seus filhos, não em fantasia, mas agindo sobre seus problemas não resolvidos.

Na medida em que o jovem avança na etapa da adolescência, suas modificações vão gerando um tipo de estranhamento nas relações com os pais. Corso e Corso (1997) propuseram como metáfora para o estado de espírito dos pais quando os filhos se tornam adolescentes e, conseqüentemente, “unheimlich” (estranhos) para eles o termo: *game over*, expressão que aparece no *videogame* quando se perde um jogo. Ela indica que as chances acabaram e, mesmo que se tenha feito boa pontuação, de nada adianta tentar manipular os controles, pois o jogo acabou. O autor faz do termo uma analogia para a sensação de que o tempo que os pais tinham para educar seus filhos acabou: os controles não funcionam mais. Considera ainda que, embora muito se fale nos lutos da adolescência, quem mais perde são os pais, que deixam de ser poderosos e amados como antes. Daí talvez, possamos aqui retomar a frase do adolescente que referimos na introdução: “adolescência é o vestibular dos pais”, pois muitos, sentindo-se avaliados negativamente, jogam a toalha, desistem, acham que nada mais podem fazer. Na realidade, a importância do papel dos pais não termina aí. Corso e Corso (op. cit.) referem que o que acabou não foi o jogo (*game*) e sim o sonho (*dream*). É a morte do filho/posse/idealizado. É a morte dos pais reais enquanto suporte do ideal. “ *Os pais não reconhecem naquele filho o fruto de seus melhores esforços; por seu lado, o adolescente não quer se reconhecer no que tem de sobredeterminação paterna em cada poro*” (p. 88). Surge um estranhamento que é, para os autores, parte intrínseca do papel dos pais na adolescência: “*os pais se espelham na nova imagem do filho crescido, mas o que vêem nos corpos viçosos não são eles: eram eles, e não são mais*” (p. 88). Precisam, então, confrontar-se ou talvez negar, o vislumbre da meia idade e tentam nivelar-se aos filhos num processo de idealização invertida que, conseqüentemente, repercute no desenvolvimento das identificações. Os filhos, assim idealizados, demandam. Os pais, sentem-se culpados, julgam-se em falta naquilo que

acham que deveriam ser e procuram compensar os filhos por tudo que acham que eles não têm.

Preto (1995) pontua que todas as transformações ameaçam apegos anteriores e a adolescência desencadeia sentimentos de perda e medos de abandono na maioria das famílias. A autora refere que os pais, por vezes, sentem um vazio quando os jovens passam a ter maior independência, pois não são mais necessários da mesma maneira e a natureza de seus cuidados precisa mudar.

Blay Levinsky (1998) assinala as contradições que os pais e filhos adolescentes se defrontam justamente por estarem vivendo momentos novos, de transformações e refere que é comum os pais projetarem suas angústias nos filhos, produzindo o conhecido “bode expiatório” do problema. Salienta que a dor de se defrontar com o envelhecimento pode, por vezes, provocar o sentimento de que não sobra mais espaço para nada na vida, só para os filhos e para a família. A autora conclui que, caso a relação do casal não esteja bem estruturada, acaba por romper-se durante a adolescência dos filhos.

Em relação ao tipo de projeção de angústia por parte dos pais nos filhos, podemos exemplificar através da pesquisa que realizamos junto a 28 jovens vestibulandos e suas respectivas mães buscando identificar o significado que o vestibular tinha para os dois grupos. Através das respostas aos questionários semi-estruturados, verificamos que as mães utilizam termos como guerra, tensão, stress e suplício para descrever o significado que achavam que o filho atribuía ao vestibular, enquanto os jovens o descreveram como uma avaliação injusta e/ou como mais uma barreira, mais uma prova na vida. Concluímos que as mães tenderam a atribuir, aos filhos, seus próprios sentimentos, pois ao descreverem a forma como elas próprias percebiam o momento do vestibular, usaram palavras como tormento, guerra de nervos, e similares. Como seus filhos, as mães estão enfrentando a

mudança, a reconstrução da subjetividade, começando a considerar a entrada na meia idade, a elaborar perdas pelo conhecido. O jovem abre mão da infância e enfrenta o futuro desconhecido, mas esperançoso. Talvez por isto descreva o vestibular como “mais uma prova, uma barreira, um início”. A mãe abre mão do filho/criança, defronta-se com seu processo de autonomia e diferenciação. Seu futuro é menos “otimista” que o do filho, talvez por isto sua descrição do momento seja: um tormento, um suplício, uma guerra de nervos – tamanha é sua ansiedade, que se defende negando-a ou projetando-a no filho (Oliveira & Dias, 2000 b).

Como outros momentos de mudança de etapas no ciclo de vida, os primeiros passos em direção à entrada no mundo adulto são assinalados por rituais diversos: a chave de casa, o título de eleitor, o primeiro emprego, e tantos outros. O momento da escolha de uma profissão é um marco no processo de diferenciação do adolescente e, como tal, é gerador de ansiedades que repercutem no contexto familiar e refletem os sentimentos que estão sendo gerados pela busca de autonomia por parte do jovem. Sendo uma etapa de mudança, possui também seus rituais. Torna-se, portanto, necessário analisar o significado do vestibular como um ritual que assinala tal momento de passagem.

3. O MOMENTO DA ESCOLHA PROFISSIONAL

3.1. O vestibular enquanto ritual de passagem

Rituais de passagem são instrumentos da sociedade para promover ajustamentos que são inerentes a ser macho ou fêmea, idoso ou novo, ou pelos desafios decorrentes das novas etapas no ciclo de vida familiar. Considerando a ótica das Ciências Sociais, os ritos de passagem são convencionados pela cultura e assinalam momentos críticos da vida, com a família desenvolvendo um papel secundário.

Friedman (1995) contesta tal primazia da cultura quando pontua que é a família que determina a qualidade emocional da ocasião e, conseqüentemente, o sucesso da passagem. Em última análise, para o autor, é a família e não a cultura que estabelece quais os ritos que devem ser cumpridos. Tão importante é o seu papel que pode-se dizer que é o contexto familiar e não apenas um de seus membros que está fazendo a passagem, o que pode ser observado pela ansiedade causada em todos no grupo durante os diversos rituais nas diferentes culturas.

Quinn, Newfield e Protinsky (1985) pesquisaram os ritos de passagem em famílias com adolescentes e salientaram que eles acompanham quase todas as mudanças de lugar, estado, posição e idade, sendo construídos pelas sociedades para reduzir a confusão acerca das mudanças de papéis e posição social promovidas pela idade. Os autores, por considerarem que os ritos de passagem aumentam a interação familiar e que a ausência de rituais significativos contribui para a rigidez e imobilidade do sistema, desenvolveram rituais de passagens que, ao serem incorporados como estratégias na atuação terapêutica, objetivariam facilitar as mudanças por ocasião dos movimentos do ciclo vital da família.

Jeammet (1983) analisou o significado dos rituais adolescentes nas diversas sociedades e referiu que os ritos de iniciação representam uma resposta da sociedade dos adultos às mudanças dos adolescentes. Tais mudanças podem ser consideradas como um encaminhamento que deve levar o jovem a separar-se do mundo familiar da infância para se afirmar no mundo ainda estranho do adulto. Os rituais representariam possíveis formas de controle do encaminhamento e da progressão do jovem. Muitos dos ritos são dominados pela importância dada à inscrição corporal, pelo papel desempenhado pela violência e pela ambigüidade do significado do próprio rito, que esconde tanto ou mais do que mostra. O autor pontua que o ritual toca todos os membros de uma certa faixa etária, possui uma organização característica, exclui os desviantes e, praticamente, reduz o adolescente à conduta ritual. Jeammet (op. cit.) refere que as interpretações do significado dos ritos variam com os diversos modelos teóricos e salienta que o modelo psicanalítico mais clássico os vê como manifestações da proibição do incesto: a iniciação teria como efeito *separar a criança da mãe*, reforçando a proibição do incesto e conseguindo a submissão dos jovens do sexo masculino ao poder dos adultos mais velhos. Tal interpretação é particularmente significativa para nossa investigação, uma vez que percebemos o vestibular como simbolizando um tipo de ritual de passagem e buscamos verificar os sentimentos que ele suscita na mãe.

Os rituais de passagem na adolescência visam marcar a ruptura do jovem com seus laços domésticos e consagrar a saída da vida restrita à família para a vida comunitária (Levinsky, 1998). O autor salienta que as condições exigidas envolvem aspectos difíceis e complexos que tornam esta fase de transição mais prolongada e mais penosa, mas através dos ritos – que variam conforme o tempo e a cultura- o jovem percebe-se como sendo introduzido e introduzindo-se na sociedade adulta. O jovem índio de ontem carregava uma

pesada tora e alcançava seu reconhecimento. “*Hoje, o grafiteiro usa de sua arte para subir no último andar de um prédio. Transgride normas de segurança e a lei estabelecida. É a glória do desafio. Faz-se presente ao mundo, que de outra forma o ignora.*” (p. 23) Levinsky (op. cit.) refere ainda que muitos atos de vandalismo, baderna, uso de drogas e rachas de automóveis fazem parte dos rituais de passagem da pós-modernidade. O autor salienta que, na essência, os ritos da adolescência são os mesmos em relação àqueles das culturas primitivas. Eles se caracterizam pelo desafio, coragem, descoberta dos próprios potenciais físicos e psíquicos – apenas mudam a expressividade das manifestações sociais e afetivas dos jovens, mas não sua essência.

Van Gennep (1978) refere que todos os rituais de passagem apresentam três fases: separação, limiar e agregação. A *fase de separação* abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições sociais ou ambos. A *fase limiar* é uma etapa transitória, um estar no meio, entre posições. A *fase da agregação*, finaliza a passagem.

Levenfus (1997) estabelece que, como ritual, o vestibular requer normas e práticas determinadas pela sociedade. O jovem vestibulando vive sua *fase de separação* ao ser segregado das demais classes do ensino médio logo cedo pela demarcação de áreas específicas, faz inscrição (ou mais de uma) muito antes das provas e que exige a definição de uma identidade profissional, representada pela necessidade de possuir uma carteira de identidade no ato da inscrição. As pressões familiares exigem o estudo, culpabilizam as saídas para o lazer e a separação é marcada por perdas.

A autora refere que o momento de maior angústia, a *fase limiar*, é o período que vai das provas até a divulgação dos resultados. O próprio nome, vestibular já indica a situação: *vestíbulo* é o espaço entre a rua e a entrada do edifício e remete à própria essência

do momento adolescente, uma etapa transitória, um estar no meio, entre posições. Turner (1974) refere que estar no limiar pode ser comparado à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão e à bissexualidade. O vestibulando, por não ser “coisa nenhuma”, apresenta-se humilde, passivo, obediente, aceitando tudo sem reclamar. Paga caro por cursos e inscrições múltiplas, submetendo-se ainda a horários rígidos. O autor salienta que os vestibulandos são um misto de submissão e santidade, santificados pelo sofrimento imposto pelo rito. Levinsky (op. cit.) pontua que a submissão dos jovens ao rito, mesmo quando dolorosa, demonstra o significado que estes assumem em termos de dignidade e aceitação pela sociedade adulta. Os rituais possibilitam o desenvolvimento de sentimentos de segurança, auto-estima e confiança que abreviam a resolução da vivência da adolescência e seus conflitos.

Finalmente, a *fase da agregação*, que vai da divulgação dos resultados até os primeiros meses da faculdade, consoma a passagem.

Teixeira (1981) assinala que, além de apresentar as características de um ritual de iniciação, no Brasil, o vestibular constitui-se como uma barreira institucionalizada. Considera ainda que a essência de qualquer rito de tal natureza é proclamar a condição de passagem que não é apenas por ele autorizada, mas também esperada. Analisa, no entanto, que, como o vestibular não autoriza a passagem da esmagadora maioria que a ele se submete, constitui-se como uma barreira social ritualizada: “uma forma de obstáculo com que a sociedade dificulta o acesso a grupos ou instituições e dificulta a mobilidade social” (p.1578). O autor salienta a forma perversa com que o sistema educacional oculta sua insuficiência operacional, atribui ao aluno a responsabilidade pela sua passagem, eximindo, ao mesmo tempo, o sistema social da sua. Os excluídos introjetam de tal forma a culpa pelo êxito ou fracasso que não contestam a situação nem reivindicam mudanças.

E o sistema está longe de ser perfeito. Se considerarmos as características do mundo ocupacional de hoje com suas tendências à globalização, verificamos que a crise econômica vem influenciando o mercado de trabalho, provocando mudanças nas relações de trabalho, promovendo o desemprego crescente e interferindo diretamente na adequação de uma escolha profissional. Autores como Castro(1994) e Macedo (1998) assinalam que verifica-se hoje, no Brasil, uma distância entre as exigências do mercado e a preparação que é dada pelas instituições de ensino, de tal forma que o índice de evasão em grande parte das universidades é alto desde os períodos iniciais. Castro (op. cit.) pergunta como formar artesões num país no qual todos querem ser escribas, onde apesar da necessidade de técnicos, há uma exigência atual do diploma universitário para funções cada vez mais simples. Tal exigência cria ilusão de que todos são iguais em termos de oportunidades frente ao vestibular mas, se por um lado, as universidades não preparam para o mercado atual, as escolas não preparam igualmente os alunos de diferentes classes sociais para o vestibular.

Soares Lucchiari (1996) salienta que existe uma relação entre o nível sócio-econômico da família do estudante e a probabilidade de sucesso no vestibular: os candidatos de níveis sociais elevados têm mais possibilidades de entrar. A autora pontua, ainda, a existência de um processo auto-discriminatório dos estudantes em relação às profissões escolhidas pelo qual os jovens provenientes de classes menos favorecidas escolhem cursos menos concorridos para que possam tentar entrar e atingir um maior status social. A autora conclui que, apesar do aumento do número de vagas nas universidades, principalmente nas particulares (segmento que atualmente vem apresentando altos índices de sucesso na economia brasileira), não existe uma democratização na universidade, uma vez que o número de estudantes de classes menos

favorecidas não parece aumentar nas universidades. Nesse contexto, Bianchetti (1996) destaca as projeções e transferências dos pais em relação ao futuro dos seus filhos e refere que em termos de estratos sociais mais elevados, não há dúvida de que as projeções dos pais são mais determinantes que nos estratos inferiores. Nestes, o ideal dos pais é que o filho(a) negue os pais e sua profissão, busque modificar sua situação e procure subir na vida, enquanto que nas classes mais elevadas, o desejo é que o filho o confirme, que ratifique sua situação de classe. O autor conclui dizendo que a questão da continuidade, da confirmação é uma questão de classe, de lugar ocupado na sociedade, e não, propriamente, da profissão.

As análises de Teixeira e Soares Lucchiari e Bianchetti (op. cit) acrescentam uma outra ótica ao significado do vestibular: a dimensão social que avalia o sucesso ou fracasso de um jovem pela sua aprovação ou reprovação, cuja responsabilidade é atribuída apenas a ele. Sua família, conseqüentemente, passa a sentir-se também avaliada pelo desempenho do filho, uma vez que os resultados obtidos nas provas são publicados em diversos órgãos da mídia e comentados socialmente. Visto como o caminho mais viável para a ascensão social, o vestibular exerce, portanto, tanto para o jovem como para sua família, um duplo tipo de pressão. Por um lado, possui o mesmo efeito psicológico dos outros rituais que marcam a passagem do indivíduo de um status para outro: gera angústia, intensifica o conflito entre o desejo de crescer, de ultrapassar a barreira e o medo de abandonar a segurança infantil, podendo, portanto, mobilizar diferentes mecanismos de defesas. Por outro lado, a pressão das expectativas sociais que, numa sociedade competitiva cujas dificuldades econômicas demandam sucesso profissional em um mercado instável, leva os jovens e suas famílias a se perceberem como “aprovados” ou “reprovados” como pessoas a

partir dos resultados das provas do vestibular, perdendo de vista e/ou não questionando as deficiências do sistema avaliatório em si.

Nesse contexto, é tão intenso o poder do rito que deturpa a própria finalidade do vestibular em sua condição de entrada para um campo de trabalho que se relacione com a identidade do jovem. A necessidade de ultrapassar o estágio e de viver o rito é tanta que leva o candidato a se preocupar mais com o “ser aprovado” de que “em que ser aprovado”. A questão da escolha adequada ou autônoma cai frente ao desejo de atingir outra etapa evolutiva e diante da necessidade de adquirir maior status social. O jovem fica, assim, mais vulnerável às influências externas, geralmente focalizadas nas identificações, expectativas ou pressões do contexto familiar que refletem as da sociedade em que o adolescente se insere.

4. A MÃE DIANTE DE SEU PROCESSO DE SEPARAÇÃO DE UM FILHO

4.1. A questão dos papéis e suas modificações

A reciprocidade do relacionamento entre a família e a sociedade implica em que mudanças no social sejam refletidas na família e, ao longo do processo histórico, a natureza das relações dentro da família vêm se modificando, principalmente no que se refere à posição e aos papéis das crianças e das mulheres no interior do grupo.

Os papéis tradicionais de pai, mãe, filhos e irmãos nem sempre correspondem aos indivíduos que convencionalmente são designados como seus depositários. Fica cada vez mais difícil distinguir as funções ou papéis parentais, uma vez que os avanços tecnológicos interferem, atualmente, até nas funções reprodutivas através da existência dos bebês de provetas e dos clones criando, assim, uma diversidade de configurações e papéis familiares.

A psicanálise considera importante para o desenvolvimento saudável da criança a existência de pessoas que desempenhem as funções maternas e paternas, mas isto não implica que precisem ser exercidas pelo pai ou mãe biológicos. Em termos conceituais, a *função materna* estaria de acordo com a representação simbólica do corpo feminino e incluiria, além das tarefas de nutrição, agasalho e proteção da prole, uma função continente de receptáculo das angústias e carências dos filhos. A *função paterna* seria a de interpor-se entre a mãe e o filho para facilitar o processo de dessemitização permitindo, assim, o desenvolvimento de uma identidade. (Osório, 1996 a)

Os teóricos da psicanálise focalizam a importância de um desempenho adequado da função materna para o desenvolvimento psicológico saudável do indivíduo. Podemos ver tal relação na descrição feita por Freud das fases do desenvolvimento psicosssexual; nas

teorias das relações objetais de Melanie Klein e Fairbairn que originaram-se de suas observações do relacionamento do bebê com sua mãe, postulam que os relacionamentos presentes refletem expectativas formados pelos relacionamentos anteriores cujos resíduos inconscientes formam o âmago da pessoa; Spitz e Bowlby enfatizam a necessidade da criança de um apego físico com um objeto singular e constante; Mahler pontua, no processo de separação/individuação, a fase simbiótica com a mãe e salienta a importância da disponibilidade emocional da mãe como essencial para que o ego autônomo do bebê atinja um nível ótimo; Erikson assinala a importância da confiança básica para o desenvolvimento da identidade e refere que esta implica em que o bebê receba, da mãe, conforto e proteção contra a ansiedade, frustração e rejeição indevidas. (Nichols & Schwartz, 1998).

Para Winnicott (1997), o desenvolvimento psicológico é uma função da herança de um processo de maturação e da acumulação de experiências de vida, mas que só pode ocorrer num ambiente propiciador e com uma maternagem suficientemente boa. A importância de tal tipo de ambiente é absoluta no início e a seguir relativa; o processo de desenvolvimento, portanto, pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência. A maternagem insuficiente ou excessivamente invasiva pode vir a impedir a emergência de um *self* verdadeiro.

Não estaria no âmbito da presente investigação um detalhamento aprofundado do significado e do psicodinamismo da função materna. Buscamos apenas demonstrar que os teóricos, quase que por unanimidade, consideram a qualidade das primeiras relações com a figura da mãe, como primordial para o processo de separação/individuação e para um desenvolvimento psicológico saudável.

Além do significado psicodinâmico da função materna, torna-se necessário considerar seu significado social e as modificações ocorridas nas expectativas de papéis ao longo do processo sócio-histórico para articulá-las ao momento do ciclo vida em que o vestibular acena com a proximidade da separação de um adolescente.

Comparativamente ao pai, a mãe é a figura mais envolvida nos conflitos em torno da autonomia do adolescente, sendo sobre ela que recai a regulação dos comportamentos. Silverberg e Steinberg (1987), em estudos realizados objetivando verificar se o nível de vinculação emocional dos pais aos filhos está relacionado a conflitos nas díades (mãe/filho, mãe/filha; pai/filho, pai/filha), sugerem que as mães, mais que os pais, sofrem os efeitos prejudiciais do conflito com os adolescentes, sendo uma das razões prováveis o maior investimento psicológico na família e no papel de *parenting* (maternagem) exercido por ela. Os autores identificam ainda que, na medida em que o adolescente progride no processo de desenvolvimento, os conflitos com a mãe são intensificados, passando o filho a ter mais poder que a mãe, o mesmo não ocorrendo com a figura paterna. A hierarquia familiar passa de uma estrutura de maior influência de ambos os pais sobre o jovem para o esquema onde o pai > filho > mãe, observando-se, portanto, uma perda de poder por parte desta na adolescência final.

Jablonsky (1999) analisou algumas diferenças entre os papéis desenvolvidos pelos pais e mães e considerou que os primeiros interagem com os filhos numa base mais física e menos íntima, enfatizando mais os jogos e o humor, enquanto que as mães mantêm uma relação de proteção, de afetividade, mais séria e objetiva. O autor cita pesquisa de Lamb segundo a qual, para cada hora de envolvimento dos pais com os filhos, corresponderiam de três a cinco da mãe. Cuidados como alimentação, banho e similares, assim como o trabalho invisível de planejar, organizar, delegar funções e organizar horários são

desempenhados, na maioria dos casos, à mulher, enquanto que o pai aparece mais na hora do recreio.

Para melhor compreender a dinâmica de tal jogo de papéis, é importante caracterizar inicialmente a natureza dos conceitos mulher e homem como categorias socialmente construídas que resultam de uma rede de significações sociais, suas relações de poder e as estratégias de controle desenvolvidas pela mulher.

4.2. A natureza da mulher e suas estratégias de controle do poder

Gomes da Silva (2000) refere que até o século XVIII não era possível encontrar um modelo de sexualidade humana conforme entendemos hoje e o que veio a se estabelecer foram normas baseadas na diferença sexual entre ambos. O modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina e assumia-se a superioridade masculina e a inferioridade feminina. A mulher era concebida como um homem invertido, um sujeito menos desenvolvido na escala da perfeição metafísica. Foi só a partir do início do século XIX que se verificaram mudanças em tal ótica: cai o conceito da unicidade e perfeição do corpo masculino e *“de homem invertido a mulher passa a ser o inverso do homem, ou, sua forma complementar. Apesar disto, as consequências morais dela advinda, manteriam ainda a inferioridade da mulher no conflito entre as esferas públicas e privada.”* (p. 9) As atividades do homem eram dirigidas para o mundo social mais amplo, enquanto que os de sua mulher eram rigidamente restringidos, limitando-se ao mundo doméstico e à sua família.

Rocha-Coutinho (1994), através de uma análise histórica do papel das mulheres nas relações familiares, refere que, ao longo dos séculos, mulheres brasileiras e outras, em geral, têm permanecido no centro e nas margens ao mesmo tempo. A autora pontua que,

embora seja possível constatar, universalmente, a opressão e a subordinação feminina, muitas delas, como mães, esposas e irmãs estiveram muito próximas das posições reais de poder, chegando, inclusive, ao papel de opressoras. De seu lugar de subordinação na sociedade, as mulheres sempre encontraram formas de subsistir e resistir ao poder socialmente reconhecido dos homens.

Jablonsky (op. cit.) salienta que até o século XVIII, no Ocidente, a maior parte dos pais trabalhava em casa e cabia a eles e não às mães a educação dos filhos. Eles eram vistos como mais competentes em tal função até que a Revolução Industrial removeu os pais de casa e promoveu a feminilização da vida doméstica.

Analisando o processo sócio-histórico, Rocha-Coutinho (op. cit) ressalta que a transição da família feudal para a burguesa apresenta traços-chaves que vão das relações de produção à construção de subjetividades que acentuam a intimidade e a identidade. Com o advento da sociedade industrial, instalaram-se os domínios públicos e privado e surgiu a família nuclear burguesa, priorizando o amor romântico. O romantismo passou a ser usado como instrumento cultural para impedir a mulher de conhecer sua condição real de opressão. A família centrou-se em torno da “mulher-mãe” como principal responsável pelo bem-estar da criança e do esposo e intermediária entre o pai (sempre ausente) e os filhos. A mulher passou, segundo a autora, a viver para o amor aos filhos, ao esposo e à casa e, por ser a principal responsável pela boa criação dos filhos, a mãe tinha que ser supervisionada. Tal supervisão equiparava seu lugar ao da criança: ambos frágeis, delicados e assexuados, sendo o status inferior da mulher disfarçado pela capa de “respeito”. Surgiu a “natureza feminina” caracterizada como frágil, infantil, emotiva, dependente, desempenhando, predominantemente, os papéis de esposa e mãe.

O confinamento no lar deu à mulher uma nova forma de poder: sobre os bens simbólicos dos filhos. *“Ela torna-se produtora de sentidos, nomeadora dos seus atos e sentimentos, produtora de mandos e dúvidas. Este poder, por ser simbólico, não é menos opressivo”* (p. 34). A mãe passa a ser a primeira educadora para seu filho e da maneira como ela os educava, dependia o destino da família e da sociedade. *“Governando a criança, a mãe passa a governar o mundo”*. (p. 39) Tal controle tem dupla implicação: dá à mulher um poder especial (invisível e sem prestígio social) e a mantém confinada no espaço do lar. O destino do filho passa a depender de sua boa ou má atuação e o filho passa a ser visto como critério para a vitória ou fracasso no desempenho do papel da mãe.

Este ideal de maternidade foi reforçado pelo discurso dos cientistas do século XIX. A subordinação da mãe às necessidades da casa, que implicava no desprezo ao próprio desejo para atender ao desejo dos outros, era então considerada como “instintiva” e “natural”. Segundo Rocha-Coutinho (op. cit.), mesmo sendo questionado hoje, esse discurso continua influenciando os ideais de muitas mulheres, chegando a interferir nas escolhas profissionais femininas, em que profissões ligadas a papéis de mães substitutas ou ao bem estar dos outros continuam sendo os objetivos de um grande número de mulheres. E o mais significativo da questão é que tal “naturalização” dos papéis femininos, assim legitimada pelo discurso dos cientistas e filósofos, contribuiu para conformar a subjetividade feminina e foi reproduzida pela própria mulher em seu papel de transmissora dos valores e normas.

A autora pontua ainda outros períodos da história sempre demonstrando que os papéis atribuídos como “naturais”, claros e definidos obedeciam a interesses outros e a condicionamentos sociais determinados pelo poder masculino. Assinala ainda, que mesmo com as mudanças ocorridas a partir dos anos 60 com o movimento de resistência das

mulheres, na prática, o que se vem observando é que o discurso social, apesar de ter incorporado novos papéis à identidade feminina e ter, até certo ponto, questionado o ideal da maternidade, pouco mudou sua definição de mulher. Embora atuando no mundo de trabalho de hoje, ela continua desempenhando papéis múltiplos e conflitivos.

“Divididas e multiplicadas, estas mulheres cheias de culpa por não estarem rendendo o que acham que deviam no campo profissional e por não alcançarem a excelência que almejam no plano familiar, estão submetidas a uma sobrecarga física e emocional que é difícil de ser suportada” (Rocha-Coutinho: p. 120).

Diniz (1999) descreve numerosas formas de arranjos que a mulher de hoje desenvolve na tentativa de conciliar o trabalho remunerado e o desenvolvimento profissional com o lugar *“tradicionalmente atribuído à mulher na educação dos filhos, na administração do lar e na organização da vida relacional da família”* (p. 34). Em sua pesquisa relativa à interação casamento/trabalho na realidade brasileira, observou que uma desvantagem citada especificamente pelo grupo feminino foi a falta de tempo para administrar a casa e a rotina doméstica, o que significa que, em consonância com a literatura, as mulheres da amostra tenderam a tomar para si a responsabilidade com a administração da vida doméstica.

Um aspecto complexo dessa questão é que, enquanto luta para mudar, a mulher não quer ainda abrir mão do poder e controle que sempre exerceu na sua família. O conflito reside no fato de, por um lado, acreditar que tem direito a uma vida própria e do outro continua a acreditar que a mãe é indispensável para a boa formação do filho, não importando as soluções que encontra para conciliar. *“Parece que muitas mulheres continuam a achar que o lar é seu território e que ninguém pode tomar o lugar da mãe”*

(Rocha-Coutinho, op. cit. p. 121). Daí muitas partem para impedir a participação dos maridos e companheiros nas tarefas domésticas e na educação dos filhos.

Em decorrência de sua própria condição ao longo da história, as mulheres parecem estar ainda limitadas a um acesso indireto ao poder instituído. Elas tendem, portanto, a desenvolver estratégias de controle – definidas por Rocha-Coutinho (op. cit.) como *“formas de um agente social levar uma pessoa a pensar, sentir ou agir de um modo que nem sempre partiria espontaneamente dela”* (p. 127) - mais indiretas como: influência, persuasão, lágrimas e outros recursos emocionais. *“Usar táticas que mantenham o marido na ilusão de que é ele que detém o poder”* (p. 140).

Outras estratégias de controle utilizadas pelas mulheres foram descritas pela autora como :

- O uso de recompensas como afeto, amor e aprovação não só junto aos maridos como junto aos filhos. As ameaças de retirar o amor também são bastante eficientes.
- Mostrarem-se indefesas e, assim, levarem o outro ao comportamento desejado.
- Fragilizarem o marido e os filhos situando-os como dependentes delas em tudo é uma das formas de controle mais eficazes. Tal estratégia desdobra-se na crença da mãe como insubstituível na criação dos filhos: o pai é minimizado e a mulher passa a exercer total controle, sendo responsável única pelo bem estar e vida dos filhos.
- Jeitinho: uma manipulação sutil do outro.

- Cobrança tipo “faço por você, retribua à altura”. Isto inclui também a chantagem emocional que está associada à devoção incondicional da mãe à casa e que deixa o outro culpado e com medo.
- Vigilância: a mãe deve estar atenta, vigiar os mínimos detalhes porque em última instância, é responsável pelos méritos, sucessos ou fracassos dos filhos. Neste contexto, transforma-se, muitas vezes, em confidentes deles para conhecer seus medos, suas angústias e aspirações e, assim, melhor controlá-los.

Tais estratégias indiretas de controle podem ser acionadas sempre que a mulher percebe a possibilidade de perda de seu poder invisível no domínio da casa. Pensamos que o vestibular, como um marco social de uma mudança de etapa de vida para o jovem, é um desses momentos. Além de assinalar a proximidade da separação de um filho através do seu processo de individuação, ele torna-se ameaçador por ser um instrumento de avaliação do papel da mãe enquanto educadora e responsável pelo sucesso ou fracasso de suas crianças. Daí, muitas delas acionarem estratégias para manterem o controle sobre eles(as). Foi possível observar a utilização de algumas de tais estratégias nas mães que colaboraram na presente investigação e experienciavam o primeiro vestibular de um filho.

Apresentaremos, a seguir, o caminho que desenvolvemos para investigar os sentimentos das mães frente ao momento de separação/individuação do filho(a) representado pela situação do vestibular .

PARTE II
OBJETIVOS E METODOLOGIA

OBJETIVOS E METODOLOGIA

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Compreender quais os sentimentos que as mães apresentam frente ao processo de separação/individuação do filho (a), simbolizado pela situação do vestibular e os possíveis efeitos que eles têm na escolha vocacional/ocupacional dos filhos(as).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar os sentimentos predominantes que são verbalizados pelas mães frente ao momento da escolha.
- Compreender como as mães percebem o processo de diferenciação do filho(a) e observar as reações que apresentam frente às manifestações de autonomia dos mesmos.
- Relacionar o processo de escolha profissional da mãe com o momento vivido pelo filho(a).
- Detectar qual o significado que o vestibular assume para a mãe.
- Observar se as mães percebem possíveis mudanças em suas vidas em decorrência do vestibular do filho(a).

METODOLOGIA

Nesta parte procuramos descrever os caminhos escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa em seus aspectos metodológicos. Caracterizamos os sujeitos, os instrumentos, o procedimento e procuramos demonstrar de que maneira os dados obtidos através dos depoimentos foram analisados de forma a responder às questões propostas.

A investigação foi construída a partir de uma modalidade qualitativa exploratória e, como tal, não teve como proposta a elaboração e/ou verificação de hipóteses previamente elaboradas e sim a apreensão de sentimentos frente a uma determinada situação. A partir da compreensão dos dados obtidos através das entrevistas com as mães colaboradoras, buscamos responder às perguntas formuladas acerca de seus sentimentos frente ao momento do vestibular de um filho (a). Nesse contexto, buscamos encontrar uma metodologia que nos permitisse buscar o *significado* explícito e implícito que a situação adquiria para aquelas pessoas. Conceituamos, na presente investigação, o termo *significado* segundo a definição no dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1977): “*o que as coisas querem dizer; a representação, na linguagem, do significante. Significado corresponde ao conceito ou à noção e o significante corresponde à forma*” (p. 1310). Tal conceituação difere da definição filosófica de *sentido*, caracterizado pela mesma fonte de referência como “*a faculdade de conhecer de um modo imediato e intuitivo, a qual se manifesta nas sensações propriamente ditas.*” (Ferreira, op. cit., p. 1299).

A escolha das entrevistas semi-dirigidas nos pareceu a forma mais adequada para tentar escutar, de uma maneira clínica, tanto o que as mães queriam dizer acerca de seus sentimentos, como o que expressavam com suas omissões.

1. SUJEITOS

Participaram da pesquisa 8 mães que estavam vivenciando, pela primeira vez, a situação do vestibular de um filho. Elas ficaram compreendidas na faixa etária de 39 a 43 anos, sendo que a média de idade foi de 40 anos. O grau de instrução de seis das mães entrevistadas era de nível universitário e duas de nível médio. O estado civil das mães ficou assim distribuído: duas separadas, sem recasamento; uma separada e recasada há 13 anos e cinco casadas de primeiro matrimônio. Com relação aos filhos(as) vestibulandos, todos estavam cursando o 3º ano do ensino médio e tentando o vestibular pela primeira vez. Cinco eram do sexo masculino e três do sexo feminino, todos compreendidos na faixa etária entre 16 e 19 anos, sendo a média de idade de 17 anos.

As colaboradoras foram todas voluntárias e informadas quanto aos objetivos da pesquisa e das condições de sigilo.

2. INSTRUMENTO

Foram realizadas entrevistas individuais semi-dirigidas focalizando a questão pesquisada. Partindo de uma questão básica: “Como a Senhora. está se sentindo frente ao momento da primeira experiência com o vestibular de um filho(a)?”, buscamos apreender os sentimentos verbalizados e as representações que a depoente possuía acerca da situação. Como as entrevistas eram semi-dirigidas, as intervenções funcionaram como uma forma de identificar as diferentes maneiras das colaboradoras representarem uma mesma questão e salientaram os seguintes aspectos: como percebiam o filho(a) em termos de autonomia;

como havia sido sua própria escolha profissional; que significado achavam que o momento tinha para o filho(a) e para ela; se tal momento traria alguma mudança na vida dela e/ou na do filho(a) e se elas gostariam de acrescentar algo a respeito do assunto. Após a análise das características individuais dos discursos, foi possível estabelecer uma confrontação das respostas obtidas a partir das intervenções comuns.

Cada entrevista durou, em média, meia hora, sendo todas elas gravadas e transcritas literalmente para possibilitar a análise do material.

3. PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

Considerando que o vestibular é realizado em uma época determinada, e a pesquisa aborda especificamente os sentimentos referente a este momento, o trabalho de coleta de dados foi iniciado a partir do mês de agosto de 1999, para não corrermos o risco de termos que esperar pelo vestibular do próximo ano.

Inicialmente, foram feitas visitas a duas escolas particulares da Região Metropolitana do Recife visando a solicitar a contribuição das instituições para a investigação, no sentido de selecionarmos os alunos e mães colaboradores. A seleção foi feita junto com as psicólogas da escola em função da disponibilidade das colaboradoras. As entrevistas foram feitas na sala do Serviço de Orientação Psicológica da própria escola de seus filhos. O local era reservado, livre de interrupções e apropriado para atendimento psicológico.

Além das entrevistas individuais com as mães, pensamos, inicialmente, em aplicar também o Teste Projetivo Ômega, visando a captar os aspectos inconscientes dos

sentimentos das colaboradoras. Fizemos um pré-teste com três respondentes e verificamos que, por ser um recurso desenvolvido especificamente para Orientação Profissional, os conflitos abordados pelo Ômega perderam seu significado quando as lâminas foram aplicadas a mães adultas. Mantivemos, portanto, apenas as entrevistas semi dirigidas com as colaboradoras.

4. PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS

Após a transcrição dos depoimentos gravados, os dados foram analisados e categorizados mediante a discussão com outros profissionais da área que se constituíram como juizes isentos. Na presente investigação, utilizamos o termo *depoimento* para nos referirmos aos aspectos efetivamente verbalizados pelas entrevistadas e *discurso* para a leitura dos significados apreendida a partir da análise dos depoimentos.

A transcrição de um depoimento oral para escrito apresenta algumas dificuldades e, segundo Soares Lucchiari (1996) é uma forma de tradução, uma vez que existe uma diferença entre as regras de enunciação da expressão oral e as do traço escrito. Alguns aspectos como a entonação e gestos, ficam perdidos na neutralidade da transcrição. A autora salientou a importância de escutar mais de uma vez os depoimentos para captar e encontrar formas de registrar tais aspectos. Isto procuramos fazer na presente investigação. As repetições, os silêncios, os gestos foram assinalados em cada entrevista.

Após a primeira leitura do texto geral, os depoimentos passaram por uma releitura, com abstenção teórica, atenção flutuante e atenção especial às defesas, à transferência e à contratransferência. Tais atitudes favoreceram a percepção dos temas

referentes ao sentido inconsciente dos depoimentos individuais, os quais foram sendo articulados ao tema geral da investigação, visando a uma possível síntese que permitiria uma melhor compreensão do problema. No entanto, uma vez que a investigação é qualitativa, não houve uma preocupação em generalizar os resultados: cada entrevista foi considerada como um estudo de caso que nos ofereceu subsídios para apreender a variedade de sentimentos que emergiram diante da situação do vestibular.

As entrevistas foram analisadas a partir do conteúdo do discurso em termos da organização dos temas, dos juízos emitidos, de repetições de palavras, silêncios ou hesitações que fossem indicativos dos sentimentos frente à situação do vestibular. Buscamos, ainda, através da identificação dos mecanismos defensivos, dos significados e das representações, elaborar uma compreensão dinâmica dos depoimentos e considerá-los como breves estudos de casos individuais, nos quais foram pontuadas apenas as questões referentes ao problema investigado. A cada um deles foi atribuído um título, como um reconhecimento metafórico da característica mais marcante daquele caso específico.

PARTE III
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, apresentaremos as sínteses das entrevistas com as 8 mães, com seus respectivos títulos, já salientando os aspectos relevantes encontrados através da análise do discurso em sua dinâmica. Utilizaremos alguns trechos dos depoimentos que possam ilustrar o que pretendemos demonstrar e ao final apresentaremos um quadro síntese pontuando os aspectos mais significativos em relação às dimensões analisadas. Após a discussão de cada caso, em sua especificidade, faremos uma análise vertical, que será demonstrada em um quadro comparativo, no qual articulamos as respostas de todas as mães referentes aos temas gerais salientados pelas entrevistas. Tal análise será feita já estabelecendo um relacionamento com o referencial teórico desenvolvido. Os depoimentos, na íntegra, estão no anexo 1.

1. ANÁLISE DE CADA ENTREVISTA

1.1. Depoimento 1: “*Coroa enxuta*”

1.1.1. Apresentação do caso

Mãe de dois filhos do sexo masculino, profissional liberal, separada há 11 anos sem recasamento. Apresenta uma expectativa negativa com relação ao vestibular do filho que ela teme ser uma repetição do pai. Descreve o ex-marido como frágil, desistindo das oportunidades sem lutar e sempre destruindo o que ela construía: “Só espero que se ele não passar, não desista, porque aí, sim, vai causar muito mal em mim” ...“tenho medo, porque a genética, por mais que a gente tente negar, ela existe. Eu não quero isso para ele.” Daí ter tirado os filhos “até de perto” do pai, geograficamente falando. Percebe-se como provedora competente, cobrada pelos filhos “eles pensam que eu sei tudo e eu não sei”. Sente-se exausta, angustiada por que cumpre “seus deveres” definidos como: trabalhar para ganhar dinheiro e manter a família mas não consegue que cumpram o único dever deles que é estudar: “para ele estudar eu me descabelo, eu morro, eu mato”; “será que ele vai chegar na universidade e eu ‘estuda, menino, estuda, menino’?” Valoriza o estudar, o aprender, o dominar, como aspectos essenciais para vencer no mundo atual e diz que a única herança que tem para dar aos filhos é batalhar para que tenham uma boa educação. Refere conflitos porque o filho diz “eu não sou você” e não se esforça. Se passar, será graças a ela: “Se ele passar, passamos”. Considera o filho muito imaturo e dependente e admite que não permite que ande só, a pé ou de ônibus: vai levar e buscar o filho a qualquer hora e fica acordada até ele chegar. Refere que sua maior angústia é em relação a ele, não a ela “A gente não

pode viver a vida pelo filho e a gente tem aquela ilusão que quando estão com a gente, estão protegidos, pura ilusão. Mas ainda não consegui superar este controle”.

Percebe o vestibular como mais um passar de ano “o mesmo que sempre foi” e não como o fechamento de uma etapa. “Poderia até dizer: dever cumprido, mas só vou dizer isto quando morrer, porque mãe é para sempre. E antes de ser mãe, a gente é amigo, conversa tudo.” Considera-se uma “coroa enxuta” que sai sempre com o filho “a gente fica muito abraçado” os amigos pensam que ela é “uma coroa safada com um gatinho assim”.

1.1.2. Análise do depoimento

Durante toda a entrevista, o sentimento predominante foi um elevado nível de ansiedade, repetindo a palavra angústia 9 vezes ao longo da entrevista (5 vezes só no primeiro parágrafo), além de similares como medo, “nó no juízo” e outros que, no total somaram 13 repetições. Refere que a maior angústia é pensar que, se o filho não passar vai desistir como o pai, mas cita outros motivos como: sentir-se cobrada, a imaturidade do filho e o medo de que possua outras características do pai. Salienta que já espera que ele não seja aprovado, o que parece traduzir que, de certa forma, ela considera tal repetição do modo de ser do pai como inevitável. Embora considerado os argumentos utilizados pela depoente para explicar seu nível de ansiedade, retomamos o conceito de Mahler (1975) da angústia frente à separação simbiótica e questionamos se este não seria o motivo fundamental para a intensidade dos sentimentos apresentados. A autora refere que o movimento de separação consiste na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe e que a diferenciação é a procura de novos objetos. Evidenciamos, neste depoimento, que, apesar de queixar-se da falta de responsabilidade do jovem, a mãe não consegue abrir mão do poder que tem e, estrategicamente, reforça o processo de imaturidade pelo controle e pelo

estabelecimento de uma relação simbiótica com o filho. Identifica-se com ele até ao dizer que se passar, “passamos”. Excluiu o pai, colocou-se no lugar dele como a que “sabe tudo”, embora admita que não sabe. Posiciona-se como vítima/heroína, a que sofre muito mas é só graças a ela que os filhos conseguem qualquer forma de herança. Até no direcionamento do depoimento isto aparece, pois, ao ser perguntada como via o vestibular em relação à vida dela, começa a falar do marido e suas deficiências como pai, o que parece demonstrar que, na realidade, não consegue se desligar dele: sua figura está sempre presente, impedindo-a, inclusive, de ver o filho como uma pessoa diferente do pai. Nesse tipo de relacionamento, a entrevistada não aceita a diferenciação do filho: ressent-se, entra em conflito quando ele afirma: “eu não sou você”, afirma que “será mãe até morrer” e não reconhece sequer os méritos do jovem que já está terminando o Ensino Médio com 16 anos.

Transmite o sentimento de repetição em todo o discurso, não só em relação às palavras, mas na forma de ver a situação. É como se ela não conseguisse ver possibilidades de mudanças de uma forma geral: o filho pode ser repetição do pai, o vestibular vai ser o que sempre foi, na universidade ela vai continuar insistindo para ele estudar, e assim por diante. Questionamos se tal atitude não é também uma tentativa de negar as próprias mudanças, na medida em que ela percebe a aproximação de uma nova etapa na sua vida, e diz que poderia dizer que o vestibular representaria dever cumprido. Estrategicamente refere que só dirá isto quando morrer, e que não sente um fechamento de uma etapa, o que parece confirmar sua dificuldade em lidar com o processo de separação. Coloca-se como confidente e amiga do filho e nega também as mudanças assumindo a atitude sedutora de coroa enxuta que não envelhece, o que também representa uma outra forma de segurar o filho.

1.2 . Depoimento 2: “Eu tenho um certo poder”

1.2.1. Apresentação do caso

Mãe de dois filhos do sexo masculino, profissional liberal, casada. Durante todo o tempo refere o medo de que “se o filho não passar, vai ficar triste”. Refere expectativas de seu próprio pai que é muito exigente quanto ao desempenho dos netos e diz: “meu sobrinho não passou na Federal e acho que foi muita pressão de papai. Papai é louco pelo sobrinho mais velho. O meu é o segundo”. Refere que o filho chegou a ajustar a escolha profissional aos desejos do avô deixando de fazer Direito porque o primo já vai trabalhar com o mesmo. Seu filho vai fazer Economia para ter um lugar no escritório. Refere estar muito ansiosa e teme que se ele não passar o marido não vai entender “o pai exige muito dos filhos. Tenho medo de que, se o menino não passar, meu marido fique cobrando: ‘tá vendo, não estudou’.” Considera o filho muito dependente dela e gosta do domínio que tem: refere “ter um certo poder” em conseguir que ele sempre faça o que ela quer. “Às vezes eu achava até que dominava ele. Ele sempre me obedecia. Estudou em quatro colégios e tudo fui eu que escolhi e ele nunca reclamou.” Hoje acha que ele está menos dependente: “botei ele na área II, e ele agora está freqüentando a área I. Hoje em dia ele já questiona mais...Ele já está se tornando homem, já não conversa tanto comigo”. Vale salientar que a área II é a de Exatas, e a entrevistada é engenheira.

Percebe o vestibular como mais uma etapa na vida do filho “e toda etapa da vida dele eu participo. É como se fosse uma etapa que, indiretamente, eu venci”. Teme que ele não esteja preparado: “as crianças hoje fazem vestibular muito cedo... a mudança do colégio para a faculdade é muito grande. Me preocupo com a reação dele. Quando saiu do jardim para o primário... teve problemas, sentiu o impacto”. Acha que na vida dela só

muda alguma coisa quando a dele mudar e se ele não se sair bem, ela vai se aperrear mas “não estou muito preocupada. Na minha vida não haverá mudanças, porque não sou dessas mães que se realizam através dos filhos”.

Acha que o vestibular significa “assim...um poder, uma..., é como se não passar ficasse como se não soubessem das coisas, sem..., como se fossem burros.”... “O saber ninguém tira da gente....seus colegas lhe respeitam pelo seu saber”. “ Em relação a isto refere que seu pai e sua mãe sempre deram muita importância aos estudos, ao saber, e que ela, que sempre foi muito estudiosa, passa a mesma mensagem para os filhos. Assinala, ainda, que o filho vai ficar nervoso, mas que “a maior ansiedade dele é a satisfação que ele acha que vai dar a mim, aos pais e aos colegas”... “ o vestibular é uma resposta que vai dar às pessoas, à sociedade. Todo mundo espera que ele se saia bem e no caso de não se sair bem, tenho a impressão que vai se sentir frustrado e achar que as pessoas estão condenando ele.”

1.2.2. Análise do depoimento

O desenvolvimento do discurso iniciou-se com as expectativas do pai da depoente para os netos e concluiu com as exigências dos pais em relação a ela, as quais a entrevistada parece ainda querer atender. Talvez por isso tenha tanto medo da reprovação levando-a a repetir 11 vezes no depoimento as palavras “Não passar”, sempre associando-as ao sentimento “vai ficar triste”. O sentimento predominante que refere é o medo que o filho seja reprovado e fique triste, mas demonstra que não consegue se diferenciar dele: é como se estivesse sempre atribuindo a ele seus próprios sentimentos, como se ela fosse a pessoa avaliada. Persistindo na sua necessidade de atender às demandas paternas, refere a competição com o irmão (ou irmã) cujo filho mais velho é o neto favorito e delega, ao

filho, o dever de ser aprovado e escolher uma profissão que permita que ele também possa trabalhar no escritório do avô.

Percebe o vestibular como uma realização “indireta” sua, como uma resposta que se dá aos outros, e todo o tempo evidencia o medo do filho não passar, de não corresponder ao que esperam dele. Ou será que é dela? É como se estivesse insegura em relação ao resultado de sua forma de criar o filho, de seu papel de mãe como a principal educadora e não admitisse a possibilidade de falhar. Durante todo o discurso coloca-se mais como filha que como mãe e consideramos a possibilidade de que a repetição do termo “não passar” estaria, metaforicamente, representando ela não passar de filha para mãe, devido à existência de vínculos edipianos ainda não resolvidos com o pai. Refere ter sofrido muito com as exigências em relação a seus próprios estudos, dizendo que chorava quando tirava notas que supunha serem baixas e, embora admita que agora não é mais assim, atribui ao filho o mesmo nervosismo. Questionamos se este não é um medo que ela tem de ser reprovada por este pai tão exigente e que ela vai ficar triste se não for bem sucedida. Percebe-se o mesmo quando refere que o marido vai cobrar dela os estudos caso o filho não seja bem sucedido no vestibular. Salientamos que, em termos de modelos de identificação, a figura do pai do adolescente parece contar menos que a do avô e a da mãe pois os exemplos dados por ela em relação a formas de ser ou de valores, remetem sempre a ela e sua família.

Sua forma de perceber o vestibular como um poder, o poder do saber, que permite que a pessoa se imponha e seja respeitada faz com que ela se preocupe tanto com o desempenho. Será ela menos respeitada se o jovem não for bem sucedido? Atribui, portanto, ao filho a ansiedade prioritária que, na realidade, parece ser dela, de ter que dar uma satisfação a todos pelo fato de ser aprovado. Ressaltando a possibilidade dele sentir-se

frustrado e alvo de condenação pelos outros caso não seja bem sucedido, está, talvez, falando de si mesma .

Refere sua satisfação pelo fato do filho ser dependente dela e evidencia o medo de separar-se dele na medida em que salienta as dificuldades que o adolescente teve em lidar com as novas etapas. Demonstra sua ansiedade porque o filho está se diferenciando, já não conversando tanto com ela, sendo menos dependente e sua estratégia para não perder “o certo poder” que refere, é considerá-lo imaturo e não preparado para enfrentar a nova etapa. Insiste muito nas dificuldades que ele teve em adaptar-se às novas situações e demonstra que percebe o filho como indefeso, que precisa sempre de controle, de seu controle. Procura, então, conversar com ele, advertir das mudanças e controlá-lo de forma mais indireta.

1.3. Depoimento 3: “Mãe não pode ficar omissa: tem que clarear”

1.3.1. Apresentação do caso

Mãe de dois filhos do sexo masculino, profissional liberal, casada. O tempo todo mostra o conflito entre o medo de “passar por omissa” e interferir - embora admita já estar interferindo – na escolha do filho. Fala muito em como tudo é difícil na primeira vez e refere a rapidez da mudança dos papéis: mãe de criança pequena, depois de criança maior e agora de vestibulando: “e a família não pode ficar for a desse contexto”. Trabalha no colégio em que o filho estuda (embora no ensino fundamental) e assinala o conflito de papéis pontuando que era supervisora dele no início da escolaridade e sofria com a divisão de papéis “não podia ser só mãe, infelizmente não podia. E não podia ser só supervisora: e meu filho é MEU filho. Procurei administrar bem”.

Refere que o filho não escolheu ainda o que vai fazer “sabe que quer humanas...desenho industrial, publicidade.” ...“Acho ele mais parecido com meu marido, agora, esse lado do desenho, ele é muito criativo, é uma irmã que eu tenho...” Assinala que teve dificuldades na própria escolha, apesar de ser segura e decidida, pois sofreu influência do pai que achava que ela devia fazer Direito e refere estar preocupada em se ele vai acertar ou não. Por diversas vezes diz que papel de pai e mãe é o de orientar, clarear, “sem definir por ele....tem gente que diz ‘eu não interfiro’ mas tem que interferir...se não, passa por omissos, e não pode, não pode de jeito nenhum...Ele não tem condições de enxergar certas coisas”.

Percebe o filho como imaturo e atribui isso ao fato de ser do sexo masculino, pois “menina é mais fácil. Menina é mais amadurecida”... “ele não tem ainda aquela maturidade”. Considera o filho muito jovem “brincou de carrinho...até 12 anos” e refere total dependência dele em relação a ela. Repete muito o termo “dentro da normalidade”... “considero num nível normal”... “nada grande, nada exagerado” em referência ao filho, como se temesse algo que não especifica. Salienta que o Brasil não precisa de profissionais jovens e sim competentes ressaltando que, até por temperamento, o filho é “muito imaturo para resolver a vida profissional dele”. Pontua que tudo fica mais difícil também por ser a primeira vez e exemplifica: “um adulto que nunca viajou para o exterior , se vai sozinha é uma coisa. Se vai com o marido, um amigo, é outra coisa...”

Percebe o vestibular como significando “é passar uma batalha...professores criam, escolas criam, e os coitados dos vestibulandos é que têm de segurar a barra” mas preocupa-se em negar a ansiedade durante todo o discurso: “me preocupo, mas não me angustio”... “agora procuro não ficar ansiosa”. Assinala o sofrimento dos outros “ os vestibulandos estão angustiados, ansiosos, nervosos, estão chorando em casa...” mas nega

a ansiedade do filho: “O meu não está...mas ele está cansado...”. E acrescenta: “ se os pais ficarem angustiados demais, cria aquele clima e aí implode tudo...”

Identifica-se com o filho ao dizer “acho que a gente se sente um pouquinho pré-vestibulanda também”. Em outro momento diz: “Teve vestibular no ano passado ‘meu filho vamos fazer por experiência? Não quer, então...não insisti. Não por medo de passar ou não passar agora neste ano; não passar e não passar de novo este ano. Aí são duas frustrações”. Acha que o principal é a mãe estar junto do filho, escutando-o, clareando “A mãe conhece o filho mais que ninguém. Ela pode dar luz...assim, sem querer, querendo influenciar na decisão, mas influenciando, mostrando...Não pode ser omissa”.

1.3.2. Análise do depoimento

Durante todo o depoimento parecia estar mais preocupada em desempenhar bem seu papel que permitir-se expressar seus sentimentos os quais procurava negar de diversas formas. A palavra “papel” foi repetida 6 vezes sempre associada a termos como “tem que” e “não pode”. Que significado o desempenho de papel tem para a entrevistada? É como se ela não tivesse uma identidade, uma forma de ser e seu referencial fosse sempre o de fora, sem uma autocentração. Parecia a educadora que é, possuidora de um conjunto de regras que devem ser desempenhadas e transmitidas da forma mais correta possível. Repetia sempre que não estava angustiada, nervosa ou ansiosa, também negando a ansiedade do filho. No entanto, parte de sua angústia parece, justamente, vir do fato de não estar sabendo lidar com o conflito entre os diversos papéis: mãe ou supervisora, influenciar ou passar por omissa, interferir como parece desejar ou assumir a postura neutra da profissional que não pode tomar uma posição. Podemos constatar isto pela quantidade de vezes em que repete

os termos “passar por omissa” e “orientar”. A questão não era ser omissa, mas passar por omissa, a partir de uma ótica externa.

Evidencia-se a insegurança frente à necessidade de enfrentar novos papéis e a tudo que tem que fazer pela primeira vez, que, de certa forma, é a mesma situação do filho que enfrenta o futuro desconhecido. Analisando o exemplo da viagem ao exterior, podemos apreender seu significado neste contexto, considerando o vestibular como a viagem ao estrangeiro, significando perigo quando enfrentada, pela primeira vez, desacompanhado, exigindo, portanto, que alguém o acompanhe, clareie seu caminho: a mãe que dá a luz e não pode passar por omissa. A preocupação com a “primeira vez” parece demonstrar que ela também tem dificuldades em integrar o novo, as mudanças e as novas etapas da vida. Identifica-se com o filho em diversas situações usando o termo “vamos” em situações onde a ação seria dele e refere sentir-se um pouquinho vestibulanda num vestibular percebido como “uma batalha” que parece ser mais um sentimento dela que do jovem. A que batalha estará se referindo? Lidar com a possibilidade de falhar? De não ter condições de desempenhar seu papel e clarear o caminho do filho?

Identifica-se com o filho, também, quanto à dificuldade de chegar a uma escolha, que ela apresentou quando jovem, mesmo considerando-se muito decidida, e que ele ainda vivencia. Ressalta a influência do seu próprio pai como motivo da indecisão, como que mostrando o dever parental de interferir

Sua percepção do papel da mãe como a que “tem que clarear” “dar a luz” – podendo significar ainda “parir”- ao filho imaturo que “não consegue enxergar” pode ser outra fonte de ansiedade, pela sua preocupação em corresponder às expectativas do papel de mãe. Para que ela possa clarear, para que possa manter seu poder, é preciso que coloque o filho na posição infantil da criança que não tem condições de ver ou de se diferenciar.

1.4. Depoimento 4: “*Certeza de não passar*”

1.4.1. Apresentação do caso

Mãe de três filhos, duas do sexo feminino e um do sexo masculino, profissional liberal, separada há 6 anos. Assinala que o marido era alcoólatra e violento, tendo saído de casa quando a menina tinha aproximadamente 12 anos e percebe-se como única figura parental: “como eu sou pai e mãe ao mesmo tempo”... “têm pouco contato com o pai”. Apresenta expectativa negativa em relação ao desempenho da filha e transmite pouca ligação afetiva com ela, embora refira ter trabalhado no mesmo colégio da menina no início de sua escolaridade, sendo, então, a filha totalmente dependente dela. Refere que, ao mudá-la de escola e com o nascimento dos irmãos, a criança, inicialmente, “não falava, ficava sozinha” mas depois “começou a mudar, a falar e me deixar. Eu também não podia nem olhar para ela porque tinha os outros dois. Fiquei sozinha”. Assinala que foi muito mimada enquanto pequena, criada pela própria mãe e uma tia “que achavam que eu não tinha maturidade para criar minha filha, pegaram-na para criar e estragaram um pouco ela.”

Percebe a filha como tímida e muito nervosa, repetindo diversas vezes que tem certeza que ela não vai passar no vestibular: “e minha filha já está sabendo que não vai passar”... “e ela diz: ‘eu não vou passar mesmo, todo mundo no colégio sabe que não vou passar’ É complicado, pagar colégio caro...” Admite interferir diretamente na escolha da filha: opõe-se à sua escolha por Direito e quase a obriga a fazer um curso que considera mais rentável como Odontologia, dizendo que ela própria foi induzida a fazer a profissão que fez porque a tia tinha uma escola e gostou. Assinala que a jovem, inicialmente, colocara dificuldades em fazer uma ocupação da área de saúde, mas agora já admite a possibilidade de, no próximo ano, fazer cursinho para tentar o curso sugerido pela mãe:

“não sei se é para me agradar, mas eu quis abrir a cabeça dela”. Adota a mesma atitude com os outros filhos: “e os outros já estão perguntando ‘mainha, o que vou fazer?’ Eu digo: você vai fazer...Eu acho que eu tenho uma personalidade...por não ter marido, tenho que ser forte e fico falando assim para os três”.

Em relação à sua vida, percebe a etapa do vestibular como sinalizando que ela está ficando velha : “primeira coisa que acho é, minha filha está fazendo vestibular e eu estou ficando velha.” “Já tenho uma filha no vestibular, o tempo passa e a gente nem vê. Porque mãe não vê o filho crescer. Mãe vê sempre pequenininho”. Sinaliza que outras coisas como a filha namorar e tirar título de eleitor mostram que o tempo passou e “parece que foi ontem que fui com minha mãe tirar o meu. Foi quando me toquei que estava ficando velha. Não sei se foi porque fui muito mimada”. Percebe a filha, antes considerada como totalmente dependente, como: “ela está muito independente agora, inclusive ela diz que antes era uma ‘abestalhada’. Agora ...quer resolver os problemas do irmão, já que ‘a mãe dela é uma boba’ ela está se achando o máximo”. Considera o significado do vestibular a partir do aspecto social e assinala que “antigamente as pessoas levavam mais a sério. Acho que já vão com a impressão de que vão se formar e não encontrar emprego”.

1.4.2. Análise do depoimento

Iniciou a entrevista falando de si, de suas dificuldades com o filho doente e marido alcoólatra e de como tudo fica difícil para ela por ter sido sempre muito mimada. Não se referiu à filha. Termina o depoimento da mesma maneira, repetindo a questão de ter sido mimada e ressaltando que ainda tem muito que fazer pela frente, além de cuidar do filho diabético. A organização do discurso parece expressar sua dificuldade em enxergar as outras pessoas em geral, e a filha mais especificamente, como podendo ter desejos

próprios. Não aparenta sentimentos de ansiedade ou preocupação. Evidenciam-se, mais, ausência de ligação afetiva, distanciamento, ressentimento e uma certa onipotência, sentimentos semelhantes aos de uma menina mimada, centrada em si mesma e ressentida por ter tido uma vida dura demais para o tipo de pessoa que ela foi criada para ser. Apesar de dizer que afastou o pai e referir que tem que ser forte porque é sozinha, repete muitas vezes que sempre foi muito mimada, como se tivesse sido criada para ser frágil.

Por outro lado, afirma ter uma personalidade forte e não demonstra querer abrir mão do controle que tem sobre os filhos. Considera como um aspecto de sua função como mãe já determinar o que cada um deve fazer, controlando como “aquela que tudo sabe”. Diante do movimento da separação/individuação da jovem que, em alguns momentos, contesta seu poder, apresenta queixas e ressentimentos, decorrentes, talvez, do medo de perder esse controle. Por outro lado, a contestação, a filha independente que, segundo a mãe, está tão mudada, podem estar sinalizando que a menina mimada que a entrevistada ainda sente dentro de si, está ficando velha. Ao referir que mãe não vê o filho crescer, que o vê sempre pequenininho, parece não só estar se referindo à separação/individuação da filha, como à sua própria mudança de etapa do ciclo vital.

Tenta retomar o controle da filha zombando de suas mudanças, depreciando sua opção profissional e induzindo-a a fazer algo que não quer, sempre em nome de uma necessidade de considerar o mercado de trabalho e fazer uma profissão rentável. Mantém a filha “que está ficando muito independente” insegura e na defensiva pela insistente certeza que tem de sua reprovação. A estratégia é tão certa que a jovem, devidamente conscientizada do futuro fracasso, já admite que no próximo ano fará o que a mãe quer.

1.5. Depoimento 5: “Ela não pode seguir meu exemplo”

1.5.1. Apresentação do caso

Mãe de duas filhas, doméstica, casada. Manifesta ansiedade através da excessiva pressão que faz para a filha estudar, a ponto de ter levado a jovem a buscar ajuda na escola por não agüentar mais as cobranças: “no início quando ela entrou para fazer o terceiro ano, houve aquela euforia, aquela, como se chama, meu Deus, ansiedade... tem que estudar, não pode mais passear...” “achamos que a gente, com essa ansiedade de preparar ela, ficou um negócio muito pesado”. Após ter sido chamada pela psicóloga da escola, a mãe refere ter mudado de atitude e considera que, no momento, a filha está tranqüila. Admite que mudou por fora, mas “você sabe o que é mãe, não sabe? sou uma mãe assim, estou sempre controlada, acompanhando de perto, mas por dentro fica aquela ansiedade. Como mãe a gente diz: Ah, podia estar estudando mais!”

Apresenta uma atitude de respeito frente à escolha profissional da filha e deseja que ela faça “o que gosta, faça bem feito e seja feliz. A escolha é dela mesma”. Assinala que a filha nem é dependente nem independente, resolvendo algumas coisas só e pedindo conselhos em outras, mas insiste em ressaltar, diversas vezes, que a família é muito unida. Refere que apesar da filha não dar trabalho, está sempre na coordenação da escola mesmo sem ser chamada, “venho todo dia ao colégio ...e fico: como é, está tudo bem? está precisando de alguma coisa?” Assinala que está sempre querendo mais e admite ficar ansiosa “É como se a gente mesmo fosse até fazer o vestibular, querer passar, mostrar para todo mundo...” “E essa ansiedade também é porque ela nunca foi reprovada....então é uma vitória para MIM – tanto para ela como para mim” ...”Quero dizer, me atinge, né, de qualquer forma me atinge, porque é uma realização minha também”. Refere não ter feito curso superior pois, ao ser reprovada no primeiro vestibular, não perseverou e foi trabalhar,

até porque a família precisava do dinheiro. Assinala que sua ansiedade em relação à filha é que não estudou e “joga para ela a cobrança. ...eu não me realizei e fico forçando a barra para que ela não siga meu exemplo...”

Refere que se a filha passar vai haver mudanças no ritmo de vida. da família. À pergunta sobre se haveria mudanças na sua vida responde: “vai mudar porque ela vai ter a independência dela e isto vai ajudar também a gente, a família”. Salienta que sempre se vê no contexto da família e repete sempre que são muito unidos e felizes: “Todo mundo junto, num único objetivo”.

Considera que o vestibular hoje tem um significado diferente do de antes pois os jovens agora não estão seguros do que querem e escolhem por questões financeiras. “Eles não estão maduros para enfrentar o vestibular”. Para ela, a escolha deveria visar fazer “aquilo que você sente que é o que você quer...o que vai lhe realizar”.

1.5.2. Análise do depoimento

Apresenta um discurso muito autêntico quanto aos sentimentos em relação à situação. Transmite insegurança e repete muito os termos “tá entendendo?” e “né?” como se a todo momento precisasse se assegurar da compreensão do outro. Manifesta predominantemente sua ansiedade através da pressão que faz para a filha estudar: só a aprovação no vestibular é que vai provocar mudanças na vida da família. Numa espécie de delegação, a filha tem que se sair bem para realizar o que ela não conseguiu fazer e se arrepende.

Como uma forma de compensar pelo que não fez e talvez para justificar a escolha feita pela vida doméstica, apresenta uma visão muito idealizada do grupo familiar. Identifica-se com a família de forma quase fusional, como se ela própria não existisse

como pessoa: “todos muito unidos e com objetivos comuns”. Quando solicitada a falar sobre o maior ou menor nível de independência da filha, respondeu que em casa todos eram muito unidos., como se também não pudesse ver a jovem como indivíduo. Possivelmente, o fato de não ter perseverado nos estudos faz com que não consiga se ver como possuidora de uma identidade própria. Vê o desempenho da filha como realização sua, delega a ela seus projetos não desenvolvidos e pressiona para que sejam cumpridos. De certa forma, é uma repetição de sua história: refere que não foi adiante nos estudos porque a família precisava que ela trabalhasse—família unida com objetivos comuns?—e agora o desempenho da filha provoca mudanças no contexto familiar. Ao enfatizar que as coisas só mudarão “se a jovem passar”, a entrevistada está ressaltando a função de rito do vestibular. Salienta a etapa de separação que faz parte do rito: a filha é segregada dos demais jovens de sua idade em termos de perder as diversões e é pressionada por estudos intensos. Por outro lado, especifica que as mudanças só ocorrerão se a filha passar, se cumprir adequadamente o rito. Se aprovada, é adulta; se não, permanece criança. Ela própria não passou no seu ritual. Talvez por isso não se considere adulta e só consiga se ver de forma fusionada com a família. Enfatiza que o vestibular é uma vitória para ela, como se a aprovação resgatasse a sua função de mãe que cumpriu seu dever, correspondeu às expectativas e ultrapassasse um outro tipo de etapa. Admite, no entanto, que está forçando a barra da filha para que ela não siga seu exemplo.

Apesar do controle que exerce, no entanto, respeita a autonomia da filha quanto à escolha profissional e possivelmente quanto ao processo de individuação como um todo, pois a jovem não entra no jogo passivamente, não estuda como ela gostaria, busca ajuda e força a família a mudar a intensidade da pressão.

1.6. Depoimento 6: “Nosso vestibular: agora é minha vez”

1.6.1. Apresentação do caso

Mãe de dois filhos, doméstica, casada. Mostrou-se muito ansiosa e admite que, tanto ela como o marido, pressionam demais o filho por ser a primeira vez que lidam com tal situação. Assinala que tentam não demonstrar a ansiedade para o jovem, que já se queixa da pressão. Refere que o vestibular é dela também – “nosso vestibular”- e que nem vai dormir no dia da prova. “A gente fica tensa, nervosa, confusa...ansiosa até demais”. Respeita a opção profissional do filho por Administração e salienta que tem certeza que ele “entrando na faculdade, vai ser um grande empresário”. Considera o filho imaturo e sem investir no estudo como ela gostaria. Com relação ao nível de independência do jovem, diz que é meio termo “se eu deixar ele quer ser independente. Diz que, se não passar, quer trabalhar”. Refere que ele é tímido, reservado e queixa-se que ela investe mais nele que ele nela: apesar de ter sido criado com muito carinho, não é carinhoso com ela.

Assinala que não passou no seu próprio vestibular e desistiu de estudar “Sempre digo, mainha não teve oportunidade, a vida foi muito difícil, mas pude ficar com eles.” Planeja fazer vestibular junto com o filho pois se arrepende de ter deixado tudo. Inicialmente refere que o vestibular vai provocar mudanças nele, em termos de responsabilidade e na forma de se relacionar com a família, mas nela não. Após a pontuação, na intervenção, quanto ao desejo que manifestara em fazer o vestibular, assume que sua vida vai mudar demais, que “agora chegou a minha vez...eu quero me realizar...posso estar de cacetinho, mas acabou de criar filhos. Eles já têm a vida deles”. “Chegou a hora, estou com 40 anos, tenho direito de estar viva.” Considera, no entanto, que terá problemas com o marido em relação à escolha do curso, pois pensou em Enfermagem e sabe ele não permitirá que ela faça plantão noturno. Refere depender dele

para o pagamento das mensalidades em uma instituição particular, uma vez que não se considera capaz de ser aprovada na Universidade Federal.

Refere não saber que significado o vestibular tem para o filho, mas acha que ele vai ficar muito alegre “porque ele quer – eu nem tanto – porque ele quer trabalhar, se passar no vestibular”. Refere que “é tão bom a gente poder participar das coisas com os filhos. Eu curto demais, me envolvo à distância, mas participo de tudo. Foi ótimo o momento que escolhi para fazer o vestibular”.

1.6.2. Análise do depoimento

Durante toda a entrevista manifesta grau elevado de ansiedade, chegando a repetir o termo “ansiedade” ou similares por 9 vezes. Refere como motivo o fato de estar vivendo o momento pela primeira vez e o medo de que o filho não estude o suficiente. Demonstra indiferenciação em relação ao filho e transmite o sentimento que ele tem que passar para realizar o que ela não fez ao desistir de estudar. Chega a idealizar tal futuro: tem certeza que o filho será um grande empresário. Seria este o sonho dela? Parece resistir aos movimentos de diferenciação do filho pois diz que se ela deixar ele quer ser independente e refere que não concorda muito com o desejo dele de trabalhar assim que entrar na faculdade.

O vestibular é dela e dele, a tal ponto que fala de forma ambivalente: ora diz que não vai dormir na véspera da prova dele, e que nada vai mudar na sua vida com a etapa; depois refere que o exame é dela também, que vai fazer vestibular com ele e que sua vida vai mudar muito. É como se ela própria não acreditasse na possibilidade de vir a fazer uma faculdade, de concretizar seu sonho. Daí a necessidade de pressionar o filho para que o cumpra por ela, tornando-se “um grande empresário”.

Por outro lado, percebe o vestibular como o papel cumprido, diz que “chega de criar filhos”, vê novas possibilidades para ela, assume o arrependimento pelo que não fez e refere que quer viver. Quer viver a experiência com o filho, talvez como uma forma de reencontrar a juventude. Parece, no entanto, que seus momentos de definição são sempre conflitantes: tentou o vestibular no mês do casamento: “não liguei, não passei”; agora vai fazer de novo, justamente quando o filho se defronta com a prova, mas ainda sem uma escolha sua, dependendo da opinião e da aprovação do marido. É como se seu desejo pela independência e autonomia ainda estivesse em conflito com a necessidade de fusão e indiferenciação, de tal forma que precisa delegar ao filho seu projeto de ser bem sucedida.

1.7. Depoimento 7: “O vestibular é uma revolução na vida da família”

1.7.1. Apresentação do caso

Mãe de 3 filhos, profissional liberal, separada há 16 anos e recasada há 13. O vestibulando é filho do primeiro casamento e tinha 3 anos quando ocorreu a separação. Salienta que, apesar do bom relacionamento que ela e o filho ainda têm com o ex-marido, o pai efetivo é o padrasto. Refere que o filho estuda demais, revoluciona a rotina da casa e a família acaba refletindo a ansiedade do jovem: “Ainda bem que alguém se lembrou de perguntar isto aos pais, pois o vestibular é uma revolução na vida da família”. Queixa-se da irritabilidade do jovem e seus efeitos no contexto familiar e refere que sua maior ansiedade é a perspectiva dele não passar “e aí não sei como vai ser, pois ele diz que a vida dele, o destino dele é este ano. Ele botou uma coisa muito séria”.

Considera que o processo de escolha dele foi difícil devido ao fato de que ela e o ex-marido são médicos e acha que, inconscientemente, isto interferiu, embora reconheça que o filho nunca manifestou qualquer desejo de seguir Medicina. “Mas eu acho que, no

fundo, ele tinha aquele dilema pelos pais dele serem médicos, né, mas aí ele insistiu em fazer teste vocacional desde o primeiro ano. Daí eu percebi a insegurança dele...O teste é que orientou mesmo. Deu para exatas”. Refere que sua própria escolha foi determinada pelo teste vocacional, pois não tinha preferências. Percebe o filho como inseguro, reservado, isolado e muito dependente. Embora reconheça que ele foi melhorando à medida que crescia, ainda o considera muito jovem para ter uma definição de uma profissão.

Acha que o filho percebe o vestibular como uma decisão de vida, “como uma barreira que ele tem obrigação de passar”, e pontua que está tentando fazer com que ele veja que não tem obrigação de passar. Ela própria não atribui muito valor no exame, pois considera que o mais importante é a educação ao longo do período escolar. No entanto, acrescenta: “espero eu que ele passe porque é importante na realidade que a gente vive e para ele que quer continuar estudando e se formar”. Preocupa-se com a questão do mercado de trabalho e futuro incerto, referindo “ a gente vê gente desempregada, e ele está investindo muito nisso. Minha angústia é isso”.

No que se refere às mudanças provocadas na vida dela pela nova etapa responde perguntando: “Eu? Porque estou envelhecendo?” mas muda logo o assunto acrescentando que sente-se como cumprindo parte de sua missão: “a gente bota filho no mundo, quer vê-lo encaminhado, andando com os próprios pés”. Refere que, às vezes, pensa se vai ficar com menos responsabilidades com ele e diz: “não, porque filho fica dependente da gente a vida inteira, sempre. Mas fico feliz de ver ele crescendo como pessoa, como profissional...”

1.7.2. Análise do depoimento

Ao longo da entrevista repetiu muito a questão da ansiedade, ligada a aspectos tais como: à extrema auto exigência do filho que “tem que passar este ano”; à perspectiva de não passar; o medo dele não ser bem sucedido no mundo de trabalho atual, assim como em relação aos efeitos do atual comportamento do filho na rotina do contexto familiar. Chegou a repetir a palavra ansiedade 5 vezes só no primeiro parágrafo.

Aparentemente a relação do jovem com segundo marido da mãe é bem resolvida, uma vez que a depoente considera que é ele o pai do dia a dia, embora reconheça que, apesar da separação, existe um bom relacionamento do filho com o pai. Questionamos, no entanto, se a ansiedade que a mãe demonstra com a revolução que a irritação do vestibulando vem causando no contexto familiar não seria indicativa de um certo temor da reação que poderia mobilizar no padrasto. Talvez ela tema que o segundo marido não tenha tanta tolerância para suportar o nervosismo de um enteado como a que seria esperada de um pai, o que poderia colocar em risco sua relação com o atual marido.

No que se refere à escolha vocacional do filho, embora ela assuma que ele tem problemas inconscientes com relação à Medicina, não percebemos tal processo identificatório. Uma vez que o jovem nunca manifestou tal desejo, questionamos se esse não seria o projeto dela para ele? Dar continuidade ao caminho que ela e o pai dele iniciaram seria, talvez, uma forma de resgatar o lugar deste pai na vida do filho.

Atribui um significado mágico aos testes que tiveram papel decisivo na determinação tanto de sua profissão como na do filho, como se não pudesse conceber a possibilidade de uma escolha autônoma e baseada em interesses próprios.

Demonstra uma atitude madura e responsável frente à situação do vestibular. Parece aceitar o processo de diferenciação do filho, considera a importância de respeitar a

privacidade dele embora ressalte que filho fica dependente da mãe a vida inteira. Não interfere na escolha do jovem, assume uma postura de incentivá-lo, sempre assinalando que ele não tem obrigação de passar. Está bem consciente de que o filho está investindo tudo para ser bem sucedido este ano e tenta reduzir sua auto-exigência, embora reconheça que o sistema atual exige bom desempenho profissional.

Sinaliza que reconhece a entrada na meia idade, mas logo muda de assunto ao considerar o dever cumprido acarretado pela mudança de etapa.

1.8. Depoimento 8: “Em alguma coisa eu fiz dar certo”

1.8.1. Apresentação do caso

Profissional liberal da área de saúde, Nutricionista, casada mãe de 3 filhos, duas do sexo feminino: a vestibulanda e uma irmã de 14 anos e o caçula do sexo masculino. Refere, inicialmente, a ansiedade dos alunos que transmitem isso aos pais por fazerem muitas cobranças em termos de cursos e livros. Ressalta, depois, que o maior problema para a família são as demandas financeiras acarretadas pelo vestibular atual “Percebo porque, para mim, o financeiro abala mesmo”.... “Você dá todo um colegial e o aluno já acha que o normal é não passar, todo pai deve ficar estressado. Colégio hoje é muito caro, uma despesa altíssima para a família”. Demonstra pouca confiança no desempenho da filha, que fica pedindo outros cursos específicos que significam mais despesas: “primeiro, ela já acha que não passa. E se a gente cobra, a gente cobra assim...tem que estudar, tem que ter calma”. Salaria que a filha fica dizendo que não vai passar da primeira vez, que ninguém está estudando e que nem todos passam. “Aí isso deixa a gente...e eu converso com ela: que é melhor você passar logo da primeira vez, porque na segunda ou terceira você vai ficando mais nervosa”.

Percebe a filha como imatura, insegura, estressada, sem paciência nem persistência, abandonando tudo que começa: “ela é um estresse normalmente...por tudo”. A jovem não resolveu ainda o que vai fazer no vestibular porque acha que não vai passar em nada. Desistiu de fazer Direito, porque as pessoas vão olhar e não vão achar o nome dela na listagem. “Aí eu pergunto para ela, o que você vai fazer? E ela me pede: me diga o que eu faço. Eu digo: minha filha, não posso dizer o que você deve fazer....Agora eu acho que você devia tentar mesmo Direito, mesmo sem passar”. Refere que a filha sabe que ela gostaria que a jovem fizesse Direito e fica jogando, dizendo que não vai fazer tal curso, que não vai passar, só para preocupar a mãe.

Remete-se à sua própria escolha: refere não ter conseguido passar no que queria e desvaloriza a profissão que exerce. “Na verdade, na área de saúde eu só faria Medicina...como médica, teria uma profissão muito maior...fora que a nível de Nordeste, minha profissão é muito precária”. Fala um pouco sobre como não foi compreendida no desempenho de sua profissão: “acho que vejo as coisas muito rápido e o povo vê muito devagar.” Considera Direito como uma possível opção para ela pelas possibilidades em termos de estabilidade pública e admite que pode ter influenciado a filha. “Eu até já disse lá no trabalho que faria dois tipos de curso: na área de saúde, Medicina, porque você salva vidas e na área de humanas, Direito que você guia sua vida. Fora dessas duas profissões você não vive”.

Considera o vestibular como significando o primeiro desafio da vida da filha e salienta que “essa idade não é preparada para isso não. Na época da gente, essa idade já era um adulto. E a adolescência está maior, está mais comprida, até porque deve ser mesmo.” Refere que antigamente tinha que passar no primeiro vestibular “escolheu, tinha que assumir. Se não assumisse, que arcasse com as consequências. Optou... Que eu acho até

um pouco ruim, porque você também parece que optou, e perde um pouco da família. Parece que voltar atrás é uma fraqueza da pessoa, e não é”. Assinala que para ela, o vestibular também significa o começo de uma independência que só pode ser atingida através de uma profissão. Pontua que o momento repercute na vida dela porque “me dá uma...é como uma satisfação...não, não é uma satisfação. É como se fosse uma...é como se eu tivesse dado uma boa base para ela, uma boa orientação para a vida” Mais adiante acrescenta que se a filha “passar no primeiro vestibular, na primeira opção, a gratificação para mim é muito maior. É como se eu dissesse, realmente eu fiz dar certo. Em alguma coisa eu fiz dar certo...É um reconhecimento de que a gente fez o melhor.”

Salienta que espera que a pesquisa vá adiante porque o lado dos pais precisa ser analisado, pois o que fazem não é valorizado, principalmente no que se refere à mãe. Pontua que a sociedade é machista e cobra muito da mãe que está trabalhando porque precisa ajudar nas despesas: “principalmente cobram da mãe. Aí jogam tudo para as mães. Você não ir a uma reunião de pais, por ex..... Não cobram do pai, mas a mim ela diz que todo mundo estava lá...quando, na realidade, a gente está trabalhando para esse futuro melhor para ela.” Conclui repetindo que, se a filha passar, é o reconhecimento de que ela funcionou.

1.8.2. Análise do depoimento

Durante toda a entrevista manifestou ansiedade, falou muito, mas falava mais de si que do vestibular ou da escolha da filha. Transmitiu grande preocupação pelas cobranças, tanto financeiras como emocionais, que sente por parte da filha, e revida pressionando, exigindo que esta passe logo da primeira vez, como se dissesse: paguei caro, agora faça sua parte. Tal posicionamento pode demonstrar um conflito entre a mãe que

cobra e a filha que pode experimentar, mais livremente que no tempo em que a depoente vivenciou a própria situação de vestibular. Parece haver uma certa dificuldade no relacionamento da entrevistada com sua filha, não só evidenciado pelas queixas de cobranças mútuas, como pelo fato da mãe considerar a possibilidade da jovem não escolher Direito apenas por um desejo de contrariar a genitora.

Percebe-se, também, que estas cobranças parecem detonar solicitações anteriores que ela não conseguiu atender ao longo de sua vida, em termos de expectativas e desejos próprios ou de outros significativos. Transmite sentimentos de desesperança, baixa autoestima e desencanto, como se visse um mundo sem perspectivas, sem sonhos: todo o seu discurso transmite uma desvalorização de sua profissão, incompreensão da sua atuação na área de saúde e pressão financeira.

A questão da escolha é vista, por ela, de forma dolorosa: algo que deve ser assumido sem voltar atrás e, optando, a pessoa perde um pouco da família. É como se tivesse sido obrigada a assumir alguma (s) escolha(s), que não gostaria de ter feito, para não dar sinal de fraqueza. No entanto, critica a falta de persistência da filha que abandona tudo que começa – talvez como ela gostaria de ter tido o direito de fazer quando jovem - mas repete com a jovem as mesmas cobranças de passar no primeiro vestibular que foram feitas para ela. Refere que tudo antigamente era diferente, mas vale ressaltar que a depoente é uma das mais jovens, tem 39 anos com uma filha de 17 e, portanto, não vem de tão antigamente assim

Considera a filha sem condições para enfrentar o desafio do vestibular por ser nervosa, estressada, muito jovem e imatura, admitindo que interfere diretamente na sua escolha. Parece possuir uma valoração muito rígida das profissões ao afirmar que só existem duas que merecem respeito: direito e medicina, referindo que a que ela exerce não

está entre elas. Admite que gostaria de ter feito Direito, e talvez por isso deseje que a filha faça tal escolha. No caso, a jovem estaria satisfazendo ao desejo da mãe, fazendo por ela o curso de primeira linha que não conseguiu fazer.

Percebe o vestibular como um desafio cuja ultrapassagem é uma gratificação para ela, uma satisfação que dá aos outros, uma possibilidade de demonstrar a todos que ela fez alguma coisa certa, que cumpriu seu papel e que sua vida não foi um fracasso total. Salienta as cobranças feitas à mulher/mãe que trabalha e sente-se injustiçada pelo julgamento do mundo machista. Tudo isso parece reforçar a questão das cobranças e das avaliações da sociedade quanto ao seu papel de mãe e, para isso, sua estratégia é cobrar da filha na medida em que é cobrada.

2. DIMENSÕES ANALISADAS

As questões levantadas pela presente investigação pontuaram, basicamente, os sentimentos mobilizados, nas mães, pela perspectiva do primeiro vestibular de um filho (a). As intervenções desenvolvidas permitiram analisar cada caso a partir de 6 dimensões, o que possibilitou uma análise vertical e qualitativa de todos as entrevistadas.

As dimensões analisadas foram:

- Sentimentos predominantes apresentados pelas mães.
- Como as depoentes percebem o processo de separação / individuação do filho (a)
- Como reagem frente à diferenciação do filho (a).
- Como foi sua própria escolha
- Qual o significado que atribuem ao vestibular.
- Se percebem algum tipo de mudança na própria vida a partir da etapa vivida pelo filho (a).

O Quadro 1 que será apresentado a seguir, busca sintetizar os aspectos mais significativos das respostas das entrevistadas em relação às dimensões acima citadas.

QUADRO 1: Síntese das respostas das depoentes nas categorias analisadas

	SENTIMENTOS PREDOMINANTES	PERCEPÇÃO AUTONOMIA	REAÇÃO FRENTE DIFERENCIAÇÃO	COMO FOI A P.P. ESCOLHA	SIGNIFICADO DO VESTIBULAR	MUDANÇAS PERCEBIDAS
1. "Cora Enxuta"	Ansiedade elevada Sente-se cobrada Medo da reprovação Onipotência Medo que filho repita o pai Sedução	Rel. simbiótica Vê filho imaturo e muito dependente Identifica-se c/filho Exclui o pai e ocupa seu lugar	Mãe sabe tudo: controle/ pressão Infantiliza o filho Vítima/heroína Sedutora/confidente É pai e mãe p/filho Será mãe para sempre Conflito c/ autonomia	Não refere	Dever cumprido Realização mais dela que do filho Se passar, passamos	Nada vai mudar Idéia de repetição em todos os aspectos
2. "Eu tenho um certo poder..."	Ansiedade elevada Sente-se cobrada Medo da reprovação Onipotência Competição Medo de não corresponder Medo que filho fique triste	Vê filho imaturo e dependente Identifica-se c/filho Ressalta dificuldades do filho c/mudanças	Controle "tem um poder" Infantiliza o filho e gosta que ele seja dependente Interfere escolha Conflito c/ autonomia	Não refere	Realização indireta dela Resposta que se dá aos outros Um poder que ninguém tira	Nada muda em sua vida. Vida dela só muda se a dele mudar, se ele passar (Ritual de passagem)
3. "Mãe tem que clarear..."	Ansiedade elevada Medo da 1ª vez Medo da reprovação Onipotência Medo ser omissa Conflito de papéis Medo do filho não ser normal	Vê filho imaturo e dependente Identifica-se c/filho Interfere na escolha profissional	Mãe sabe tudo: Mãe deve clarear, não pode passar p/omissa Infantiliza o filho e reforça dependência	Ficou indecisa, apesar de se considerar decidida Refere interferência do pai	Uma batalha A sociedade cria expectativas e o jovem segura a barra	Não refere
4. "Certeza de não passar"	Ausência de ligação Ressentimento Certeza da reprovação Onipotência Preocupação consigo Rejeição	Vê filha imaturo e dependente Mãe não vê filho crescer Nega e tem conflito com a autonomia da filha	Mãe forte/ sabe + Controla Zomba das mudanças da filha Vítima /heroína Interfere escolha Exclui o pai	Refere que foi induzida por uma tia e gostou	Vê o significado social do vestibular: o desemprego Sinal que ela está ficando velha	Vestibular = ela está ficando velha. Admite passagem do tempo e suas mudanças
5. "Ela não pode seguir meu exemplo"	Ansiedade elevada Medo da reprovação Pressão por + estudos Insegurança Medo que filha repita s/ erro Desejo q. filha realize sonho	Vê filha imatura Pressiona controla Delega missão identifica-se c/filha Respeita escolha	Pressiona p/estudar Cobra Controla na escola Delega missão	Fez vestibular, não passou e desistiu porque família precisava que ela trabalhasse. Teme que filha repita seu erro	Uma vitória para a mãe, uma realização dela também	Mudança na sua vida só se a filha passar e muda para toda a família. (ritual de passagem)
6. "Nosso vestibular... Agora é minha vez"	Ansiedade elevada Medo da reprovação Pressão por + estudos Medo da 1ª vez Desejo que filho realize seu sonho	Vê filho imaturo Pressiona p/estudar Delega missão Identifica-se c/filho Conflito com a autonomia filho	Infantiliza e cobra Pressiona p/estudar Participa de tudo até vai fazer vestibular "Se deixar, ele quer ser independente" Respeita escolha	Fez vestibular, não passou e desistiu porque ia casar no mesmo mês. Agora quer fazer c/ o filho, mas o marido é que decide a profissão	Libertação para ela que deixa de criar filhos e pode retomar sua vida	Inicialmente diz que nada muda; depois refere que se ele passar, vai retomar sua vida, fazer novo vestibular.
7. "Vestibular é uma revolução na família"	Ansiedade elevada Medo da reprovação Preocupação com a auto-exigência do filho Irritação com os efeitos do vestibular na família toda	Vê filho imaturo e dependente Identifica-se c/filho Respeita a escolha Respeita a diferenciação	Infantiliza o filho: repete muito que ele é muito jovem Filho é dependente a vida toda	Refere não ter tido preferências e o teste é que determinou o que ela devia fazer	Barreira para ultrapassar Missão cumprida	Reconhece que com a nova etapa ela pode estar envelhecendo
8. "Em alguma coisa eu fiz dar certo."	Ansiedade elevada Sente-se cobrada/avaliada Medo da reprovação Insegurança Baixa auto estima	Vê filha imatura e s/condições p/fazer o vestibular Interfere na escolha Cobra e pressiona	Infantiliza a filha Faz cobranças Interfere na escolha Não acredita no potencial da filha	Fez vestibular para Medicina, passou em nutrição, não está satisfeita com a profissão, mas nunca lutou para mudar a situação	Desafio para a filha Realização / mãe Satisfação que dá aos outros Refere que em alguma coisa ela funcionou	Vestibular dá uma certa independência para ela também

3. ANÁLISE DE TODOS OS DEPOIMENTOS

Objetivando uma compreensão mais global do problema investigado e considerando as dimensões propostas, elaboramos um quadro comparativo, o Quadro 2, para que fosse possível visualizarmos os aspectos mais relevantes no conjunto das entrevistas.

QUADRO 2: Freqüência de respostas apresentadas pelos depoentes nas categorias analisadas

DIMENSÕES ANALISADAS	TOTAL ENCONTRADO NOS DEPOIMENTOS*							
	1	2	3	4	5	6	7	8
1. SENTIMENTOS PREDOMINANTES								
• Ansiedade elevada								
• Medo da reprovação do filho(a)								
• Medo de enfrentar alguma coisa pela 1ª vez								
• Sente-se cobrada/avaliada								
• Onipotência								
• Insegurança								
2. PERCEÇÃO DA AUTONOMIA DO(A) FILHO								
• Percebe filho como imaturo e dependente								
• Identifica-se com filho								
• Exclui ou diminui o papel do pai								
• Tem conflito com a autonomia do filho(a)								
• Delega missão de ser bem sucedido								
3. REAÇÃO FRENTE À AUTONOMIA								
• Infantiliza o filho								
• Mãe sabe tudo/ é a mais forte (vigilância)								
• Pressiona, controla								
• Interfere na escolha								
• Respeita a escolha								
• “Vítima/Heroína”								
4. COMO FOI SUA PRÓPRIA ESCOLHA								
• Admite influências da própria família								
• Arrepende-se da escolha feita								
• Não refere								
5. SIGNIFICADO DO VESTIBULAR								
• Dever cumprido/vitória, realização da mãe								
• Resposta/satisfação que se dá aos outros (expectativas sociais)								
• Barreira/Batalha/Desafio								
• Percebe o significado social do vestibular								
6. MUDANÇAS PERCEBIDAS								
• Nada vai mudar								
• Alguma coisa muda só se o filho passar								
• Reconhece nova etapa: “está envelhecendo”								
• Pretende retomar o que não fez em sua vida								

	Maior freqüência		2ª maior freqüência		3ª maior freqüência		4ª maior freqüência
--	------------------	--	---------------------	--	---------------------	--	---------------------

* OBS.: A numeração não corresponde à ordem de apresentação dos depoimentos no texto

3.1. Análise de cada dimensão

3.1.1. Sentimentos Predominantes

a) *Ansiedade*: O sentimento mais evidenciado em todos os depoimentos, com a exceção da depoente n. 4 que demonstrou distanciamento e baixa vinculação afetiva, foi o de ansiedade elevada. Esta foi manifestada de diferentes maneiras: desde o comportamento de pressionar o vestibulando por estudos cada vez mais intensos, até à repetição exaustiva do termo “angústia” e similares ou, de maneira oposta, à necessidade de negar sistematicamente o sentimento. Vários foram os motivos verbalizados para justificar o nível de ansiedade: o medo da reprovação do filho (a), sentir-se cobrada ou avaliada foram citados em todos os depoimentos, além de outros motivos específicos de cada caso, mas consideramos que a ansiedade demonstrada implica num somatório de todas essas questões. Uma ou outra pode aparecer de forma mais forte e explícita nos diversos depoimentos, mas é possível que o elo comum tenha sido a ansiedade frente à perspectiva de separação/individuação do filho. Tal separação, salienta a questão da perda do filho/posse, ainda visto como parte de si, e pode ser caracterizado como uma perda narcísica, com todas as ansiedades que ela pode mobilizar.

Mahler (1975), refere que a separação é um processo de mão dupla e remete às primeiras relações com a figura materna, pontuando que a disponibilidade emocional da mãe é essencial para o desenvolvimento da autonomia; Josselson (1980), Fleming (1993), Blos (1998) e Boszormenyi-Nagy e Farpo (Dias, 2000) ressaltam que, para poder se separar e individualizar, o jovem precisa estar ligado aos pais através de um vínculo seguro, ter estabelecido e interiorizado relações íntimas, confiantes e recíprocas com as pessoas significativas da família. Analisando os depoimentos, verificamos que, na maioria

deles, a relação estabelecida pela mãe com os filhos é de indiferenciação simbiótica e fusional. Em alguns casos, principalmente nos das entrevistadas 1 e 4, a figura paterna está ausente e criticada ou, como em outros depoimentos, não sendo introduzida como relevante. Evidenciamos isto em verbalizações como: “a criação dos dois foi exclusivamente minha...eu construía, o pai destruía...” “não falam sobre o pai...têm pouco contato com ele...” e outras. Andolfi, Angelo e Menghi (1984) referem a importância da relação triangular entre os pais e a criança para a determinação da autonomia da criança e pontuam que, numa relação dual, exclusiva, não é possível ocorrer diferenciação se nenhuma das duas partes envolvidas é capaz de estabelecer uma relação com uma terceira pessoa. Souza (1997) refere que famílias monoparentais, predominantemente constituídas por mãe e filho, tendem a estabelecer relações fechadas, que dificultam o desenvolvimento da individualidade do(s) filho(s) pela ausência da figura do pai e a conseqüente triangulação estruturante. Costa (1997) salienta que, sem a rivalidade edípica, estabelece-se uma luta narcisista onde os pais fantasiam moldar os filhos à própria imagem com o objetivo de negar que o tempo passa. Não queremos, com estas considerações, afirmar que não houve influências paternas nas famílias referidas na investigação, mas a forma como a figura do pai apareceu em alguns depoimentos apontava para uma diminuição de sua importância no contexto relacional.

Algumas das depoentes se identificam com os filhos de diversas formas, enquanto outras delegam a eles o cumprimento de seus próprios projetos. Evidencia-se onipotência e superproteção por parte da maioria das entrevistadas e todas manifestam resistências aos movimentos em direção à diferenciação percebidos nos filhos, como numa tentativa de negar que eles não são mais suas crianças. Ver o filho crescer é enfrentar o “unheimlich”, o estranho para os pais e viver o “game over” descrito por Corso e Corso (1997) para

significar que o jogo acabou e de nada mais adianta manipular os controles. É, segundo os autores, a perda do sonho, do filho/posse/idealizado e tal perspectiva é altamente geradora de ansiedade.

Analisaremos, em seguida, os demais sentimentos verbalizados nos depoimentos ou percebidos através da dinâmica do discurso. Ressaltamos, no entanto, que todos eles são representações do sentimento mais geral e mais reconhecido por todas as depoentes, que é a ansiedade intensa.

b) Medo da reprovação/sentir-se avaliada: outro sentimento, referido por todas as depoentes, foi o medo de que o filho(a) não fosse aprovado no vestibular embora apresentando significados diferentes nos casos específicos. Associada ao medo da reprovação do filho, aparece a necessidade de dar uma satisfação às pessoas em geral e o medo de que o jovem (ou ela?) não corresponda às expectativas e por isso ser condenado. Salientamos, aqui, as análises de Teixeira (1981) e Soares Lucchiari (1996) e Bianchetti (1996) que pontuam a dimensão de barreira social que avalia o sucesso ou fracasso de um jovem pela sua aprovação ou reprovação, cuja responsabilidade é atribuída apenas a ele. Sua família , conseqüentemente, passa a sentir-se também avaliada pelo desempenho do filho, uma vez que os resultados obtidos nas provas são publicados em diversos órgãos da mídia e comentados socialmente. Visto como o caminho mais viável para a ascensão social num país, entrar para uma faculdade é uma forma de reconhecimento, de status pelo qual os pais de famílias de classe menos elevadas esperam que o filho modifique sua situação e procure subir na vida, enquanto que, nas classes mais altas, o desejo é que o filho o confirme, que ratifique sua situação de classe. Salientamos, em relação a este aspecto, que tamanha é a ansiedade frente às expectativas sociais que são suscitadas por esta dimensão do vestibular que os jovens e suas famílias percebem-se como “aprovados” ou

“reprovados” *como pessoas* a partir dos resultados das provas, perdendo de vista, ou não questionando, as deficiências do sistema avaliatório em si. As depoentes eram todas de classe média, uma camada social que atualmente passa por dificuldades e que tende a aspirar, para seus filhos, não só melhores condições de vida, como também que correspondam ao que esperam deles. Isto fica evidenciado nas palavras da depoente n.º 2 “Todo mundo espera que ele se saia bem e no caso de não se sair bem, tenho a impressão que vai se sentir frustrado e achar que as pessoas estão condenando ele”.

Relacionamos, ainda, tal sentimento com a avaliação do desempenho do papel de mãe, enquanto educadora. Rocha-Coutinho (1994) salienta que, em tal contexto, o destino da criança passa a depender da boa ou má atuação da figura materna e o filho passa a ser visto como critério para a vitória ou fracasso no desempenho do papel de mãe. Percebe-se, no conjunto dos depoimentos, intensa preocupação em não errar, não passar por omissa, desempenhar o(s) papel (eis) da melhor forma possível. Em tais casos, a mãe coloca-se como pressionando o filho(a) por estudos intensos, dando todas as condições materiais, transformando-se na *vítima/heroína* que percebemos no depoimento 1, como se tentando provar que a falha não está sendo dela. Em outros casos, evidencia-se a necessidade de proteger o filho/criança da dor e da tristeza, de “clarear” seu caminho, de compartilhar tudo com ele e o desejo até de enfrentar a batalha por ele..

c) Medo de enfrentar alguma coisa pela primeira vez: Todas as mães estavam vivenciando o vestibular do filho (a) pela primeira vez, mas nem todas expressaram este sentimento que, de certa forma, representa uma identificação com o momento que o vestibulando vive ao confrontar-se com o futuro desconhecido. As palavras “primeira vez” apareceram em diversos contextos em diferentes depoimentos, tanto no sentido de viver os papéis ainda não experimentados, como foi exaustivamente repetido no depoimento 3,

como pela cobrança de que a filha obtivesse sua aprovação logo na primeira vez, na primeira opção, conforme referia a depoente n.º 8. Viver o desconhecido, enfrentar o novo, é sempre ameaçador e pode mobilizar ansiedades que remetem à perda da segurança, ao medo de errar, de não corresponder, ao reconhecimento de limites. Este sentimento evidencia, ainda, uma mudança de etapa de vida, um momento de crise, de vulnerabilidade, de decisão entre progressão e regressão. Segundo Sheehy (1977), em cada passagem de uma etapa para outra, o ser humano precisa descartar camadas protetoras para que possa crescer em novas direções. Carter e McGoldrick (1995) descreveram os fluxos de ansiedade da família nas dimensões verticais e horizontais referindo que estes últimos seriam produzidos pelos estresses provocados pelo movimento do tempo, pelas mudanças no ciclo de vida. O grau de ansiedade gerado pelo estresse nos pontos de convergência dos eixos verticais e horizontais, determina a maneira como a família conseguirá lidar com as transições ao longo da vida. Cada passagem para uma nova etapa de vida requer uma mudança no status do próprio sistema familiar em termos de expansão, contração de suas fronteiras e realinhamento dos relacionamentos para que o sistema possa funcionar de forma adequada. Na medida em que estamos evidenciando, na maior parte dos discursos, uma dificuldade em enfrentar o processo de diferenciação dos filhos, o medo de enfrentar a “primeira vez” pode estar indicando problemas na permeabilidade das fronteiras do sistema intrafamiliar. Small, Eastman e Cornelius (1988) salientaram, que o estresse é mais elevado em pais com filhos na adolescência inicial, resultante, talvez, da dificuldade de lidar com a rapidez das mudanças em tal etapa de vida. Embora reconhecendo que a idade média dos vestibulandos já ultrapassa a adolescência inicial, percebemos que o momento do vestibular, chegando cada vez mais cedo em nossa realidade cultural, soma-se às

modificações, ainda intensas, da adolescência mediana podendo, assim, aumentar o nível de estresse diante de tantas “primeiras experiências”.

d) Sentir-se cobrada: Este sentimento evidencia-se ao gerar ansiedade em parte das depoentes, referindo-se tanto a cobranças emocionais como a financeiras. Tal sentimento de cobrança pode remeter às expectativas sócio-históricas do papel da mãe como primeira educadora para seu filho salientado por Rocha-Coutinho (op. cit) e que referimos acima, pelo qual a genitora passa a ser responsável pelo sucesso ou fracasso do filho. A autora pontua que, mesmo com as mudanças ocorridas, a partir dos anos 60, com o movimento de resistência das mulheres, na prática, o que se vem observando é que o discurso social, apesar de ter incorporado novos papéis à identidade feminina e ter, até certo ponto, questionado o ideal da maternidade, pouco mudou sua definição de mulher. Embora atuando no mundo de trabalho de hoje, ela continua desempenhando papéis múltiplos e conflitivos. Diniz (1999) descreve os numerosas formas de arranjos que a mulher, de hoje, desenvolve na tentativa de conciliar o trabalho remunerado e o desenvolvimento profissional com as expectativas que a sociedade tem do papel da mulher. Em seus estudos acerca da interação trabalho/casamento, verificou que as mulheres da amostra tenderam a tomar para si a responsabilidade com a administração da vida doméstica, o que significa que mesmo enquanto luta para mudar, ela não quer ainda abrir mão do poder e controle que sempre exerceu na sua família. O conflito reside no fato de, por um lado, acreditar que tem direito a uma vida própria e do outro continuar a afirmar que a mãe é indispensável para a boa formação do filho, não importando as soluções que encontra para conciliar. Daí muitas partem para impedir a participação dos maridos e companheiros nas tarefas domésticas e na educação dos filhos.

Foi possível evidenciar esta questão principalmente pelo fato de que 6 das depoentes eram profissionais que buscavam articular o trabalho com a educação dos filhos e insistiam em pontuar que “mãe é mãe para sempre”, “mãe conhece o filho melhor que ninguém” “se não passar o pai vai dizer..” e similares, que indicavam que ainda consideravam como sua responsabilidade a educação do filho(a). As duas entrevistadas que eram separadas sem recasamento, colocaram-se no lugar da provedora, da mãe que é a única responsável pelo destino do filho(a) desempenhando o papel da *vítima/heroína*, que batalha, “se descabela”, sofre, mas sempre realiza. No entanto, ambas apresentaram expectativas negativas em relação ao desempenho dos filhos (as), como se elas próprias não acreditassem em sua capacidade de educar sem ajuda. A depoente 8 sentia-se cobrada em seu papel de mãe e quase que se desculpa pelo fato de trabalhar ao dizer: “jogam tudo para as mães...quando na realidade, a gente está trabalhando para o futuro melhor para ela”. Tais verbalizações remetem às ponderações de Souza (op. cit.) ao salientar que, hoje, o indivíduo tem primazia sobre a família, e que esta, para não perder sua “utilidade”, para não ser abandonada, tem “obrigação” de atender às demandas do indivíduo, de assegurar seu bem estar. A referida mãe sentia-se na obrigação de pagar todos os cursos extras que a filha solicitava, mesmo admitindo que não tinha condições financeiras para isto. Considerando as características do momento atual, onde o *ter* sobrepõe-se ao *ser*, com o consumismo e a competição tornando-se metas prioritárias da Pós-Modernidade, as cobranças dos indivíduos às suas famílias podem tender a ser cada vez mais intensas.

Percebemos, ainda, que em alguns depoimentos, as cobranças a que buscavam atender remetiam a apelos provenientes de aspectos do passado delas ainda não resolvidos. No depoimento 2, por exemplo, a entrevistada buscava, através do filho, corresponder às

exigências de seu próprio pai, enquanto que, no depoimento 8, a mãe cobrava da filha na medida em que fora cobrada na sua juventude e não conseguira corresponder.

e) Onipotência/Insegurança: Estas duas categorias de sentimentos apareceram nas entrevistas e remetem à questão do jogo de poder que se estabelece na família. Retomamos aqui as ponderações de Osório (1996 a) referido-se ao fato de que o eixo em torno do qual gravitam as mudanças na família atual pode estar situado nas relações de poder entre seus membros, uma disputa cujo combustível é o narcisismo humano. O autor pontua que o sentimento de posse, radicados nos núcleos narcísicos arcaicos da condição humana, envenenam os relacionamentos. Refere, ainda, que busca-se, hoje, um novo equilíbrio de forças entre os membros de uma família tanto entre marido e mulher pela nova ordem sexual, como entre pais e filhos pela ascensão do poder jovem e consequente revisão da autoridade parental. Em alguns depoimentos, onde a relação estabelecida era mais de indiferenciação narcísica, a onipotência ficava evidenciada em diversas maneiras: atitudes de interferência direta, não respeitando sentimentos ou preferências do filho(a); termos do discurso tais como: mãe sabe tudo, mãe é mãe para sempre; eu tenho um certo poder e similares. As depoentes separadas, que estabeleceram uma organização familiar monoparental, transmitiram mais onipotência no discurso. Os estudos de Silverberg e Steinberg (1987) também consideram a questão da luta pelo poder ao sugerir que as mães, mais que os pais, sofrem os efeitos do conflito com os adolescentes e pontuam que na medida em que o adolescente evolui em seu processo de desenvolvimento, passa a ter mais poder que a mãe, mas não que o pai. Esta perda de poder pode ser associada à análise de Jablonsky (1999) acerca das diferenças entre os papéis desenvolvidos pelos pais e mães, nos quais estas mantêm uma relação de proteção, de afetividade mais sérias e objetivas. As funções exercidas pelas mães estariam mais ligadas aos cuidados como: alimentação,

planejamento e organização doméstica em geral. Na medida em que o jovem se diferencia, tais funções vão diminuindo e tornando-se menos importantes. Tal esvaziamento de papel pode deixar muitas mães com sentimentos de falta de poder e insegurança, levando-as a tentar negar o processo de diferenciação, persistir no papel de cuidar deles, como ficou demonstrado pelas palavras da depoente n.º 3 que sempre tinha que “clarear, dar a luz” ao filho que não tinha condições de “enxergar” ou fazer como a entrevistada n.º 2 que diz “se eu deixar, ele quer ser independente”, como se pudesse parar o processo de autonomia.

No que se refere à insegurança, observamos que a depoente n.º 5 que não tinha nível superior e que se arrependera de sua escolha pela vida doméstica, e a n.º 8 que também demonstrou arrependimento por não ter persistido em sua escolha, foram as que demonstraram mais insegurança. Ambas eram mães de meninas e questionamos se tal insegurança não viria tanto do fato de se sentirem menos capazes como educadoras devido ao fracasso da própria escolha como do confronto da rivalidade edípica reeditado na adolescência da filha, agora possuidora de mais juventude e beleza que a mãe .

Uma outra defesa encontrada é a de pressionar o filho(a) por comportamentos de dependência ou tentar viver de forma fusional com ele e/ou com a família. Isto foi evidenciado pelo medo de errar, de não corresponder às expectativas ou camuflada pela necessidade de pressionar por estudos intensos como também pela mistura simbiótica que percebemos, por exemplo, da depoente n.º 5 com sua “família sempre unida”.

Um outro aspecto relevante a essa questão da onipotência é que alguns depoimentos evidenciaram o *desmapeamento* salientado por Figueira (1986), pelo qual conteúdos arcaicos convivem, de forma invisível, com os modernos. As atitudes autoritárias de interferir nas escolhas, pressionar excessivamente, proibir que jovens de 17

anos andem a pé ou de ônibus sem a mãe, remetem ao ideal *hierárquico* que o autor pontua, e estão em contradição com o discurso igualitário da “mãe amiga”.

f) Outros sentimentos: Além dos sentimentos citados, cada caso apresentou também suas especificidades, as quais já foram analisadas acima. Salientamos apenas alguns sentimentos que se evidenciaram:

- medo de que o filho repetisse o fracasso do pai;
- competição; ressentimento;
- distância e ausência de ligação afetiva;
- certeza da reprovação da filha;
- medo de que sua filha repetisse seu erro;
- desejo que o(a) filho(a) realizassem o que não conseguiram fazer;
- irritação com os efeitos do vestibular no contexto familiar;
- preocupação com a auto-exigência do filho.

Analisamos os sentimentos verbalizados pelas mães em relação ao processo de diferenciação do filhos. Vale ressaltar que, embora tenhamos focalizado mais as dificuldades que as depoentes apresentam frente a este momento do ciclo vital que assinala a proximidade da separação, não podemos deixar de salientar que todos os depoimentos, com a exceção do depoimento n.º 4, transmitiram forte ligação de afeto e preocupação positiva pelo filho(a), sendo este, possivelmente, a origem de todos os outros.

3.1.2. Percepção do processo de individuação do filho(a)

Embora em graus diferentes, as entrevistadas, em geral, tiveram dificuldade em reconhecer ou mesmo aceitar o momento de diferenciação vivenciado pelo filha(a). Todas afirmaram que os jovens eram imaturos, dependentes, sem condições de enfrentar a

situação do vestibular e a maioria não reconheceu o direito de escolha do filho(a), interferindo diretamente em sua opção profissional. Reconhecemos que existe o dado de realidade: os jovens chegam ao vestibular cada vez mais cedo, ainda imaturos e pouco preparados em termos de um aprendizado da escolha. No entanto, temos que reconhecer, também, que a forma de relação estabelecida, na família, é que vai incentivar ou dificultar o desenvolvimento da autonomia do jovem. Ressaltamos a questão, referida por Nichols e Scwartz (1998), quanto à questão da separação/autonomia, onde o autor dita Guntrip como referindo que o fracasso dos pais em aceitar o fato de que seus filhos são seres separados pode levar a transtornos no desenvolvimento da personalidade deles. Pais que não conseguem tolerar a separação ou o desvio de suas normas, reagindo aos movimentos de independência com controle excessivo podem ter filhos que não diferenciam suas próprias necessidades daquelas de seus pais e se transformam em filhos submissos e “perfeitos”. Duas das depoentes verbalizam que gostam da dependência do filho(a) e afirmam que são fortes ou têm um certo poder de fazê-los seguir suas determinações e uma delas refere que o filho é muito bom porque é muito obediente. No capítulo referente à separação e autonomia do adolescente citamos Stierlin (Soares Lucchiari, 1996) e (Dias, 2000) como ressaltando a importância das percepções parentais sobre a separação do filho, no sentido em que, a maneira como os pais percebem a capacidade de separação dos filhos pode vir a induzir ou inibir a individuação. O autor descreve dois modelos de separação: o centrípeto e o centrífugo. Ficou evidenciado, na maior parte dos depoimentos, a predominância do modelo centrípeto, definido como altamente indiferenciador, captativo, favorecendo comportamentos regressivos, gerando culpa frente à separação, sentimentos de incapacidade e dependência. As mães manifestaram ressentimento, conflito e ironia frente às manifestações de diminuição da dependência por parte dos filhos(as) como podemos

verificar nas seguintes verbalizações: “Gera conflito porque ele diz ‘eu não sou você” (depoimento 1) “se eu deixar, ele quer ser independente” (depoimento 6); “começou a mudar, a falar e me deixar. Fiquei sozinha” (depoimento 4).

Foi possível perceber, também através do discurso das mães, que estas não conseguem ainda se diferenciar dos filhos: utilizam termos como “se passar, passamos”, “vamos fazer?” e insistem em manter um vínculo simbiótico e onipotente. Colocam-se como figuras predominantes de identificação, criticando ou omitindo a figura do pai em tal processo. A depoente n.º 2 “botou o filho na Área II” e quer que os filhos sejam estudiosos como ela; as n.º 3 identifica a criatividade do filho com uma tia materna e assim por diante. Atribuem, aos filhos, sentimentos que são seus e projetam neles seus desejos. Soares Lucchiari (op. cit.) salienta que os pais constroem projetos para o futuro dos filhos, desejando que correspondam à imagem que projetaram neles e propondo metas e objetivos a alcançar. Refere que tais projetos seriam originados na genealogia e expressariam os projetos das gerações precedentes. Evidenciamos, na depoente n.º 2, que o projeto da mãe, para o filho, visava a atender às demandas do avô materno do jovem que, através de sua escolha, encontraria seu lugar na família, simbolizado, no caso, pelo “lugar no escritório do avô”. A autora refere, ainda, que tais projetos podem apresentar contradições: por um lado incentivando a reprodução e por outro, a diferenciação. Tais contradições podem aparecer internamente ao projeto, em seu relato ou quanto à sua realização. Esta última expressaria a defasagem entre o ideal proposto e os meios que o jovem efetivamente tem para atender ao conteúdo do projeto, e poderia estar na origem da repetição, aparentemente sem sentido, no depoimento 3 das palavras “dentro da normalidade”, “mas vai, ele vai”. Sendo educadora, trabalhando no colégio do filho, a depoente provavelmente tem projetos para a vida universitária do jovem, uma vez que refere as expectativas da sociedade a esse respeito e

sua preocupação parece indicar um medo, não verbalizado, de que ele não tenha condições para tanto. Soares Lucchiari (op. cit.) refere, ainda, que Stierlin pontua a *delegação* como um tipo de conflito ou modo transacional da separação e diz que esta consistiria em delegar ao jovem missões que seriam desejos, conscientes ou inconscientes dos pais, em que a autonomia é encorajada só na medida em que esteja em consonância com a missão que se espera dele. Tal processo foi evidenciado tanto no depoimento 5, no qual a filha não podia repetir o erro da mãe e tinha que ser aprovada onde a genitora havia sido reprovada e no sonho da depoente n.º 6 de que o filho não apenas passasse no vestibular que ela havia perdido, como se tornasse “um grande empresário”. Percebemos também a existência de projetos negativos para os filhos, como ficou evidenciado pela atitude da depoente n.º 1 cuja expectativa, para o filho, é de que este repita o pai em todas as características negativas que possui, “destruindo o que ela constrói”.

Fleming (1993) sugere que os pais repetem com os filhos, de diferentes maneiras, degraus de seu próprio desenvolvimento e que, em algumas circunstâncias, conseguem resolver seus conflitos *a posteriori*. O depoimento 8 evidenciou a repetição dos conflitos da depoente pela maneira como esta cobra da filha as mesmas atitudes que exigiram dela; a depoente n.º 6 busca, ao considerar a possibilidade de fazer o vestibular com o filho, resolver seu conflito *a posteriori* e viver sua vida profissional.

3.1.3. Como as mães reagem ao processo de diferenciação dos filhos(as)

Considerando que a maioria das entrevistadas teve dificuldade em reconhecer o processo de diferenciação, conforme demonstramos acima, torna-se necessário analisar de que maneira se comportam para lidar com o processo enquanto ele está ocorrendo. Verbalizações como “Temos conflito porque ele diz: eu não sou você”, ou “se eu deixasse,

ele era independente” e outras, já referidas anteriormente, demonstram a predominância de uma reação negativa frente à autonomia do jovem. Observamos a interferência direta na escolha profissional dos filhos (as) assim como comportamentos de pressionar, controlar e cobrar em metade das depoentes, enquanto que três delas já respeitam a escolha dos jovens, indicando a aceitação da diferenciação.

A resistência em permitir que o filho(a) se diferencie pode representar, além da ansiedade frente à separação descrita acima, o medo de perder o controle, o poder exercido pela mãe enquanto figura de principal educadora, também já anteriormente caracterizado. Rocha-Coutinho (op. cit.) descreveu algumas estratégias de controle utilizadas pelas mulheres para não perderem o poder invisível que exercem sobre a família. Foi possível identificar algumas dessas estratégias utilizadas pelas depoentes como forma de retardar ou dificultar o processo de diferenciação dos filhos(as), mantendo, assim, controle e o poder:

- *A fragilização ou infantilização dos filhos* foi a estratégia mais usada pelas entrevistadas, situando-os como dependentes delas em tudo, ressaltando que a mãe é insubstituível na criação dos filhos, minimizando o papel do pai, exercendo total controle e tornando-se responsável única pelo bem estar e vida dos filhos. Tal estratégia pode ser evidenciada por verbalizações como “mãe é mãe para sempre”; “sou pai e mãe ao mesmo tempo”; “não sei se tenho o poder...mas ele depende de mim em tudo”; “mãe tem que clarear, dar a luz” entre muitas outras. Ficou aparente também através comportamentos de pressão e controle que as depoentes exercem sobre os filhos, tais como não deixá-los sair só, andar de ônibus, ressaltar suas dificuldades de enfrentar mudanças, fazer exigências irreais em relação aos estudos, e assim por diante.

- *Vigilância*: pela qual a mãe deve estar atenta, vigiar os mínimos detalhes, uma vez que é responsável pelos méritos, sucessos e fracassos dos filhos. Temos aqui o exemplo da depoente 3, que não pode “passar por omissa”, tem que estar atenta, “clarear” para ver que o filho não erre. Ou ainda, a depoente n.º 4, que vai todos os dias à coordenação da escola para perguntar se tudo está bem com sua filha de 17 anos. Um outro aspecto dessa estratégia é que a mãe se transforma em confidente e melhor amiga do filho(a) para conhecer seus medos, angústias e aspirações para melhor controlá-los, como fica claro na verbalização da depoente n.º 1 que diz “antes de ser mãe, sou amiga dele, conversa de tudo, de namorada, que é muito raro adolescente fazer, principalmente para mãe. Essa abertura que a gente tem foi muito difícil de conseguir. Foi muito choro, mas consegui trazê-lo para mim”.
- *Cobranças*: mensagem tipo “faço por você, faça sua parte” foi menos freqüente, mas evidenciou-se nas depoentes 1 e 4 que se colocaram na posição de “vítima/heroina”, batalhando sozinhas para que os jovens pudessem ter oportunidades na vida e que agora esperam retribuição à altura. Esta estratégia pode ser comparada a uma forma de “chantagem emocional”.

3.1.4. Como foi a própria escolha

O momento da escolha profissional de um jovem, conforme estamos evidenciando, mobiliza ansiedades em todo o grupo familiar e pode levar os pais a reviverem, através de seus filhos, seus próprios dilemas vividos no mesmo momento

evolutivo. Um de tais dilemas pode ser a questão de como fizeram sua opção vocacional, Dependendo de como resolveram ou não suas questões, estarão mais ou menos fortalecidos para se oferecerem como continentes para as ansiedades dos jovens.

Soares Lucchiari (1996) pontua a questão da escolha como possibilitando, ao indivíduo, encontrar seu lugar na família e salienta a noção de projeto parental caracterizada como o conjunto de representações que os pais constroem antecipando o nascimento do filho(a). Tais representações seriam fundamentadas na genealogia e constituídas como expressões dos projetos das gerações precedentes, cuja sucessão inscreveria seus efeitos em cada membro da família, ligando-o por laços primordialmente inconscientes. Considerando a noção de projeto, a família seria o lugar privilegiado para a incorporação da história e para a transmissão das exigências culturais. A autora pontua que os projetos parentais apresentam duas lógicas contraditórias, uma tendendo à reprodução e outra estimulando a diferenciação. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que a escolha profissional de um jovem surge como um momento de definição de seu lugar na descendência, ela estabelece a resposta do filho ao projeto parental, redefine e resignifica as escolhas dos pais. A tendência à reprodução pode levar os pais a cobrarem dos filhos a repetição de suas próprias decisões ou, por outro lado, tentarem refazer seus caminhos a partir da trajetória dos filhos. Tais posições ficaram evidenciadas nas respostas das mães entrevistadas. A depoente n.º 3 refere que, apesar de se considerar decidida, sofreu a interferência do pai e fica, todo o tempo repetindo o conflito entre interferir na escolha do filho ou passar por omissa. No depoimento seguinte, a mãe refere ter sido induzida na sua escolha pela tia e considera natural fazer a mesma coisa com a filha. As depoentes 5 e 6 arrependem-se da escolha feita e buscam a realização através dos filhos, enquanto a entrevistada n.º 7 atribui aos testes a responsabilidade tanto pela sua escolha como pela do

filho. As respostas apresentadas, pelas depoentes, a este item, apenas confirmam as dificuldades, já referidas, de viver o processo de diferenciação de seus filhos(as), aqui evidenciadas pelo o desejo de reprodução através da repetição da forma de escolher.

3.1.5. Significado do vestibular

Buscávamos, nos objetivos da presente investigação, caracterizar o vestibular como um ritual de passagem, mas tal significado só apareceu de forma indireta, principalmente porque o momento em que tomamos os depoimentos, ainda se constituía como a etapa de *separação* caracterizada por Van Genneep (1978) e ampliada por Levenfus (1997) ou seja, o ano que antecede o período das provas. O período *limiar* (das provas aos resultados) e o de *agregação* (início da faculdade, caso aprovado) só ocorreriam no ano seguinte. A fase de separação, pela qual o jovem é segregado das demais classes do ensino médio e sofre diversos tipos de pressão por parte dos familiares que exigem estudos, culpabilizam as saídas e o lazer, ficou evidenciada por diversos depoimentos. Duas depoentes salientaram o cansaço, a auto-exigência e o sofrimento dos vestibulandos, o que remete às pontuações de Jeammet (1983) e Levinsky (1998) quanto à inscrição corporal do rito, que leva o jovem a ser “santificado pelo sofrimento” Neles, as entrevistadas referiam pressionar por estudos e proibir saídas através de verbalizações como “acabou a mamata”, “este é o último final de semana que ele sai” e similares.

Como um todo, a percepção das depoentes do significado do vestibular salientou dois dos aspectos abordados anteriormente nesta etapa da análise: o papel da mãe enquanto educadora e o grau de indiferenciação entre as mães e seus filhos(as). Considerando o primeiro aspecto, termos como “missão cumprida”, “libertação de criar filho”, e outros, demonstram que as depoentes percebem-se como responsáveis prioritárias do processo

educativo dos filhos. O termo *libertação* remete à análise de Rocha-Coutinho (op. cit.) que pontua que, com o advento da sociedade industrial e dos domínios públicos e privado, a família nuclear burguesa, priorizando o amor romântico passou a usa-lo como instrumento cultural para impedir a mulher de conhecer sua condição real de opressão. A “mulher-mãe” passou a ser a principal responsável pelo bem estar da criança e do esposo, passando, segundo a autora, a viver para o amor aos filhos, ao esposo e à casa. O confinamento no lar deu à mulher uma nova forma de poder, invisível, sem prestígio social mas não menos opressivo, sobre os bens simbólicos dos filhos. A mãe passa a ser a primeira educadora para a criança e, da maneira como ela os educava, dependia o destino da família e da sociedade. Tal controle tem dupla implicação: ao mesmo tempo que dá à mulher um poder especial, a mantém confinada no espaço do lar. Duas das depoentes referiram não ter tentado novo vestibular após a primeira reprovação para “criar os filhos” e mesmo as que exercem suas profissões ainda consideram sua a missão de encaminhar o filho para a vida adulta. Nesse contexto, o vestibular é visto também como uma “satisfação que se dá aos outros”, “uma respostas às expectativas criadas pela sociedade e carregadas pelos jovens”.

Se considerarmos o significado, atribuído por Jeammet (op. cit.) à escola psicanalítica mais clássica, do ritual do vestibular como manifestação da proibição do incesto, pelo qual a iniciação teria como efeito “separar a criança da mãe”, podemos compreender porque tal questão não foi percebida pelas depoentes. O grau de indiferenciação das mães com seus filhos foi analisado anteriormente quando nos referimos ao posicionamento das entrevistadas frente ao processo de individuação dos filhos. Enquanto indiferenciadas, fica difícil reconhecer os sinais de separação, principalmente quando a questão é de separar a criança da mãe. O significado do vestibular como “uma realização indireta minha”, realização mais minha que dele”, “uma vitória para

mim”, “se passar, passamos” entre tantas outras verbalizações demonstram não apenas como as mães se identificam com a tarefa dos filhos, mas que se orgulham de tal identificação.

Por outro lado, tais verbalizações reforçam as ponderações de Rocha-Coutinho (op. cit.) de que elas se sentem avaliadas como sucesso ou fracasso pela medida do desempenho dos filhos. De todos os depoimentos, talvez a verbalização mais forte nesse contexto, tenha sido o n.º 8, quando a mãe diz que “se a filha passar, da primeira vez, na primeira opção, alguma coisa EU fiz dar certo...em alguma coisa eu funcionei”. Nesse momento, fica evidente todo o peso que sente do próprio fracasso como profissional cujo único resgate parece ser a possibilidade de desempenhar bem o papel de mãe/educadora, esperado e cobrado pela sociedade.

Outros significados atribuídos ao vestibular foram os de batalha, barreira, desafio, que parece remeter à questão da ultrapassagem de uma etapa e todas as dificuldades inerentes a tais momentos. Tais respostas assemelham-se às que obtivemos em pesquisa junto a outras mães e seus filhos, buscando identificar o significado do vestibular para mães e filhos, na qual as mães da amostra utilizam termos como guerra, tensão, stress e suplício para descrever o que consideravam ser o significado do vestibular para os filhos, atribuindo a eles, seus próprios sentimentos (Oliveira e Dias, 2000 b). Articulando tal questão com as etapas do ciclo de vida na família, percebemos que, como seus filhos, as mães estão enfrentando a mudança, começando a considerar a entrada na meia idade, a elaborar perdas pelos papéis conhecidos. O jovem abre mão da infância e enfrenta o futuro desconhecido, mas esperançoso. A mãe abre mão do filho/criança, defronta-se com seu processo de autonomia e diferenciação. Seu futuro é menos “otimista” que o do filho,

talvez por isto tanto as descrições daquelas mães, como as das depoentes incluam termos como: tormento, suplício, guerra de nervos, batalha, barreira, desafio e similares.

Outros significados que foram atribuídos ao vestibular pelas depoentes foram o de representar um poder, algo que ninguém tira, referindo-se ao poder pelo saber, que havia sido delegado à depoente pela própria família e que ela agora transmitia para o filho. Apenas duas das entrevistadas, as de n.º 4 e 5, referiram o significado social do vestibular, considerando a dificuldade representada pelo desemprego e a pouca seriedade com que era encarado atualmente.

3.1.6. Mudanças percebidas pela mãe frente ao novo momento.

A possibilidade de perceber mudanças na vida pessoal está relacionada à questão das etapas do ciclo de vida. Qualquer mudança implica em aceitação de perdas e, portanto, reconhecer as novas conquistas do jovem exige a aceitação do declínio dos adultos. Segundo Preto (1995), todas as transformações ameaçam apegos anteriores e a adolescência desencadeia sentimentos de perda e medo de abandono na maioria das famílias. A autora refere que os pais, por vezes, sentem um vazio quando os jovens passam a ter maior independência, pois não são mais necessários da mesma maneira e a natureza de seus cuidados precisa mudar. Corso e Corso (1997) ao salientar a questão do “game over” que referimos na análise do sentimento de ansiedade, pontuam que, embora muito se fale dos lutos da adolescência, quem mais perde são os pais, que deixam de ser poderosos e amados como antes. Os autores referem que, diante dos jovens, surge um estranhamento pelo qual *“os pais se espelham na nova imagem do filho crescido, mas o que vêm nos corpos viçosos não são eles: eram eles, e não são mais”* (p.88). Surge o confronto com a meia idade, a proximidade da velhice, com os conseqüentes efeitos corporais. Vale

ressaltar que a média de idade das depoentes é de 40 anos, o que, considerando a elevação da expectativa de vida atual, ainda está distante da meia idade. No entanto, a questão permanece em termos simbólicos e aciona, freqüentemente, mecanismos de defesa como a negação ou demais estratégias para não elaborar a passagem.

Diante da possibilidade da perda, a reação mais instintiva é negá-la. Inicialmente, a absoluta maioria das depoentes não reconhece a existência de qualquer forma de mudança em sua vida a partir do vestibular do filho. Negam, como fez a entrevistada n.º 1, que parece só reconhecer as possibilidades de repetições e afirma-se pela sedução da “coroa enxuta”, de corpo bonito, que passa mais por namorada e amiga do filho que por sua mãe. Outras depoentes salientaram a dimensão de ritual de passagem do vestibular dizendo, como foi o caso das entrevistadas 2, 5, 6 e 8 que só acontecerão mudanças em suas vidas *se o filho (a) passar*. O fato de ser aprovado parece significar que os jovens se transformarão em adultos, ultrapassarão sua barreira e cumprirão o rito de passagem que faz com que elas se percebam como “cumprindo sua missão”, “dando uma satisfação aos outros”, vivenciando “vitórias e realizações”. A questão da ultrapassagem de suas próprias etapas, no caso do filho(a) ser aprovado, foi ressaltada por duas depoentes: uma delas reconhece a possibilidade de retomar seus projetos abandonados, e fazer novo vestibular, enquanto a outra admite que a aprovação da filha dará à mãe uma nova independência e um reconhecimento de que ela tem algum tipo de competência.

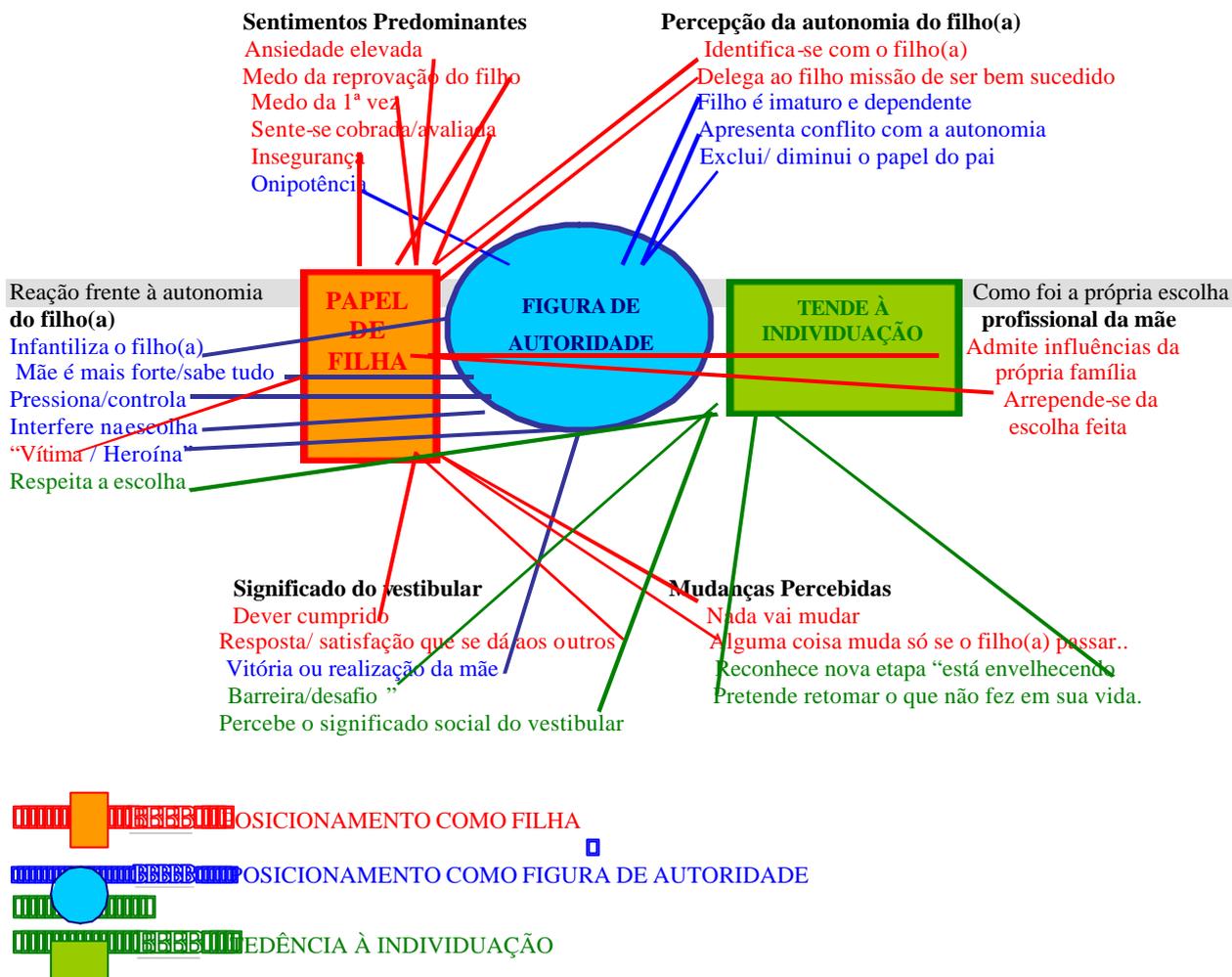
Duas das entrevistadas reconhecem a possibilidade de que a etapa pode significar que estão ficando velhas, mas logo fogem da questão, uma delas revivendo sua imagem de criança mimada (que não envelhece) e a outra dizendo que seu papel será o mesmo a vida toda.

3.2. Entrelaçando as dimensões

Se considerarmos o inter-relacionamento das dimensões analisadas, podemos observar a dinâmica vivida pelas mães colaboradoras, diante da situação do vestibular. Seus sentimentos e reações demonstram que elas, como seus filhos adolescentes, apresentam ambivalência em relação às posições que ocupam nesse momento. Assim como o jovem deseja e, ao mesmo tempo, não deseja crescer e assumir uma posição adulta, as mães entrevistadas parecem oscilar entre o papel de filha/criança e o de figura onipotente de autoridade. Foram poucas as demonstrações de uma tendência à individuação, uma vez que, ao dificultar o processo de diferenciação dos filho(as), as mães também permanecem fusionadas. É importante salientar que diversos autores tais como: Mahler (1975), Josselson (1980), Fleming (1993) Winnicott (1997), entre outros, referem a importância da figura materna para que o processo de diferenciação do jovem se efetive. Stierlin (apud Dias, 2000) definiu a separação como uma espiral em expansão de mútua diferenciação, ocorrendo em níveis emocionais, cognitivos e morais, conduzindo a uma relativa independência para *ambas as partes*. Portanto, para que o adolescente possa separar-se, para que ele seja capaz de chegar a uma escolha ocupacional mais autônoma, a mãe precisa ser capaz de se diferenciar dele também.

A Figura 1, a seguir, objetiva demonstrar, a partir do que foi verbalizado pelas entrevistadas em relação às seis dimensões analisadas, o movimento que encontramos entre seus posicionamentos como filhas, como figuras de autoridade e suas tendências à individuação.

FIGURA 1: O posicionamentos das mães frente à situação do vestibular



É possível observar, em termos de sentimentos, que as mães tenderam a se posicionar como filhas, com ansiedade elevada, temendo a reprovação dos filhos (mas que poderia ser a delas como adultas), temendo enfrentar o desconhecido, sentindo-se cobradas e inseguras. É interessante observar que, embora todas as mães percebam os filhos como imaturos e dependentes, todas se identificam com eles, colocando-se, assim, no papel de criança/filha. Observamos diversas formas de identificação das mães com seus filhos em verbalizações tais como: "Se passar, passamos..." e tantas outras. Algumas entrevistadas estabeleceram relações simbióticas com eles, excluindo ou diminuindo a importância da figura paterna, a qual, segundo a ótica psicanalítica, tem como função estabelecer o corte

na relação fusional com a mãe. Sem tal intervenção estruturante, a criança não se constitui como sujeito e não aprende a desejar. Não aprendendo a desejar, não terá condições de escolher ou de elaborar projetos para o próprio futuro. Outras entrevistadas delegaram aos filhos a missão de desenvolverem projetos que elas não puderam realizar. Mesmo considerando o dado de realidade quanto à pouca idade dos jovens que chegam ao vestibular atualmente, concluímos que a necessidade em acentuar a imaturidade dos filhos seria uma manifestação da resistência, nas mães, em elaborar a perda do filho/posse e enfrentar a própria passagem para uma outra etapa da vida.

Se considerarmos as pontuações de Rocha-Coutinho (1994), a “mulher/mãe” da família burguesa era equiparada à criança, considerada frágil, infantil, emotiva e dependente, com a única função de educar os filhos. Mesmo vivendo num outro contexto cultural como o de hoje, muitas cobranças e determinações arcaicas permanecem em termos de sentimentos, e poderão emergir diante de situações ameaçadoras. A possibilidade de rompimento de uma ligação simbiótica, apontada pelo segundo processo de separação/individuação de um filho adolescente, a revivência da sua própria situação edipiana a partir do investimento libidinal do jovem, suscitam fantasias e temores que serão traduzidos em ansiedade e mobilizarão defesas. Por outro lado, a avaliação de seu papel como mãe em função do desempenho do jovem em um teste seletivo e público, a ameaça da perda de seu poder invisível pela saída do adolescente, são também fatores que podem contribuir para a emergência de sentimentos mais infantis.

Talvez seja este medo de perder o poder que determina o tipo de defesa encontrado pelas entrevistadas para lidarem com a situação. As mães tenderam a reagir ao processo de autonomia, reforçando tal poder, ocupando o papel de figura de autoridade, conforme ilustrado na Figura 1: infantilizaram os filhos, colocaram-se na posição de mais

forte, excluíram ou diminuíram a figura do pai, pressionaram, controlaram e interferiram na escolha. O número de depoentes que respeitou a escolha do filho(a) ficou menor que as demais reações. A posição de “vítima/heroína” é a que melhor traduz a ambivalência: a “vítima” remete à criança frágil e a “heroína” ao poder. Retomamos aqui o que foi pontuado por Jerusalinsky (1997): “*A proposta atual para os jovens consiste numa identificação simultânea e, por isso mesmo impossível, entre o Pateta e o Super Ninja.*” (p.18) O autor salienta, conforme referimos no Capítulo 2 da presente investigação, que *Pateta* é o adulto que não saiu da adolescência e que nada consegue fazer enquanto que a *Super Ninja* é a figura mítica da tecnologia que tudo pode. O impasse seria estar identificado com a impossibilidade de fazer e ao mesmo tempo encarnar o objeto da suficiência absoluta. Tal missão é impossível para os adolescentes e também parece ser inatingível para as duas mães que assim se colocaram: elas tenderam a ter expectativas negativas para seus filhos(as), como que assumindo a impossibilidade de fazer.

O posicionamento como filha aparece, ainda, tanto na revivência da própria escolha e na percepção do vestibular, como “dever cumprido” e “resposta às expectativas”, como na dificuldade em perceber mudanças. As verbalizações quanto ao significado do vestibular também demonstram a ambivalência das posições: em oposição ao “dever cumprido”, temos a resposta onipotente: “é uma vitória ou realização da mãe” e temos ainda o contraponto que demonstra uma tendência à individuação da mãe, que percebe a barreira e o significado social do vestibular. É importante salientar que tal movimento em direção à diferenciação já aparece, o que pontua a saída em direção ao crescimento e à diferenciação para algumas das entrevistadas.

Além dos aspectos demonstrados pela Figura 1, a síntese de todos os depoimentos nos revelou algumas dimensões que não havíamos planejado investigar, mas que gostaríamos de acrescentar à nossa análise:

- *Sexo dos filhos*: A amostra foi selecionada de forma aleatória, não havendo, da nossa parte, preocupação em estabelecer comparações por sexo dos filhos. No entanto, foi possível observar uma diferença entre os sentimentos das depoentes com relação a tal aspecto. Percebemos uma maior dificuldade de relacionamento das mães com as filhas, evidenciado, principalmente, pelas expectativas negativas em relação ao desempenho das jovens. A entrevistada n.º 4 transmitiu ausência de ligação afetiva, ressentimento, uma forte certeza da reprovação da filha e um total desrespeito à sua autonomia, chegando a interferir de forma contundente em sua possível escolha profissional. A depoente n.º 8 salientou que a filha não tem condições de ser aprovada, ressaltando suas dificuldades, seu nervosismo, cobrando, pressionando e também interferindo diretamente na sua escolha. Nesse contexto, Small, (apud Silverberg e Steinberg, 1987) realizou uma pesquisa nos Estados Unidos, objetivando verificar se o grau de vinculação emocional dos pais aos filhos está positivamente relacionado com a ocorrência de conflito entre as díades mãe/filho, mãe/filha, pai/filho, pai/filha. O autor salientou que nas díades mãe/filha, as mães apresentaram níveis mais elevados de insatisfação, de baixa auto-estima e de sintomas psicológicos do que nas díades mãe/filho. Sugeriu que as mães têm relações mais íntimas com as filhas que com os filhos, e tendem a se identificar mais com elas, o que

poderia explicar maior estresse por parte destas mães. Articulando tais pontuações ao presente estudo e considerando os depoimentos que citamos acima, foi possível observar, o elevado nível de insatisfação e de baixa auto-estima nas referidas mães. É possível que os sentimentos transmitidos sejam expressões de identificações projetivas pelas quais essas mães percebem, nas filhas, aspectos que rejeitam em si mesmas. Por outro lado, a questão pode remeter, também, à revivência do conflito Edipiano e a dificuldade de relacionamento encontrada ser mais uma expressão da rivalidade mãe/filha .

- *Organização familiar*: Embora não tenhamos estabelecido como critério dividir as depoentes em termos de sua organização familiar, podemos salientar alguns aspectos referentes a essa questão. As entrevistadas n.º 1 e n.º 4 que eram separadas, sem terem recasado, apresentaram algumas semelhanças: ambas se mostraram muito controladoras e onipotentes, excluíram o pai, assumiram seu lugar, e se colocaram na posição de *vítimas/heroínas* que lutam muito, mas obtêm resultados. No entanto, ambas transmitiram descrença e expectativas negativas em relação à possibilidade dos filhos serem aprovados no vestibular, como se estivessem negando sua própria capacidade de educa-los adequadamente. A entrevistada que era separada e recasada, não apresentou tais características, devido, talvez, a dois aspectos: o pai biológico não foi afastado do filho e o atual marido configurou-se como uma figura positiva de identificação para o jovem.

PARTE IV
CONCLUSÕES

CONCLUSÕES

Ao iniciarmos a presente investigação, propusemos algumas questões relativas ao vestibular, enquanto ritual de passagem que, em nossa opinião, remetiam aos fatores familiares que interferiam na escolha vocacional e nos inseriam no campo da orientação profissional. Objetivávamos compreender os sentimentos mobilizados, nas mães, diante da perspectiva do primeiro vestibular de um filho(a), como elas percebiam o processo de individuação do mesmo, e qual o significado que o vestibular assumia para elas. No entanto, na medida em que o estudo evoluía, foi adquirindo um caminhar próprio, que nos conduziu muito mais em direção à área clínica, à relação da mãe com seu filho, em um momento específico de seu processo de individuação.

Nosso ponto de partida foi uma reflexão acerca do sistema familiar em sua evolução sócio-histórica, suas funções e seu papel na construção da subjetividade do jovem de hoje, visando a contextualizar as dimensões do problema. Consideramos, em seguida, as especificidades das famílias com adolescentes, salientando não apenas o processo de separação/autonomia do jovem, como também a maneira como os familiares enfrentam essa situação. Relacionamos a escolha profissional com o processo de individuação ao caracterizarmos o vestibular como simbolizando um ritual de passagem, pelo qual o jovem busca ser aceito no mundo dos adultos, e pontuamos a complexidade das influências e reações familiares em tal momento. Na medida em que o ponto central da investigação era a figura da mãe, focalizamos, também, a evolução dos papéis da mulher/mães e sua forma de reagir ao processo de separação de um filho (a).

Considerando a proposta inicial, não elaboramos hipóteses prévias. Procuramos abstrair de idéias preestabelecidas, para que pudéssemos escutar os significados expressos nos discursos das depoentes e, assim, tentar apreender os sentimentos das oito mães de vestibulandos. Dividimos a análise em dois momentos: a escuta de cada caso individualmente, a fim de captar suas especificidades, e, depois, uma síntese de todos os depoimentos, objetivando a compreensão mais geral dos temas. Reconhecemos que o pequeno número de entrevistas não possibilita generalizações baseadas nas conclusões obtidas, mas, também, não era essa nossa intenção. A meta básica é que, a partir da compreensão de tais sentimentos, possamos melhor interferir, com nossa prática profissional, junto a jovens que se encontram em seu momento de diferenciação, quando a escolha de um campo de trabalho passa a representar a ultrapassagem de uma etapa do seu ciclo de vida. Esperamos, ainda, que as conclusões que encontramos possam servir de base para novas formas de atuação para profissionais que atuam na área de Orientação Profissional.

O título da presente investigação é uma pergunta: De quem é o vestibular? Relacionamos a questão à reação, da mãe, ao processo de separação/individuação de um filho: os sentimentos dela e seus efeitos na escolha profissional do jovem. As intervenções feitas nas entrevistas semi-dirigidas possibilitaram a análise dos depoimentos, considerando seis dimensões: sentimentos predominantes, percepção da autonomia do filho(a), reação ao processo de individuação, como ocorreu a escolha profissional da própria mãe, o significado atribuído ao vestibular e a percepção de possíveis mudanças a partir deste evento na vida do filho(a). Tais dimensões nos apontaram algumas conclusões que pontuaram a dificuldade, demonstrada pela maioria das entrevistadas, em elaborar o processo de separação/individuação de seus filhos. Observamos como as mães se

posicionaram de forma ambivalente, diante da vivência da situação: manifestaram sentimentos que remetiam ao seu papel de filha, identificando-se com o jovem na sua imaturidade e, ao mesmo tempo, reagiam de acordo com o referencial da figura de autoridade que controla e interfere, tentando manter o filho(a) ainda mais dependente e imaturo. Em alguns depoimentos, encontramos, na mãe, uma tendência à própria separação e respeito à diferenciação do filho(a). Se considerarmos tanto a indiferenciação com os filhos e conseqüente dificuldade em separar-se deles, manifestada pela maioria das entrevistadas, quanto a maneira como elas se sentiram cobradas e/ou avaliadas em seu papel de mães/educadoras pelo desempenho do(a) filho(a), podemos responder à questão acima, dizendo que o vestibular é tanto ou mais delas que deles. “É uma vitória, uma realização da mãe” como foi verbalizado por seis das oito depoentes. Ou, como tão fortemente expressou uma das entrevistadas: “...mostra que, em alguma coisa, eu fiz dar certo, eu funcionei”. Estaria aí, talvez, parte do motivo da ansiedade que todas manifestaram com tanta intensidade nos seus discursos.

Consideramos também que, ao simbolizar um ritual de passagem, o vestibular acentua a possibilidade de diversas perdas e contribui para aumentar a ansiedade frente ao novo, ao desconhecido. Constatamos que a maioria das depoentes tendeu a negar as mudanças em sua vida, diante da nova etapa enfrentada pelo(a) filho(a). Admitir as mudanças implicaria assumir a proximidade da meia idade, a perda do filho/criança e da própria juventude.

E qual o efeito de tais sentimentos na escolha profissional dos filhos(as)? Sem perder de vista a importância dos fatores sociais e econômicos para a elaboração de um projeto de vida, vamos focalizar a questão do ponto de vista de seu psicodinamismo. Pontuamos, na Introdução, que Bohoslavsky (1977) considera a identidade ocupacional

como um aspecto da identidade pessoal e salienta que a dificuldade em escolher indica uma problemática para integrar as diversas antíteses que compõem as identificações do sujeito: quem ele é vs. quem não é; quem pode ser vs. quem não pode ser, e assim por diante. O processo de identificação supõe figuras adequadas, que se ofereçam como modelos e suporte. Considerando que a identidade adolescente apoia-se na elaboração dos lutos básicos pelo corpo, identidade e antigas formas de relação com os pais temos que aceitar que a vivência de tais perdas implica ser capaz de se separar do outro. E escolher algo é, também, deixar, perder outra coisa. Só através da diferenciação Eu/Não Eu é que o jovem pode chegar a pensar num *quem ser* através de um *que fazer*. Os sentimentos verbalizados pelas entrevistadas demonstram que elas podem dificultar, nesse momento, a diferenciação dos jovens. Elas se comportam de forma onipotente, tendendo a controlar e interferir na escolha e a diminuir o papel do pai, barrando sua posição na triangulação estruturante, que permite o desenvolvimento do sujeito desejante. Tais sentimentos que encontramos nas entrevistadas podem, portanto, interferir negativamente no processo de escolha profissional.

No entanto, pontuamos, anteriormente, que a maioria dos sentimentos expressavam, acima de tudo afeto positivo e acreditamos que muitas das verbalizações devem-se ao fato de os jovens realmente estarem ainda cronologicamente imaturos, sendo percebidos, pelas mães, como “suas crianças indefesas”. Supomos que a interferência negativa ocorre, principalmente, pelo momento em que o vestibular é inserido na realidade educacional brasileira. Os jovens estão se submetendo ao exame com a média de idade de 17 anos, o que significa que muitos estão em pleno processo de individuação, buscando a desenvolver uma identidade adulta. Como observamos nas entrevistas realizadas na presente investigação, as mães também ainda estão elaborando a perda do filho/posse,

vivendo (ou revivendo?) suas ambivalência entre seu papel de filha e uma posição de autoridade, além de considerar a perspectiva da entrada na meia idade ou tentar negá-la . Tanto as mães como os filhos encontram-se inseguros e ansiosos e a reação defensiva mais provável, na mãe, será o controle e a interferência direta na escolha. O jovem, ainda sem uma definição mais clara de sua identidade, tenderá a escolher com base nas expectativas, demandas, e lealdades à figura materna. O resultado social de tal dinâmica é pontuado por autores como Castro (1994) e Macedo(1998): desistências precoces em diversos cursos de nível superior, trocas constantes de áreas e altos índices de evasão escolar em diversas universidades do país. Acreditamos, também, que, com o próprio processo de desenvolvimento, ambas as partes- mães e filhos- conseguirão fazer seus ajustes mútuos e cada uma conseguirá ultrapassar sua etapa do ciclo vital, de maneira mais ou menos adequada.

Considerando, portanto, que é nesse momento de imaturidade que os jovens chegam ao vestibular e buscam a Orientação Profissional, torna-se necessário que o profissional que se propõe facilitar a escolha de uma ocupação tenha consciência da dinâmica que ocorre e de tais sentimentos por parte das mães. É de fundamental importância, para o desenvolvimento do processo, que elas sejam escutadas, que tenham um espaço para compartilhar suas ansiedades e encontrar suas saídas. Segundo Gonçalves (1997), a conscientização dos pais acerca do processo de escolha dos filhos diminui a ansiedade dos jovens. A autora relata trabalho desenvolvido em grupo, com pais de vestibulandos, e refere que os genitores consideraram que a experiência em grupo proporcionou maior crescimento individual, redução de ansiedades e dos conflitos pela possibilidade de refletirem coletivamente sobre o momento vivido por todos eles.

Na presente investigação, escutamos as mães, e salientamos que seu olhar seria o foco que iluminaria o contexto familiar como um todo. As depoentes 7 e 8 ressaltaram a importância que atribuíam ao fato de a família ser escutada, no momento do vestibular. Acreditamos que experiências como a desenvolvida por Gonçalves (op. cit.) podem ser uma das maneiras de ajudarmos não apenas as mães, mas a família, como um todo, e o jovem que escolhe, em particular. Sugerimos aos profissionais de Orientação Profissional que tal integração com a família, visando ao processo de aprendizado da escolha, seja iniciado nos primeiros anos da escolaridade. A aquisição da autonomia deve ser gradual e constante, através de oportunidades de escolha responsáveis. O que se verifica hoje é, primordialmente, uma preocupação com atender às demandas – cada vez mais exigentes – dos filhos, mas sem refletir, com eles, o significado de suas escolhas.

Reconhecemos que teria sido bastante enriquecedor para a presente investigação, se tivéssemos contado com o depoimento dos filhos e dos pais, para que pudéssemos fazer uma comparação dos sentimentos envolvidos. Enquanto transmissor socialmente reconhecido da “herança paterna”, o pai é de fundamental importância, no momento da escolha profissional, mas com um papel bastante diferente do da mãe. Enquanto vestibulando, o jovem que vivencia as características da fase da adolescência, busca encontrar sua forma de ser, através de um *que fazer*, apresentando, conseqüentemente, uma dinâmica específica. A compreensão de tal funcionamento possibilitará intervenções que facilitarão escolhas autônomas. Fica, portanto, a proposta de novas pesquisas que contemplem, não apenas a escuta dos filhos e dos pais, como também considerem o sexo e a organização familiar do(a) vestibulando(a).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

- ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1981.
- ABERASTURY, A. Adolescência. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- ANDOLFI, M., ANGELO, C. & MENGHI, P. Por Trás da Máscara Familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. A Construção Social da Realidade. Petrópolis, Vozes, 1973.
- BIANCHETTI, L. Angústia no Vestibular: Indicações para Pais e Professores. Passo Fundo, EDIUPF, 1996.
- BLAY LEVINSKY, R. O que a sociedade atual espera dos jovens. O que os jovens esperam da sociedade. Um grupo de reflexão. In: LEVINSKY, D. (org.) Adolescência pelos Caminhos da Violência. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998. pp. 173-188.
- BLOS, P. Adolescência. Uma Interpretação Psicanalítica. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- BOHOSLAVSKY, R.. Orientação Vocacional: a estratégia clínica. S. Paulo, Martins Fontes, 1977.
- BORDIEU, P. As Contradições da Herança. In: LINS, D. (org.), BORDIEU, P., ROLNIK, S. e WACQUANT, L. Cultura e Subjetividade. Campinas, Saberes Nômades, 1997. pp. 7-16)
- BUCHER, J. O casal e a família sob novas formas de interação. In: FÉRES CARNEIRO, T. (org.) - Casal e Família: Entre a Tradição e a Transformação. Rio de Janeiro, NAU, 1999. pp. 82 – 95

- CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- CASTRO, C. M. - Educação Brasileira consertos e remendos. Rio de Janeiro, Rocco , 1994.
- CORSO, M. & CORSO, D.L. Game Over. In: JERUSALINSKY, A. Adolescência: entre o passado e o futuro. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1997. pp. 81 – 95.
- COSTA, G. Conflitos da Vida Real. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- DIAS, C M.S.B. A Abordagem Transgeracional ou Intergeracional em Terapia Familiar. Texto síntese para aulas no Curso de Intervenções na Clínica da Família, no Mestrado de Psicologia Clínica, UNICAP, Recife, 2000.
- DINIZ, G. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: FÉRES CARNEIRO, T. (org.) - Casal e Família: Entre a Tradição e a Transformação. Rio de Janeiro, Nau, 1999. pp. 31 –54.
- DUARTE, L.F.D. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. In: RIBEIRO, I. & RIBEIRO, A.C. (org.) Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo, Loyola, 1995. pp. 27 – 40.
- FERREIRA, A. B. H. Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- FIGUEIRA, S. Uma Nova Família? Zahar, Rio de Janeiro, 1986.
- FIGUEIREDO, L. Revisitando as Psicologias. São Paulo, EDUC/Vozes, 1996.
- FLEMING, M. Adolescência e Autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais. Porto, Ed. Afrontamento, 1993

- FRIEDMAN, E. Sistemas e Cerimônias: Uma Visão Familiar dos Ritos de Passagem. In B.CARTER & M. MCGOLDRICK As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. pp. 106 –130.
- GOMES DA SILVA, S. Masculinidade na História: A construção cultural da diferença entre os sexos. Psicologia Ciência e Profissão, 2000, 20 (3), 8-15.
- GONÇALVES, G.Z. Os Filhos, Os Pais e a Escolha Profissional. Anais do III Simpósio Brasileiro de Orientadores Profissionais. ULBRA (Universidade Luterana Brasileira). Canoas, R.S. 1997.
- JABLONSKY, B. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: FÉRES CARNEIRO, T. (org.) - Casal e Família: Entre a Tradição e a Transformação. Rio de Janeiro, Nau, 1999. pp. 55 – 69.
- JEAMMET, P. Du Familier a l'Etranger: Territoire et trajets de l'adolescent : Reflexions sur la fonction des rites d'initiation à l'adolescents. Neuropsychiatrie de l'Enfance. Aug.-Set. 31 (8-9) 1983. pp. 361 –381.
- JERUSALINSKY, A. Traumas de Adolescência. In: JERUSALINSKY, A. (org.) Adolescência: entre o passado e o futuro. Porto Alegre, Artes e Ofício, 1997. pp. 11-27.
- JOSSELSO, R. Ego Development in Adolescence. In ADELSON, J. Handbook of Adolescent Psychology, New York, Wiley, 1980. pp. 189 –197.
- KNOBEL, M. Uma visão Psicanalítica do Adolescente e da Adolescência. In: KNOBEL, M., PERESTRELLO, M. E UCHOA, D. A Adolescência e a Família Atual. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981. pp. 1-5.
- LEVENFUS, R. Psicodinâmica da escolha profissional Porto Alegre, Artes Médicas,(1997).

- LEVINSKY, D. Adolescência pelos Caminhos da Violência. São Paulo, Casa do Psicólogo. 1998.
- LUCCHIARI, D.H. Pensando e Vivendo a Orientação Vocacional. São Paulo, Summus, 1992.
- MACEDO, R. Seu Diploma, Sua Prancha. São Paulo, Saraiva, 1998
- MAHLER, M. O Nascimento Psicológico da Criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- NICHOLS, M & SCHWARTZ, R. Terapia Familiar, Conceitos e Métodos. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.
- OLIVEIRA, I. & DIAS, C.M.S.B. Escolha Profissional na Família da Pós-Modernidade. In: OLIVEIRA, I. (org.) Construindo Caminhos: Experiências e Técnicas em Orientação Profissional Recife, UFPE, 2000 a. pp.145 – 164.
- OLIVEIRA, I. & DIAS, C.M.S.B. O Primeiro Vestibular: Repercussões na Mãe e no Filho Trabalho apresentado na I Mostra de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UNICAP, Recife –15 a 18 /08/2000. 2000 b.
- OLIVEIRA, I & HOLANDA, L.. O Teste Projetivo Ômega no Diagnóstico dos Múltiplos Fatores que Sobredeterminam a Escolha Profissional: Relato de Uma Pesquisa Junto a Alunos de Escolas Públicas e Particulares do Recife. Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP). 2 (n. 1), 1998. pp.77-96.
- OSÓRIO, L.C.. Família Hoje. São Paulo, Artes Médicas, 1996 a .
- OSÓRIO, L.C. O Enigma da Esfinge. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996 b.
- POSTER, M. Teoria crítica da família. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- PRADO, O. O que é família. São Paulo: Brasiliense, 1981 .

- PRETO, N.G. Transformação do Sistema Familiar na Adolescência. In: In B.CARTER & M. MCGOLDRICK As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. pp.223-247.
- QUINN, W., NEAL, N. & PROTINSKY, H. Rites of passages in families with adolescents. Family Process 24, March, 1985. 101 –111.
- ROCHA-COUTINHO, M.L.. Tecendo Por Trás dos Panos: A Mulher Brasileira nas Relações Familiares. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- ROJAS, M. C. & STERNBACH, S. Entre Dos Siglos: Una lectura psicanalítica de la Pós Modernidad. Buenos Aires, Lugar, 1994.
- SANTOS, J.F. O Que é Pós-Moderno. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SHEEHY, G. Passages: Predictable Changes in Adulthood. New York, Bantham Books, 1977.
- SILVERBERG, S. B. & STEINBERG, L. Adolescent Autonomy, Parent-Adolescent Conflict and Parental Well-Being. Journal of Youth and Adolescence, 16, 3, 1987. pp. 293-312.
- SMALL, S., EASTMAN, G. & CORNELIUS, S. Adolescent autonomy and Parental Stress. Journal of Youth and Adolescence, Vol. 16, (2), 1988. pp. 93 –99.
- SOARES LUCCHIARI , D.H. Choix Professionnel: Projet des Parents –Projet des Adolescents. Tese de Doutorado. Université Louis Pasteur, Strasbourg. Presses Universitaires du Septentrion, 1996.
- SOUZA, A. M. A Família e Seu Espaço. Rio de Janeiro, Agir, 1997.
- SPLÈNÈ, A. M. R. O adolescente e seu mundo. S. Paulo, Liv. Duas Cidades, 1975.
- SULLIVAN K. & SULLIVAN A. Adolescent-Parent Separation. Developmental Psychology. 16, (2), 1980. pp. 93-99.

- TEIXEIRA, S. Vestibular, ritual de passagem ou barreira ritualizada? Ciência e Cultura. 33 (12), 1981. pp 1574-1580.
- TURNER, V. O Processo Ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.
- UCHOA, D. Adolescência na Família Atual. In: KNOBEL, M., PERESTRELLO, M. E UCHOA, D. A Adolescência e a Família Atual. Rio de Janeiro, Atheneu, 1981. pp. 27-46
- VAN GENNEP, E. Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.
- WINNICOTT, D.W. A Família e o Desenvolvimento Individual. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BIBLIOGRAFIA DE CONSULTA

- AMATUZZI, M. O Resgate da Fala Autêntica. Campinas, Papyrus, 1989. Notas de aula sobre Metodologia em Pesquisa Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, UNICAP, 1999.
- BOM MEIHY, J. C. S. Manual de História Oral. São Paulo, Loyola, 1996.
- BRANDI, D. Separation and Identity in adolescence: Erikson and Mahler, some similarities in Contemporary Psychoanalysis, Oct. 13 (4), 1977. pp.507-518.
- COSTA, G. Conflitos da Vida Real. Porto Alegre, Artes Médicas. 1997.
- DESTRI, F. S. Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes e o Processo de Escolha Profissional. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- EIGUER, A. Um Divã para a Família Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- ERIKSON, E. Childhood and Society. New York, Norton, 1950.

- FERRETTI, C. J. Uma Nova Proposta de Orientação Profissional. São Paulo, Cortez, 1988.
- FIGUEIREDO, L. Construção de uma Linguagem Cibernética para a Terapia Familiar, João Pessoa, Caderno Textos, CCHLA (Centro de Ciências Humanas Letras e Artes). Universidade Federal da Paraíba, 1995.
- GONÇALVES, N. Ouvindo Nossos Mestres: Integrando Teoria e Técnica. In: PRADO, L.C. (org.) Famílias e Terapeutas: Construindo Caminhos Porto Alegre, Artes Médicas, 1996. pp. 37-68
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. Vocabulário da psicanálise, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1970.
- LEVINSKY, D. Adolescência: Reflexões Psicanalíticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- OSÓRIO, L.C. Síndrome Delinquencial: Um Estudo Sobre a Psicopatologia do Adolescente. In: OUTEIRAL, J.O. Infância e Adolescência: Psicologia do Desenvolvimento, Psicopatologia e Tratamento. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982. pp. 74 –86.
- PESSOA , L. & DIAS, C. Teoria dos Sistemas Gerais: Conceito e Aplicações na Terapia Familiar João Pessoa, Caderno Textos, CCHLA (Centro de Ciências Humanas Letras e Artes). Universidade Federal da Paraíba, 1996.
- PIMENTA, S. Orientação Vocacional e Decisão: Estudo Crítico da Situação no Brasil . São Paulo, Loyola. 1981.
- PRADO, L.C.(org.) Famílias e Terapeutas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- QUIVY, R. & VAN CAMPENHOUDT, L. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa, Gradiva, 1998.

SOUZA, L. P. Da Adolescência à fase Adulta: um ritual de passagem e transformação.

Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

TORRES, M. L. C. Orientación Profesional Clínica: La Posibilidad de Interlocución con el

Texto Freudiano. Tese de Doutorado. Facultad de Psicología da Universidade de La Habana, Cuba, 1999.

TRINTINAGLIA, S. Vestibular Sem Segredos. Caxias do Sul, Maneco, 1996.

VEINSTEIN, S. La Eleccion Vocacional Ocupacional. Buenos Aires, Marymar, 1994.

ZAWADA, S. Um resumo da história e posição atual da terapia familiar –In: BOX, S.,

Psicoterapia com Famílias. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994. pp. 47 –59.

ANEXOS

ANEXO 1
TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS

DEPOIMENTO 1

Idade: 39 anos – Nível superior– Separada há 11 anos – 2 filhos: 16 e 15 anos

(COMO VOCÊ ESTÁ EXPERIENCIANDO O VESTIBULAR DE SEU PRIMEIRO FILHO? QUAIS SEUS SENTIMENTOS?)

O vestibular vai ser o mesmo que sempre foi. Veja, para ele estudar, eu me descabelo, eu morro, eu mato, é desse jeito. Desde a 5ª série que digo não que ele passou, mas que passamos, pois me sinto passando junto com ele. Tenho que estar ali, em cima. E ele acha que tudo é uma festa, que vestibular é fácil, que está tudo muito bem e que ele vai entrar. Isto me angustia porque vejo o irmão menor dele estudando e mais que ele. E ele quer um curso difícil como Odontologia. Então estou muito angustiada, mas já estou me terapeutizando que minha expectativa é que ele não passe, mas sei que na hora H, se ele não passar, sei que vou sofrer muito. Não adianta, experiência a gente não passa, não adianta a gente dizer “é seu futuro, é sua vida”. Se pudesse organizar o tempo, podia passear, tocar, ele toca numa banda, brincar, estudar, etc. Mas estude. E é uma coisa que me angustia, porque eles me mandam trabalhar para ganhar dinheiro, para manter as coisas dentro de casa, para manter a família. São meus deveres. E qual é o dever de um adolescente? é estudar, é cuidar de sua vida, é aprender. Sem contar que estudar é uma coisa tão boa. Aprender, descobrir, dominar. Você, puxa vida, abre tantas coisas. Eu estudo até hoje. Gera conflito porque ele diz “eu não sou você”. Eles acham que eu sou CDF, que sei de tudo e eles se escoram. Eles têm a idéia que eu sei tudo e está bom deles mudarem esta idéia. Eu não gosto. Eu não faço tudo, não sei tudo e me sinto muito cobrada por eles.

Mas o vestibular não está me trazendo nem uma angústia a mais que a de todo ano. Ele estuda para passar de ano, mas não para o vestibular. Acho que estudar para o vestibular é investir todas as suas fichas para atingir seu objetivo. É para ele, não para mim. Vai me trazer profunda satisfação ver que você conseguiu, mas o que você vai lucrar é para você. Mas é difícil. Eu apelo até para os amigos para ver se ele estuda. Digo que enquanto ele está tocando, os concorrentes estão estudando. Não é que você não toque nunca, mas divida seu tempo. É aquela angústia.

(COMO VOCÊ VÊ O VESTIBULAR DELE EM RELAÇÃO À SUA VIDA? ALGUMA COISA MUDA?)

Acho que faz parte do ciclo natural da vida. O fato dele não passar, por ex., me preocupo no sentido em que dá nó no juízo da gente. Minha relação com o pai dele é muito difícil, sempre foi. A personalidade do pai dele é frágil e isso tenho possibilidade de dizer. O pai dele fez vestibular uma vez, não passou, não tentou nunca mais. O que me angustia também é o medo dele não passar e não ter a garra de tentar de novo. O medo é pelo futuro dele, por ele, porque não vou existir para sempre, eu quero que ele cuide da vida dele— para eu... a criação dos dois foi exclusivamente minha em todos os aspectos: financeiro, de cuidados, físicos, materiais e espirituais. Era assim, eu construía e o pai deles destruía, eu construía e o pai deles destruía. Então, tenho muito medo, porque a genética por mais que se queira negar, ela existe. Tirei até de perto, a gente mora longe desde que ele tem 5 anos de idade, por conselho de psicólogo. Eu tenho muito medo de alguma parte desse lado da personalidade do pai estar nele e de repente, diante de uma dificuldade, ele desistir. E eu não quero isso para ele. Primeiro, eu não tenho herança para deixar para ele e ele tem que ter uma vida própria. E não pode só ser bom, hoje tem que ser muito bom. Não pode ser mais um especialista, tem que ter cada vez mais conhecimento amplos. Estar aberto para

aprender. Não pode estar parado, e eu noto que ele só funciona no empurrão. Será que ele vai chegar na universidade e eu “estuda, menino”, “estuda, menino”? Não sei se tem a ver com a maturidade, porque ele ainda vai fazer 17, mas para muitas coisas ele é até muito maduro.

(QUE SIGNIFICADO VOCÊ ACHA QUE O VESTIBULAR TEM PARA SEU FILHO?)

Como uma moleza. Que vai passar, onde quer e do jeito que quer. Eu queria ter a certeza dele, mas...Digo a ele que prefiro estar errada que ouvir dele “mamãe, você tinha razão, eu devia ter estudado.” Porque até hoje eu proporcionei, aos trancos e barrancos, as melhores escolas, aulas particulares, levava para cursinhos e ia buscar tarde da noite, né, e ver ele jogar a oportunidade de vida fora, é cruel. Você não pode fazer nada, não pode amarrar. Tento conversar, mas estou fazendo certa pressão e disse que amanhã é o último final de semana que ele sai. Se ele não estudar durante a semana, não vai mais ter este tipo de privilégio, porque a vida só dá na medida em que você dá a ela. Ele tem que sentar e estudar. Eu me ralo muito, dou aula, batalho e sempre buscando para eles terem uma boa educação, que para mim é a maior herança que posso dar.

(E OS SEUS SENTIMENTOS, VOCÊ PERCEBE ESTE MOMENTO COMO UMA NOVA ETAPA DE VIDA?)

Não, imagino ainda...poderia até ser uma nova etapa, mas ainda não me sinto tranqüila. Poderia até dizer: dever cumprido, mas só vou dizer isto quando eu morrer, porque mãe é mãe para sempre. E antes de ser mãe a gente é amigo, conversa de tudo, de namorada, de perguntar, que é raro adolescente fazer, principalmente para mãe. Essa abertura que a gente tem foi muito difícil de conseguir, foi muito choro, mas consegui trazê-lo para junto. Não sinto o fechamento de uma etapa- é mais como um passar de ano.

(E EM RELAÇÃO A VOCÊ, NÃO SENTE COMO UM NOVO MOMENTO EM SUA VIDA?)

Não, acho que o vestibular é dele, a vida dele. Às vezes me pego dizendo, “Pôxa, tô com filho fazendo odontologia.” É meio estranho. Em geral você vê assim, filho na universidade, o pessoal pensa em pessoas assim mais velhas. Mas eu não me sinto, eu sinto que vou ser uma mãe jovem com um filho que entrou novo na faculdade, e vai ser o maior barato. Vou curtir muito tu tá te formando e teus amigos brincando “olha a coroa enxuta”. Que às vezes eu brinco, agente fica muito abraçado e eu digo: “o pessoal deve estar dizendo que sou uma coroa safada com um gatinho assim.” Mas a angústia que trás não é em relação a mim, é a ele. A gente não pode viver a vida do filho e a gente tem aquela ilusão que quando estão com a gente estão protegidos, pura ilusão. Mas ainda não consegui superar ainda esse controle. Tenho também um histórico para isso, tanto da vida como da violência. Ele tem 17 anos mas não anda só, e a pé ou de ônibus. Já fomos muito assaltados aqui em Recife e tem uma história, que quando eram pequenos, recebi muita ameaça de serem seqüestrados e que eu não ia vê-los mais, etc. Por mais que eu tenha me trabalhado, vai tocar. Fico acordada esperando que chegue. Não tenho aquela paranóia de não vá porque não tenho controle, mas quero que telefone. Por ex., Recifolia, não deixo. Quer ir para o carnaval de Olinda, não consigo ainda. Mas não tenho paranóia porque é vestibular. Fico muito frustrada porque não sinto ele investindo como eu gostaria que investisse, como eu investi e como o irmão investe. Mas não comparei, não gosto de comparações. O que mais me irritava era minha mãe dizer: olhe sua irmã, olhe sua prima. Cada pessoa tem suas individualidades.

(TERIA MAIS ALGUMA COISA QUE VOCÊ GOSTARIA DE DIZER?)

Bom, sei que a gente vai vibrar junto quando ele passar e chorar junto se não passar. Só espero que se ele não passar, não desista. Porque aí sim, vai causar muito mal em mim. Mas não quero pensar nisto agora. O que é ruim, deixo para depois.

DEPOIMENTO 2

Idade: 43 anos – Nível: superior– Estado civil: Casada – 2 filhos sexo m. 17 e 14 anos

*(COMO VOCÊ ESTÁ EXPERIENCIANDO O VESTIBULAR DE SEU PRIMEIRO FILHO?
QUAIS SEUS SENTIMENTOS?)*

Ele é um menino que sempre foi muito estudioso, sempre tirou boas notas e no Salesiano quase chegou ao primeiro lugar, e eu tenho a impressão que se ele não passar vai ser...vai ficar muito triste, vai se apearrear. O que aconteceu também é que meu sobrinho - quer dizer, ele passou, o mais velho, mas acho que foi muita pressão de papai e do pessoal - ele não passou na Federal, passou na Católica e foi aquele auê. Eu acho que se ele não passar vai se sentir...inclusive, papai é louco pelo mais velho, meu pai, pelo neto mais velho, meu sobrinho, meu filho é o segundo neto. Inclusive ele não quer fazer Direito pois diz que meu pai é louco pelo outro e o outro já vai para o escritório de papai, aí ele vai fazer Economia. Eu... inclusive se ele não passar vai ficar muito triste, por causa do primo, né? Mas eu procuro deixar ele bem a vontade. Às vezes digo, menino, vai estudar, mas eu não fico insistindo. Meu marido fica mais. Procuro deixar ele mais livre, nadar, ele é

nadador, ele nadava toda tarde e deixou agora por causa do vestibular. Lógico, vou ficar nervosa nos dias, mas procuro não demonstrar para deixar ele bem a vontade e dizer, se passar tudo bem, se não passar... Até mesmo na questão do que ele escolheu, ele modificou. Eu botei ele na área II e ele agora está freqüentando a área I. Continua freqüentando a área II, mas resolveu fazer o vestibular na área I. Eu não influenciei e disse: você é que sabe, ele mesmo é que está decidindo a vida dele. Agora tenho impressão, eu até disse a ele, se de repente você decidir fazer outro vestibular, que de repente, como ele não está tão seguro, você pode até trocar. Disse a ele, fique à vontade, se passar passou, e se passar e quiser fazer de novo uma outra coisa, fique à vontade.

(SENDO ESTA A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ ESTÁ VIVENCIANDO UM VESTIBULAR, COMO ESTÁ SE SENTINDO?)

Ah, sim, a gente fica ansiosa, né? Eu estou ansiosa. Estou esperando que ele se saia bem e como eu disse, ele é estudioso, se não passar vai ficar muito triste e a gente, ver o filho triste, a tristeza da gente é maior. A gente quer que o filho fique feliz. Eu tenho certeza que ele vai ficar muito triste se não passar e eu também, é claro, com ele. Eu vou ficar triste, mas o pai..., não sei se vai compreender. Porque o pai é muito exigente. Não sei se é porque ele é filho único e os pais dele sempre exigiram muito... até hoje em dia exigem, porque ele é que é responsável pelo pai e pela mãe. Então ele exige muito dos filhos. Tenho medo de que se ele não passar, o pai fique dizendo “tá vendo, não estudou”. Eu fico mais preocupada com a reação que o pai vai ter, que vai deixar ele triste, né?

(VOCÊ PERCEBE ELE COMO MAIS DEPENDENTE OU INDEPENDENTE?)

Independente, depois que coloquei neste colégio.

(ANTES VOCÊ O PERCEBIA COMO MAIS DEPENDENTE?)

Eu acho que é a idade. Hoje em dia ele já questiona mais, mas ele era um menino que eu sempre dizia, se tivesse 2, 3 filhos, queria que fosse como ele. O meu outro também é bonzinho, mas já questiona mais. Ele não questiona muito as coisas. Às vezes eu achava até que dominava um pouco ele, porque eu dizia assim: Daniel faça isso, ele fazia Ele sempre me obedecia. O 1º colégio fui eu que escolhi. Ele já estudou em quatro colégios e tudo fui eu que escolhi. E ele se mudou sem questionar muito. Depois se adaptou. Que ele sempre teve os amiguinhos e nunca tive reclamação no colégio. Hoje ele está mais independente—como mora perto, vai sozinho e não depende muito de mim. Até a primeira vez que saiu sozinho, foi assaltado – e para ele foi um trauma muito grande “a primeira vez que saio...” Ficou com medo, quando parava no sinal, que viesse o assaltante. Hoje em dia ele vai, volta só, só me avisa, mas é um menino calmo, não fuma nem bebe, não é de festa. O outro questiona mais, mas também não é independente. Não sei se eu tenho o poder... Veja, eu participo muito... o outro não é tão independente não. Depende de mim para ir à natação.

(VOCE PERCEBE O VESTIBULAR DELE COMO UMA ETAPA DIFERENTE NA SUA VIDA?)

É, mas na vida dele, é como se ele estivesse passando por mais uma etapa e toda etapa da vida dele eu participo, ne'? É como se fosse mais uma etapa que indiretamente eu venci. Ele já está na faculdade e já vai se formar pra vida. Ficarei feliz como sendo mais uma etapa na vida dele.

(E NA SUA, MUDA ALGUMA COISA?)

Não, acho que não. Realmente, por causa da idade dele hoje em dia. Ele está se tornando homem, já não conversa tanto comigo. A tendência é ter mais liberdade, vai ter um carro, vai ficar mais independente. Vou procurar sempre estar por perto para orientar

nas companhias, mas vai ser diferente. Não sei se ele vai estar preparado. As crianças hoje fazem vestibular muito cedo. A mudança do colégio para a faculdade é muito grande. Me preocupo muito com a reação dele. Vai lidar com todo tipo de pessoas, pessoas assim mais velhas, e eu não sei como ele vai...Quando saiu do jardim para ir para o primário, lá era tudo fechadinho, ninguém entrava lá; no ginásio, entrou em contato com meninos de 11 a 17 anos. Ele teve problemas e quando chegava em casa se aperreava porque quando ia comprar o lanche os mais velhos passavam na frente, brigavam e empurravam ele dizendo que eles eram os pequenininhos. Então eu senti que, no início, ele sentiu o impacto. Porque no primário estava ali protegido, de repente ficou solto, podendo até entrar e sair, mesmo com certo controle, mas nunca como no primário. Aqui ainda tem um certo controle, e na faculdade não vai ter esse controle. Minha preocupação é conversar com ele para ver que ele vai mudar a vida dele. Uma mudança brusca.

(NA SUA VIDA, VAI MUDAR ALGUMA COISA?)

Vai mudar quando a dele mudar...ele pode não se sair bem, eu vou me aperrear. Mas não estou muito preocupada. Na minha vida não, porque não sou dessas mães que se realizam através dos filhos. Digo a ele, que se fizer alguma coisa errada, você é que vai se prejudicar. Teve uma vez que ele se aperreou e disse que não ia mais estudar e eu disse: “Quem vai se prejudicar é você. Eu já estou formada, já fiz minha vida, já estou na metade de minha vida”.

(QUE SIGNIFICADO VOCÊ ACHA QUE O VESTIBULAR TEM PARA SEU FILHO?)

Apesar de dizer que não liga muito, no ano passado fez por experiência, notei que depois é como se passar, o vestibular significasse assim...um poder, uma..., é como se ao não passar ficasse como se não soubesse das coisas, sem..., como se fossem burros. Eles..., acho que se realizam. Ele diz: “mainha, vou passar e passar bem.” Lá em casa,

uma coisa eu recebi dos meus pais e dou para eles, papai e mamãe sempre deram muita importância aos estudos, ao saber. Dinheiro agente tem hoje e amanhã não tem. Mas o saber ninguém tira da gente. E se imponha. Digo a meus filhos, numa classe, se você souber, todos os seus colegas lhe respeitam pelo seu saber. Procurem sempre se impor por ser uma pessoa culta. Eu sempre fui estudiosa, fiz engenharia civil e nunca fiquei numa final. Aperreei muito minha mãe, estudando demais e chegando em casa chorando dizendo que tinha tirado nota baixa e quando chegava era 9,0. Sofri muito com aquilo e agora não sou tanto assim. Ele é nervoso, mas o outro é mais tenso. Ele vai ficar nervoso, mas a maior ansiedade dele é a satisfação que ele acha que vai dar a mim, aos pais e aos colegas. Porque a resposta do vestibular é uma resposta que vai dar às pessoas, à sociedade. Todo mundo espera que ele se saia bem e no caso de não se sair bem, tenho impressão que vai se sentir frustrado e achar que as pessoas estão condenando ele.

DEPOIMENTO 3

Idade: 41 anos - Estado civil: casada – Nível Superior - 2 filhos do sexo masculino, um de 17 anos e outro de 15 anos

(COMO VOCÊ ESTÁ EXPERIENCIANDO O VESTIBULAR DE SEU PRIMEIRO FILHO? QUAIS SEUS SENTIMENTOS?)

“Realmente eu acho que é uma fase, é um período meio ... delicado para qualquer família. Porque é uma decisão importante da vida do filho da gente, né, e por ser o

primeiro filho, é aquela coisa, por ser marinheiro de primeira viagem, realmente então eu acho que a família passa a desempenhar uma outra função, um outro papel e eu acho que o pai e a mãe nunca podem se desvincular dessa situação. Então assim..., agente é mãe de criança pequena, quando passa –eu nunca fui mãe de criança pequena e passo a ser—Passa a ser de adolescente e agora na juventude, já 17 anos, você passa a ser mãe daquele jovem, você nunca foi. Então agente está enfrentando, enfrenta tudo pela primeira vez, no papel de mãe. Já fui o papel de filha, de estudante... Acho que o pai e a mãe têm um papel a desempenhar e porque eu vejo assim... a família não pode estar fora deste contexto. Ele faz parte, e se a gente não intervém nada, não interfere nada, agente passa por omissos. E aí acho que não pode de jeito nenhum. E se agente interfere muito passa a influenciar. Acho que o pai e a mãe aí tem um limite e é meio delicado encontrar esse limite, é complicado encontrar esse equilíbrio. Então como é que estou agindo. Eu procuro primeiro conversar com ele. Ele não decidiu ainda, sabe que quer humanas, mas ainda não decidiu o que quer fazer. Então agente conversa muito. Como ele está indeciso, então eu sinto assim, meu papel é de orientar, não na decisão da escolha, mas ver que habilidades ele tem, primeiro analisar o mercado de trabalho, segundo analisar o que gosta, o que não gosta que, na realidade, este é o primeiro, não estou dizendo pela ordem de preferência, mas se ele tem habilidade ou se não tem, analisar o mercado de trabalho, essas coisas agente como mãe tem que orientar, tem que... sem definir por ele, sem tomar uma postura, uma posição. Quem tem que escolher é ele, agora agente tem que conversar para clarear sua idéia. Acho que essa é a posição do pai, né? Porque se o pai e a mãe não fazem isso, ficam omissos e ele não tem condições de enxergar certas coisas. Tem gente que diz: ‘Ah, eu não interfiro’ mas tem que interferir; não na decisão, mas de mostrar, de clarear: ‘Vamos ler um jornal, vamos ler uma revista, conversar com um tio, parente um amigo, que tenha aquela

profissão. Vamos fazer uma visita no consultório, no escritório ou na empresa, enfim.’
Então, mãe e pai tem que participar, ne’? Como eu vejo que é uma outra preocupação
minha, que eles não têm ainda aquela maturidade. O meu mesmo não tem.

(COMO VOCÊ PERCEBE ESTA QUESTÃO DA MATURIDADE?)

É muito jovem ainda. Menina é mais fácil. Menina é mais amadurecida. Menino
acho muito...quando o menino tem certeza do que quer, muito bem, quando é influência de
alguém da família que já tem essa profissão, ou mesmo porque já viu que é o que quer, o
que gosta, ótimo. Mas quando não tem? O meu mesmo não tem. Acho ele muito jovem.
Outro dia eu estava conversando e acho que o Brasil não está precisando de profissionais
jovens não. Acho que o Brasil precisa de profissionais competentes. Se você vai ser
professor, tem que ser o melhor que você pode. Se você vai ser médico, tem que ser o
melhor que pode. Realmente estudar, pesquisar. Se vai ser dentista, enfim, seja a profissão
que for. E eu me preocupo porque eles são muito jovens para decidir. E a decisão da vida
profissional é muito importante. É pro resto da vida . Resultado é que agente vê: no meio
da universidade, não é aquilo que quer. E perde tempo. É lógico que isso não é o mais
importante, mas perde tempo. E as vezes a pessoa até se frustra e aí, isso me preocupa em
relação a essa maturidade, porque eles são muito jovens. O meu brincou de carrinho
até...pois meus filhos curtiram mesmo a adolescência, até 12 anos. Até por temperamentos
também mesmo, acho ele muito imaturo para resolver a vida profissional dele, acho que
não tem, de jeito nenhum. Me preocupo, mas não me angustio, ou pelo menos procuro não
passar isto. Também acho que não me angustio mesmo não. Acho que é assim, vamos
procurar ter calma, se der certo deu, se não der, paciência. Digo ainda: ‘você tem até o dia
da inscrição para escolher’.

(E A SUA ESCOLHA COMO FOI?)

Eu era muito decidida nas minhas coisas, muito assim, segura, mas tive um pouco de dificuldade para decidir. Não sabia se escolhia Direito, até por influência de meus pais. Meu pai dizia que eu era muito decidida, muito falante. Meu pai dizia que eu dava jeito. E não deixou de ser uma certa influência. Mas eu gostava muito de criança, achava bonito, achava que eu tinha jeito e estava muito indecisa entre Pedagogia e Direito. Tanto que fiz minha inscrição: 1º Pedagogia e 2º Direito. Como passei com nota boa, entrei em Pedagogia- mas tinha nota para Direito também. E estou super satisfeita, não me vejo em outra profissão, graças a Deus, graças a Deus, por que não?

(COMO VOCÊ SE SENTE AGORA, COM SEU FILHO ENFRENTANDO O VESTIBULAR, E MUDANDO SUA FASE DE VIDA? COMO ESTÁ SENTINDO A ENTRADA NESTA FASE?)

Um pouquinho preocupada, desejando que ele acerte, porque agente sempre quer o melhor pro filho. Que ele acerte o melhor para ele—preocupada em se ele vai acertar ou não. Só fico preocupada em ele escolher bem. Agora procuro não ficar ansiosa. Teve vestibular no ano passado: ‘meu filho, quer fazer? Vamos fazer por experiência? Não, não quer, então...’ Também não insisti tanto, não por medo de passar ou não passar agora neste ano; não passar e não passar de novo este ano. Aí são duas frustrações. Por isto não insisti. Não me acho muito angustiada, muito ansiosa.

(COM RELAÇÃO ÀS PRIMEIRAS SAÍDAS DELE, COMO FOI QUANDO ENTROU PARA A ESCOLA?)

Foi bom, se adaptou. Eu acho que estava curtindo, curtindo mesmo, até porque eu já trabalhava nesta escola e na época fui supervisora dele. Mas como tenho uma mãe de criação, ai ela ajudou na adaptação, porque eu era mãe e supervisora. Dividia papéis. Não

podia ser só mãe, infelizmente não podia, e não podia ser só \supervisora. E meu filho é meu filho (*enfaticamente*). E eu procurei administrar bem Eu trouxe ela uns dias, ficava um pouco com ele, explicava ‘mamãe vai trabalhar’, conversava com ele, procurei administrar numa boa.

(VOCE SENTE ELE COMO MAIS DEPENDENTE OU MAIS INDEPENDENTE?)

Mais dependente. Ele é o mais velho e é mais dependente. O outro, o mais novo, é mais independente. Agente procura não passar, não errar, mas...Agora, ele é mais dependente, mas vai. O outro é mais atirado, mais independente. Mas ele vai, vai sem grandes problemas. Acho assim, dentro de uma expectativa, ainda considero ele num nível normal. Sempre a primeira vez de alguma coisa... por ex., um adulto que nunca viajou para o exterior, sozinho, sozinho, uma pessoa só uma excursão, tem uma expectativa. Se vai com o marido, com um filho, amigo, sempre tem aquela coisa. Dentro da normalidade, tá entendendo? Não acho nada grande, nada exagerado.

As opções dele são em Humanas, dentro de Humanas, Desenho Industrial, Publicidade. Ele tem muito jeito para desenho, adora desenhar. Vamos ver o que ele vai decidir.

Acho ele mais parecido com meu marido. Agora, esse lado do desenho, ele é muito criativo, é uma irmã que eu tenho, eu acho. É uma irmã que eu tenho, que é muito criativa. Pode ser que ele tenha herdado isso dela.

(ENTÃO, NA VIVÊNCIA DESTE MOMENTO, PELO QUE ENTENDI, SEUS SENTIMENTOS SÃO DE PREOCUPAÇÃO, MAS NO GERAL ESTÁ BEM?)

É, eu acho que estou tranqüila, não estou angustiada. Digo a ele, ‘meu filho, o importante é assim você realmente estudar, passar no 3º ano, passar bem. Se você conseguir passar no vestibular, ótimo. Se não conseguir, não tem problema. Estuda melhor

para o ano e repete. Não é aquela coisa ‘tem que passar, tem que estudar, tem que passar’. Até porque infelizmente agente ainda tem que passar por essa situação do vestibular. Agente já avançou em tantas questões, mas na questão da educação acho que o país está muito atrasado.

(QUAL O SIGNIFICADO QUE O VESTIBULAR TEM PARA ESSES MENINOS?)

O significado...é passar uma batalha. Na verdade agente sabe que o vestibular não mede conhecimentos: entra sorte, o estado emocional do dia... Conheço tantas pessoas competentes que não passaram e outras que não são competentes e que passaram. Acho que o país já tinha que ter mudado nisso. Então acho que a sociedade cria essa expectativa, de um modo geral os professores criam, as escolas criam essa expectativa e os coitados dos vestibulandos é que têm de segurar esta barra. Aula, aula, revisão, revisão, aquela coisa exacerbada, acho isso horrível, um crime. E depois se queixam que os vestibulandos estão angustiados, ansiosos, nervosos, estão chorando em casa. O meu não está, graças a Deus, mas ele está cansado, realmente se queixa de cansaço. Mas a sociedade cria isso. Acho que não podia acontecer esse tipo de coisa. Se os pais em casa ficarem angustiados demais, cria aquele clima e ai implode tudo, não é? Agente tem que aliviar o máximo.

(VOCE TERIA MAIS ALGUMA COISA QUE GOSTARIA DE ACRESCENTAR?)

Acho que agente se sente um pouquinho pré vestibulanda também, porque de qualquer forma, está assim junto do filho, escutando, ouvindo, as coisas, tal Acho que o principal é ela estar tranqüila, passar isso, entende? Amar muito o filho nessa época, dar carinho e atenção, procurar destensioná-lo. Ajudar na escolha, se é que ele precisa, clareando, não se pode ser omissos, mas não se pode interferir, não pode decidir nem querer influenciar tipo ‘olhe, eu acho que você dá para isso’. Mas tem que ver, o meu diz assim: ‘Eu não sei o que é que faço, mamãe’ ou ‘qual é minha habilidade?’ A mãe conhece o filho mais do que ninguém. Ela pode dar luz: ‘olhe, você tem muito jeito para desenho, você tem...’ assim, sem querer querendo influenciar na decisão, mas influenciando, mostrando...

Não sei se estou passando o que quero dizer. Mas digo, 'quem vai decidir é você'. Acho isso fundamental. Esse negócio: 'Ah, porque seu pai foi...' O pai dele é advogado, e em nenhum momento eu disse: faça advocacia como seu pai. De jeito nenhum. Ele já discutiu isso com o pai, mas o pai deixou ele muito a vontade e ele disse: 'não, não quero'. Não demonstrou realmente interesse e o pai também não.... Enfim, não sei se respondi tudo que você queria...

DEPOIMENTO 4

Idade: 40 anos – Estado civil : separada ; Nível Superior - N.º de filhos: 3, uma do sexo feminino, 17 anos e um menino de 13 e uma menina de 11.

*(COMO VOCÊ ESTÁ EXPERIENCIANDO O VESTIBULAR DE SEU PRIMEIRO FILHO?
QUAIS SEUS SENTIMENTOS?)*

Tive uma vida muito corrida, porque sou sozinha, separada, meu marido tem um problema de alcoolismo, eu lutei 18 anos com ele levando pra os cantos. Tive meus 3 filhos que estudam no ...desde o jardim, um deles ficou diabético há dois anos atrás e isso pra mim foi uma morte, e eu esqueci os outros dois e me dediquei somente a ele. Agora que estou me desligando um pouco. Mas cada vez que eu aplicava a insulina nele, eu morria. Eu nunca furei nem...fui muito mimada quando era criança, apesar de ser a mais velha, fui muito mimada mesmo. Então vamos ver, M. é a mais velha logo no início trabalhei no colégio X e ela sempre foi uma menina muito agarrada em mim, porque

estudava no colégio que eu trabalhava. Eu era professora naquela época. Era o lanche, ia pra mamãe, muito agarrada pra tudo. E eu como sou pai e mãe ao mesmo tempo, mesmo com o pai eles não iam.

(M. TINHA QUE IDADE QUANDO O PAI SAIU?)

Acho que uns 12 anos, mas enquanto estava em casa, tinha problema de alcoolismo, tinha hora que ele chegava em casa e quebrava tudo. Quando ela foi para outro colégio, eu disse, pronto, eu errei na educação de M., mas não vou errar nos outros dois. Levava fraldas descartáveis, mamadeiras e deixava lá. Quando chegou no colégio novo, ela não falava, ficava sozinha, chegou até a fazer tratamento com Dr. ..., principalmente depois que os 2 irmãos nasceram. Depois ela começou a mudar, a falar e me deixar. Eu também não podia nem olhar pra ela porque tinha os dois pequenos. Fiquei sozinha. Ela por ela mesmo tentou superar. Talvez essa profissão que ela vai fazer, eu tenha influenciado.

(COMO VOCÊ ACHA?)

Ela ficava, “mãe...”, sem saber o que fazer e dizia que queria fazer direito. Eu dizia: “sabe quantos advogados tem por ai desempregado? Direito é só para ter o curso superior. Fazer por fazer. Gastar dinheiro.” Mandei olhar bem a dentista dela, porque ela já vai no 3º ano e ainda está usando aparelho. Daí eu disse, vá fazer odontologia e ficou nisso e depois ela começou a botar dificuldades na área de saúde e disse que ia fazer direito. Eu disse, fazer direito e ser mais uma desempregada? Aí ela disse que botava Ciências Biológicas, porque eu não passo em odontologia. Aí eu vou fazer uma criticazinha ao colégio dela, que não prepara bem para o vestibular. Agora mesmo, embora tenham aula de manhã e de tarde, fizeram uma excursão. Não têm clima de vestibular. Tenho uma prima que tem uma filha que estuda no G. e lá ela almoça vestibular, janta vestibular, só se fala disso. E minha filha já está sabendo que não vai passar. Já disse que no próximo ano vai

fazer cursinho lá. Disse que no próximo ano vai tentar odontologia. Não sei se é pra me agradar, mas eu quis abrir a cabeça dela, mesmo que ela faça Ciências Biológicas, ela podia fazer, mas não fazer Direito. Direito é só pra fazer um curso superior. Veja o caso, eu mesmo fiz pedagogia porque minha tia tinha uma escola e ela queria e quase me induziu a fazer pedagogia porque ela não tinha curso superior e a escola precisava de alguém para assinar por ela. Então eu fui induzida e gostei. Já vou me aposentar. Não queria, não queria entre aspas, porque agente não pode dizer isso, que nenhum de meus filhos seguisse a parte de educação porque ganha pouco, trabalha demais e o cansaço, se bem que hoje em dia mudou muito. Mas fazer um curso superior para não trabalhar, como direito. Quantos estão morrendo de fome? Ela perguntou, e o consultório, quem vai pagar? Dado não, mas se você for pro interior, e conseguir trabalhar mesmo... e aí ela disse que se inscreveu em odontologia. Acho mesmo que ela não passe, tem que fazer a experiência. Ela é muito tímida, muito nervosa, a mão dela chega fica molhada. Então ela tem que fazer a experiência, mesmo sem passar. Depois ela pensou em fazer enfermagem, porque é uma pessoa muito dedicada principalmente assim em casa, ela está assumindo os irmãos, às vezes dá uns gritos. Até que mudou mais um pouco.

(COMO VOCÊ VÊ O VESTIBULAR DELE EM RELAÇÃO À SUA VIDA? ALGUMA COISA MUDA?)

Primeira coisa que eu acho é, minha filha está fazendo vestibular, estou ficando velha. Porque agente, num... Quando eu estudava pro vestibular, com minhas colegas, agente virava a noite estudando e digo a ela que não vejo ela fazendo isso. Não vejo ela em clima de vestibular: vai pra cinema, vai pra shopping... Ela diz, “ah, eu não vou passar mesmo, todo mundo no colégio sabe que eu não vou passar”. O vestibular pra mim estudei,

virava a noite. Mas vestibular, é parar e pensar assim, poxa, já tenho uma filha fazendo vestibular. Estou ficando velha.

(É UM OUTRO MOMENTO VIVIDO POR VOCÊ, NÃO É?)

E. Os outros já ficam perguntando “mainha, e eu vou fazer o que?” E a pequena então nem se fala. Eu digo pro outro, “você vai fazer o mesmo que seu pai, você não é bom em matemática? Vá fazer engenharia”. Eu acho que eu tenho uma personalidade, eu não tenho muita personalidade, mas por não ter marido, tenho que ser forte e fico falando assim pros 3, mas eu não vou influenciar na profissão deles. A pequena nem fala, mas o menino fica perguntando e eu digo que não vou influenciar, mas já estou influenciando e dizendo, “vá fazer engenharia”. Eles têm pouco contato com o pai. Mas são muito calados. Não conversam e ficam pouco tempo. Não falam sobre o pai. M. é que não fala mesmo, é calada, metida a engraçadinha. Ela agora deu para se fazer de bebe, de nenen. Já tem namorado e ele faz engenharia, e eu digo, chame o namorado para estudar com você, mas ela nunca faz isso. Todo mundo sabe que ela não vai passar. É complicado, pagar o colégio caro...

*(VOCÊ VÊ ELA AGORA COMO MAIS COMO DEPENDENTE OU INDEPENDENTE?
ANTES PERCEBIA COMO DEPENDENTE, NÃO ERA?)*

Ela está muito independente agora, inclusive ela diz que antes era uma “abestalhada” Agora quer ser o máximo, quer resolver os problemas do irmão, já que “a mãe dela é uma boba” ela agora está se achando o máximo. Está assim há pouco tempo, acho que é a idade, agora já tem título e CPF e está se achando uma cidadã brasileira. Antes era dependente demais. Houve uma mudança grande nela.

(COMO VOCÊ ACHA QUE ELES VÊM O VESTIBULAR? QUE SIGNIFICADO TEM PARA ELES?)

Acho que antigamente as pessoas levavam mais a sério. Acho que já vão com a impressão que vão se formar e não arranjar emprego. Tem gente aí formada que não... está vendendo suco. Mas mesmo assim, passar, tem um significado. Vim o ano passado ver minha sobrinha que veio ver o resultado e só ver a alegria naqueles que passaram.

(COMO SE ESTIVESSEM ENTRANDO EM ALGUM LUGAR?)

È, mas não sabem o que vão fazer, vai gastar dinheiro, vão pagar o crédito educativo e é tudo tão caro e sem emprego, como vai pagar?

(TERIA ALGO MAIS A ACRESCENTAR? COM RELAÇÃO A ESTE MOMENTO. POR EX. VOCÊ DIZ QUE ESTÁ FICANDO VELHA, COMO É ISSO?)

Já tenho uma filha no vestibular, o tempo passa e agente nem vê. Porque mãe não vê o filho crescer. Mãe vê sempre pequenininha. Foi a mesma coisa com o namorado eu disse, meu Deus, já? Tirar o título? Parece que foi ontem que fui com minha mãe tirar o meu. Foi quando me toquei que estava ficando velha. Não sei se foi porque fui muito mimada. Fui criada pela minha mãe e por uma tia que era solteirona e que fez tudo e faz tudo por M. Minha filha pra ela é Nelinha e ela vê minha filha tão pequenininha...eu também tinha essa visão, mas agora mudou. Minha tia ainda vê ela assim. Quando M. nasceu, ela achava eu não tinha maturidade para criar minha filha e elas pegaram para criar e estragaram um pouco ela.

Acho que tenho ainda muita coisa para fazer pela frente, fora o que tenho que cuidar do filho diabético.

DEPOIMENTO 5

Idade: 40 anos - Estado civil: casada Nível de instrução: Ensino Médio (doméstica)

N.º de filhos: Duas do sexo feminino, uma de 16 anos e a outra de 14

(COMO VOCÊ ESTÁ EXPERIENCIANDO O VESTIBULAR DE SUA FILHA? QUAIS SEUS SENTIMENTOS?)

No início, quando ela entrou para fazer o 3º ano, houve aquela euforia, aquela, como se chama, meu Deus? ... ansiedade... tá entendendo? e ficamos todos em casa: vestibular, já entrando, acabou aquela mamata, tem que estudar, não pode mais passear, só estudar. Ficamos naquela, todo dia, naquela: vestibular tá entrando... e no decorrer desse semestre isto fez sabe, talvez agitar bastante ela, e ela ficou assim, como se diz, como aquele ditadinho “mainha está fazendo pressão, tá me pressionando muito, vou terminar estressada. Primeiro tenho que me preparar para o 3º ano, primeiro tenho que estudar para o 3º ano, (que eu como mãe também acho que é o principal) tenho que passar, para depois enfrentar a nova fase.” Então achamos isso, que ela, agente com essa ansiedade de preparar ela, de evitar que ela saísse menos e estudar mais para o vestibular, ficou um negócio muito pesado para ela e, uns dois meses atrás que a gente teve essa conclusão a prova ate que o colégio procuramos falar com a psicóloga, com a coordenação e estamos mudando o modo de lidar com essa coisa. Mas, for a isso, ela está muito tranqüila e determinada. Inclusive ela optou por uma profissão, vai fazer programação visual e só tem em uma faculdade e ela disse que só quer aquilo e está muito determinada para passar. Eu estou

achando ela muito calma. Ela é muito tímida, muito fechada, não é muito aberta , mas atualmente está mais tranqüila nesse início desse segundo semestre, bem mais tranqüila.

(COMO É QUE SENTIRAM ESSA ESCOLHA DELA?)

Sentimos assim, a gente notava que ela tinha muita facilidade, ela é muito jeitosa, letrada nas coisas e também tem uma pessoa da família, que não chega a ser família, é esposa de um primo de meu marido e que faz programação visual. Já é do ramo, já tem sua independência nesse ramo e ela vê alguns trabalhos e se interessou. Apesar de que lá em casa nunca determinamos profissões. Meu marido é supervisor mecânico da Alcoa. Lá em casa nunca tocamos nisso não. A meta lá em casa é o que faça o que gosta, que faça bem feito, que seja feliz. A escolha é dela mesmo. Antes ela dizia que não sabia ela começou a colocar programação visual a partir da 2º série.

(ELA SEMPRE FOI ASSIM INDEPENDENTE OU MAIS DEPENDENTE?)

Não, porque ela nunca foi independente nem dependente. Porque lá em casa agente é assim muito unido, tá entendendo? É uma família muito unida aí, pronto, tanto um ajuda o outro como também pode...

(QUIZ DIZER NO SENTIDO DE TOMAR AS PRÓPRIAS DECISÕES)

Não, ela muitas vezes não toma decisões sozinha. Ela sempre procura. Em alguns assuntos que ela quer resolver sozinha então ela resolve mesmo, resolve, faz e pronto. Agora tem coisas que ela fica procurando mais o apoio da gente, sabe, ajuda.

(QUER DIZER ENTÃO QUE ESSE MOMENTO DO VESTIBULAR SO FOI MAIS DIFÍCIL NO INICIO?)

No início com a cobrança, não era cobrança, era isto: “eita”, vestibular, tem que estudar que o vestibular não é fácil, só passa se estudar, acabou a mamata, tu agora não vai poder ficar passeando muito....E ela calada, só escutando, até que disse que estava ficando

estressada e “não vai dar não desse jeito. Deixe eu estudar da minha maneira e fazer o que eu tenho condições de fazer.” Então ela disse que ia fazer o tinha condições de fazer. Pronto e depois recuperou.

(RECUPEROU, MAS AQUI DENTRO, COMO FICOU?)

Aqui dentro, você sabe, você sabe o que é mãe, não sabe? Apesar de que ela não é uma menina de dar trabalho, tá entendendo? É um excelente filha, ótima em casa e no colégio e eu sei porque eu sou uma mãe que sempre estou na coordenação. Nunca fui chamada na coordenação, mas eu sempre... venho todo dia pro colégio, tenho afinidade muito grande com a coordenação. e fico “Como é, tá bem, está precisando de alguma coisa, quer que ajude com alguma coisa?” Nunca é a coordenação que me procura, eu sempre que vou. Sou uma mãe muito assim, estou sempre controlada, acompanhando de perto. Mas por dentro, fico naquela ansiedade. Como mãe a gente diz “ah, podia estar estudando mais!”, a gente está sempre querendo mais. Ficamos ansiosos. É como se a gente mesmo fosse até fazer o vestibular, querer passar, mostrar para todo mundo, tá entendendo? E essa ansiedade também é porque ela nunca foi reprovada, só tem 16 anos, tá entendendo? então é uma vitória PARA MIM – tanto pra ela quanto pra mim- estudar e passar no vestibular. Quer dizer, me atinge, né, de qualquer forma me atinge, porque é uma realização minha também.

(E COMO FOI SUA ESCOLHA? FEZ ALGUM CURSO SUPERIOR?)

Eu? Não. Eu fiz, veja bem, eu fiz o magistério, tentei vestibular mas como não passei no primeira vestibular... Fiz para Relações Públicas, não passei, então deu aquele nó na cabeça, não quis mais saber, fui trabalhar. Minha família também precisava que eu trabalhasse então deixei os estudos para trabalhar. E assim foi, trabalho e depois casei. Casei, já tenho 19 anos de casada e abandonei completamente os estudos. Joguei assim um

pouco os estudos. Então isto faz com que eu fique com essa ansiedade também em relação à filha, porque eu não estudei tanto quanto deveria aí eu joga para ela a cobrança. Talvez isto pese um pouco, porque eu não me realizei e fico forçando a barra para que ela não siga meu exemplo, como diz a estória.

(E AGORA QUE ELA ESTÁ ENTRANDO, ALGUMA COISA MUDA EM SUA VIDA?)

Claro, né, inclusive se ela passar no vestibular, ela passando. Eu acho que vai mudar: vai dar um passo para o estudo, para a formação dela, ela vai dar mais responsabilidade, etc., tudo vai acarretar mudanças na família, no meio, no ritmo de vida, tudo isso.

(E PARA VOCÊ)

Pra mim? Vai mudar, porque ela vai ter a independência dela e isso vai ajudar também a gente, a família.

(VOCÊ SEMPRE SE VÊ NO CONTEXTO DA FAMÍLIA?)

Da família, é. Justamente porque nossa família agente plantou e está colhendo com os bons frutos até hoje na família.

(CONSIDERANDO QUE ELA ENTRA NA FACULDADE, VAI TRABALHAR, ALGUMA COISA MUDA NA SUA VIDA?)

Claro. Que vão acontecendo de forma mais harmônica e feliz possível. É isso que a gente quer. Qualquer passo que ela der, ela , a família toda tem que dar segura, com alegria e muito feliz.

(QUE SIGNIFICADO VOCÊ ACHA QUE O VESTIBULAR TEM PARA OS ADOLESCENTES EM GERAL E PARA SUA FILHA EM PARTICULAR?)

Bom, eu acho que tem mudanças de antes, dos antigos para hoje. Tudo mudou. Acha que eles não estão seguros, tá entendendo, do que estão querendo. Porque eles

escolhem profissões por questões financeiras, ou porque a família quer, então eu acho que nesse ponto eles não estão maduros para enfrentar o vestibular. Com essa mentalidade, tá entendendo? Seria bem interessante que eles fizessem dessa forma: ah, quero ser médico porque é o que sai da minha veia, é o que gosto. Seria interessante que eles fizessem com esse objetivo. Mas eles não vão não. Eles vão para agradar a família, ou porque a média é baixa, sempre tem algum motivo que não é o principal para preparar para um vestibular.

(E PARA VOCÊ O MOTIVO PRINCIPAL SERIA?)

Que seria você fazer aquilo que você sente que é o que você quer, que você vai ser uma boa profissional, que aquilo, aquela profissão vai lhe realizar. Eles valorizam outros fatores. O importante para eles é passar, entrar, as vezes dizem, eu não quero não, mas a média está baixa, dá para entrar e depois a gente muda. Isso já começa sem ser uma coisa boa. Acho que o vestibular devia ter mais determinação nessa escolha.

(TERIA MAIS ALGUMA COISA A ACRESCENTAR?)

Não, eu acho que talvez eu abrangir que o sentimento de cada um é único. E acho que uma coisa que a gente colhe muito em casa é o sentimento de ser feliz. Todo mundo procurando ser feliz fazendo, estudando, trabalhando, passeando, sempre todo mundo junto, num único objetivo. Cada mãe vai abordar de uma maneira, e eu vou abordar da maneira que eu vejo na minha casa. Que eu tenho meus sentimentos, cada um é uma maneira diferente. Agora acho que no vestibular, parece que os adolescentes estão todos ligados na mesma coisa.

Outra coisa, uma vez a psicóloga mandou ela escrever uma carta dizendo como ela estava se sentindo em relação ao vestibular. A dela tinha poucos dizeres, porque eu já sabia que ela nem era de falar muito nem de escrever. Então tinha 2 frases só: “Acho que estou sentindo muita pressão da minha família para passar no vestibular.” Aí agente leu o que ela

leu e a psicóloga mandou que a gente escrevesse uma também e eu fiz uma carta imensa, dei à psicóloga, dizendo que eu estava errada, que ia tentar não repetir mais o erro, e pedi que quando ela estivesse sentindo isso viesse a mim. Quando estivesse se sentindo muito tensa, viesse e dissesse: “mainha dê um tempo” e ela disse.

DEPOIMENTO 6

Idade: 39 anos – Estado civil: casada. Nivel de Instrução: Ensino Médio, doméstica

Número de filhos: 3 – todos do sexo masculino: 17 incompletos, 15 e 12.

*(COMO VOCÊ ESTÁ EXPERIENCIANDO O VESTIBULAR DE SEU PRIMEIRO FILHO?
QUAIS SEUS SENTIMENTOS?)*

Ansiosa demais. A gente, eu acho que ele mesmo diz: “mãe, a Sra. está muito preocupada” porque digo “vá estudar”. Tem que estar ligado no vestibular porque é a primeira vez. Depois que entrar na faculdade, tá livre, tá dentro, e a responsabilidade é outra. Ele diz: “você está na minha tensão”. O pai é a mesma coisa, pior que eu. Ele até se irrita com o menino: “eu não vejo você estudar”. As vezes a gente até discute, eu e meu esposo. A agente fica naquela tensão tanto os pais como eles. E a gente passa, quer queira quer não, a gente passa pra eles. Faço tudo para ele não sentir que estou muito ansiosa, não vejo a hora – tô contando. Acho que não vou nem dormir quando for o dia da prova. Digo a meu filho: “por favor tenha muita calma. Ele é muito calmo, mas todo mundo sabe, primeira vez que você faz o vestibular, né? A gente fica tensa, nervosa, confusa. Acho que

todas as mães, até dizem “acho que se ele não passar, é novo, 16 anos, vai fazer 17”, mas não é. A gente fica sempre nervosa, ansiosa demais até.

(E ELE VAI FAZER O QUE?)

Administração.

(COMO FOI O PROCESSO DE ESCOLHA DELE?)

Desde pequenininho era médico, depois economia e depois se enquadrou em Administração.

(O PAI FAZ O QUE?)

É veterinário, mas não exerce a profissão. É autônomo, vendedor de produtos veterinários. Tem mais jeito para isso.

(VOCÊ VÊ SEU FILHO MAIS COMO DEPENDENTE OU INDEPENDENTE?)

Meio termo, porque tudo que ele faz ele tem que participar. Se eu deixar ele que ser independente. Diz que se não passar vai trabalhar e estudar e eu digo “é isso mesmo”. Ele é muito tímido e reservado, não é carinhoso. De um menino que teve tanto carinho, 1º filho – 2º e 3º a gente cria como Deus criou batata- mas ele é um menino apegado, atencioso, mas muito tímido. Para fazer um carinho a um pai ou uma mãe... agente tem que estar cobrando. Esse do meio e o pequeno são carinhosos. Jr. (Júnior) é muito, muito tímido. Criei os 3 igual, com a mesma educação e carinho, mas cada um é um.

(COMO FOI A SUA ESCOLHA?)

Tentei fazer vestibular no mês que ia casar. Não liguei, não passei e até que digo a ele que este ano vou fazer vestibular com ele. Vou fazer para Serviço Social. Quando tenho um tempinho paro para estudar com ele, mas ele não tem muita paciência não, mas ainda me ajuda. Mas deixei para fazer vestibular com ele e sempre digo: “mainha não teve oportunidade , a vida foi muito difícil, pude ficar com eles. Não precisei trabalhar, criei-

os.” Tinha muita vontade, mas com 3 filhos pequenos, quem ia ficar com eles? Tinha pena, ninguém tem paciência – a mãe não tem. Passou o tempo, 19 anos, e agora vou tentar de novo.

(AGORA QUE ELE VAI FAZER VESTIBULAR, VOCÊ ESTÁ PERCEBENDO ALGUMA MUDANÇA NA SUA VIDA?)

Acho que sim, aliás, tenho certeza. A gente vê o filho crescendo, entrar na faculdade, a gente já vê aquela pessoa responsável. Já muda o relacionamento.

(E NA SUA VIDA, MUDA ALGO?)

Não.

(OLHE O QUE VOCÊ FALOU ANTES. ACABOU DE DIZER QUE IA FAZER VESTIBULAR)

É, vai mudar demais.

(VOCÊ ESTÁ ABRINDO ESPAÇO PARA ANA?)

Com certeza.. Agora que você falou, eu quero me realizar. Eu posso estar de cacetinho, mas acabou de criar filhos. Eles já têm a vida deles. Deus me livre que ocorra algo errado no caminho, mas agora chegou a hora de Ana.

(QUANDO VOCÊ FALOU QUE IA FAZER VESTIBULAR, É COMO SE ESTIVESSE REALIZANDO UM SONHO GUARDADO)

Olhe, faz tempo. Eu me arrependo de ter deixado tudo. Agora chegou a hora: 40 anos, tenho direito de estar viva. Acho que eu adoraria passar. Gosto muito da área de saúde, mas acho que vai ter problema. Queria fazer enfermagem, mas acho que vai ter problema com meu esposo, vai ter plantão, e eu já estou casada a 19 anos. Ele não vai querer nunca que eu vá dormir fora. Ele aí disse: “ S., já que você é tão comunicativa vá para a área hospitalar”. Ai pensei, vou fazer Serviço Social. Acho que não passo na

Federal, pois estou parada a 19 anos, entende? Acho Católica mais fácil, mas não sei o que fazer, porque é caro, mas vou fazer, nem que eu trabalhe para pagar metade e meu marido paga a metade.

(ACHA QUE ESPEROU O MOMENTO CERTO PARA FAZER O VESTIBULAR COM SEU FILHO?)

Pois é, para viver com ele.

(QUE SIGNIFICADO VOCÊ ACHA QUE O VESTIBULAR TEM PARA SEU FILHO?)

Sei não, acho que ele vai ficar tão alegre porque ele quer – eu nem tanto- porque ele quer trabalhar se passar no vestibular. Ele entrando na faculdade, tenho certeza que meu filho vai ser um alto empresário. Ele só gosta de coisa boa e quem gosta vai atrás. Ele já tem um projeto na mente e tenho certeza que ele não vai se perder. É tão bom a gente poder participar das coisas com os filhos. Eu curto demais, me envolvo à distância, mas participo de tudo. Foi ótimo o momento que escolhi para fazer o vestibular.

(TERIA MAIS ALGUMA COISA A ACRESCENTAR?)

Acho que é tão importante para os pais participarem, dar segurança para os filhos. Tem que mostrar que se passar, tudo bem, e se não, tudo bem. Acho que os pais devem ajudar: estar ali, participando, vivendo.

DEPOIMENTO 7

Idade: 40 anos - Estado civil: separada há 16 anos e recasada há 13 anos –

Nível de Instrução: superior - Número de Filhos: 3 do sexo masculino :17 anos (do 1º casamento) e dois outros (13 e 6 anos) do 2º casamento

*(COMO VOCÊ ESTÁ EXPERIENCIANDO O VESTIBULAR DE SEU PRIMEIRO FILHO?
QUAIS SEUS SENTIMENTOS?)*

Ainda bem que alguém se lembrou de perguntar isto aos pais, pois é uma revolução na vida da família. O vestibular agora está um pouco diferente da minha época, com a concorrência ainda está maior e o mercado de trabalho ainda está pior. Gera uma ansiedade que repercute em todo o âmbito familiar. Atualmente a gente está praticamente vivendo em função do vestibular de L., porque ele está estudando um pouco demais. Ele não tem dado uma trégua. A gente tenta desviar ele para algum programa , mas ele recusa para não perder tempo de estudo. E gera uma ansiedade muito grande na gente porque a gente sabe que a prova mede conhecimento em termos, mas mesmo se preparando bem, como meu menino está muito bem preparado, mas não consegue. A mim me gera a maior ansiedade porque eu fico com medo da perspectiva dele não passar e não sei como vai ser, porque ele diz que a vida dele, o destino dele é este ano. Ele botou uma coisa muito séria. Eu já disse a ele que me preocuparia se ele não estivesse estudando, mas ele está estudando, se não conseguir, ele fez a parte dele. Chega até a interferir no dia a dia da gente, porque a gente muda os programas, às vezes quero me ausentar final de semana e não posso porque tenho que dar assistência maior a ele: é aula de manhã e de tarde. Me preocupo com a

alimentação dele. Então isto tudo realmente, o vestibular atualmente está repercutindo com toda a família. Fora a ansiedade que está nele, ele está extremamente irritado com a gente. Não tem paciência. Tem dois irmãos menores, de 6 e 12 anos uma diferença de geração muito grande e ele não quer barulho nenhum. É difícil controlar uma criança de 12 e uma de 6 anos. Agente muda todo o esquema familiar, procura sair com os meninos, procura distrair os meninos para deixar mais calmo para ele. Realmente está mexendo com a rotina da família. Mas eu sei que é uma fase, espero que passe e que passe bem.

(COMO FOI O PROCESSO DE ESCOLHA DELE?)

Muito difícil, porque eu sou médica, e ele é filho de meu primeiro casamento e o pai dele também é médico. Acho que inconscientemente isto interferiu na cabeça dele, embora ele sempre tenha dito que não queria fazer medicina. Mas acho que no fundo ele tinha aquele dilema pelos pais dele serem médicos, né, mas aí ele insistiu em fazer teste vocacional desde o primeiro ano. Daí eu percebi a insegurança dele em decidir o que fazer. Quando fez o teste, deu tendências para exatas, escolheu mecatrônica. Que aliás ele já queria antes do curso surgir, só tinha em Brasília. O teste é que orientou mesmo, porque ele gostava de exatas, física, química, mas o fato dos pais serem médicos mexia um pouquinho com ele.

(VOCÊ ACHA QUE ELE ESTÁ DECIDIDO AGORA QUE SE INSCREVEU?)

Acho, no que ele quer, acho que está até satisfeito.

(VOCÊ VÊ ELE MAIS COMO DEPENDENTE OU INDEPENDENTE?)

Não, ele foi sempre um pouquinho inseguro, muito dependente. Tudo tinha que fazer com a gente. Depois foi crescendo e foi melhorando, criando mais independência, mas até 12,13 anos, tudo era comigo ou com S., o padrasto dele.

(VOCÊ SE SEPAROU ELE TINHA QUANTOS ANOS?)

Ele ia fazer um ano quando me separei e então eu me casei quando ele tinha 3 anos. Realmente, a imagem de pai que ele teve é de S., que convive com ele dos 3 anos aos 17. Apesar de que o pai dele não é ausente: vai muito lá, sai, mas a título de passear. O pai do dia a dia, que levava para a escola e comprava tudo que estava precisando, era S. A função dele de pai mesmo era S. Ele nunca teve problemas não. Às vezes, conflito, mas coisa normal, igual a filho biológico.

(ELE SAI SÓ, COM AMIGOS, ACAMPA?)

Não, acampar não, mas sai só, muito pouco. Então este ano ele quase não saiu. Agente é que mandava ele sair, porque ele está sempre só estudando. Ele não é muito de turma. Tem uma turma muito restrita. Alguns meninos aqui do colégio. Acampar nunca acampou. Viajar, quando viaja é só com a gente ou com o pai dele. Não tem assim uma vida social muito intensa não. Nunca teve.

(COM RELAÇÃO À ESCOLHA, A ÚNICA DÚVIDA FOI MEDICINA?)

Não, ele nunca verbalizou medicina, eu é que achava, por observar, que ele fazia muita pergunta sobre a profissão e, acho que no íntimo tinha dúvida. Mas acho mais pelo fato do pai e da mãe serem médicos. Não vejo assim nele nenhuma aptidão para a área de saúde. Realmente ele é muito bem em física, química, computação, exatas.

(COMO FOI A SUA ESCOLHA?)

Através de teste. Estudei no Marista e realmente eu não tinha... nem sabia se ia fazer área I, não gostava de História gostava um pouco de Biologia e não gostava da área 2. Fiz o teste para me orientar e deu 99% para área de saúde, deu até deficiente em mecânica, aí optei por saúde. Minha família não interferiu.

(COMO VOCÊ VÊ O VESTIBULAR DELE EM RELAÇÃO À SUA VIDA? ALGUMA COISA MUDA?)

A mim me preocupa. Eu vejo o futuro, o mercado de trabalho, como coisa assim muito angustiante hoje em dia. Vejo o pessoal entrando na faculdade sempre com aquele sonho de ter sua independência, de trabalhar. L. fala muito nisso, quer trabalhar, ter a profissão dele e tenho medo dele se chocar com a realidade que temos hoje. A gente vê gente desempregada, e ele está investindo muito nisso. Minha angústia é isso. E eu acho que ele ainda é muito jovem para ter uma definição de uma profissão. Infelizmente aqui no Brasil o sistema educacional obriga que as pessoas com 16 17 anos tenham uma definição, mas eu acho que é muito cedo.

(COMO VOCÊ ACHA QUE ELES VÊM O VESTIBULAR?)

Para ele realmente é uma decisão de vida. Ele diz que é o ano decisivo na vida dele. Ele diz que tem que investir tudo porque se não passar é um ano perdido. Já disse a ele que nada é perdido na vida, tudo depois serve. Tudo que a gente aprende vai servir, a gente às vezes aprende uma coisa chata pensa que não vai usar pra nada, mas chega um dia que usa. Mas ele está decidido que tudo tem que ser este ano.

(E PARA VOCÊ, O QUE É O VESTIBULAR)

Eu não vejo muito valor no vestibular. O que importa é a educação do menino ao longo do período escolar. Eu venho acompanhando meu filho e sei que ele é aluno excelente. Ele é muito bom no estudo, é muito bom como pessoa. Só acho um pouco jovem para decidir, mas o sistema obriga. Acho que ele vê o vestibular como uma barreira que ele tem obrigação de passar. Estou tentando fazer ele ver-- embora que eu ache que ele tem muita condição de passar, fez por experiência e passou-- mas quero fazer ver a ele que não tem obrigação de passar. A obrigação dele é estudar e saber. O concurso é uma interrogação. Espero eu que ele passe porque é importante na realidade que a gente vive e para ele que quer continuar estudando e se formar.

(ESTA NOVA ETAPA DELE REPERCUTE NA SUA VIDA? VOCÊ VÊ COMO UMA NOVA ETAPA NA SUA VIDA TAMBÉM?)

Eu? Porque estou envelhecendo? Veja bem, eu me sinto como cumprindo uma parte da minha missão. A gente bota filho no mundo e quer vê-lo encaminhado, andando com os próprios pés. Me sinto realizada por ver ele responsável, mesmo que ele não passe, cumprindo as obrigações dele e sinto que estou cumprindo minha missão, minha parte aqui na vida. É muito bom, é gratificante. Às vezes penso: vou ficar com menos responsabilidade com ele? Não, porque filho fica dependente da gente a vida inteira sempre. Mas fico feliz de ver ele crescendo como pessoa, como profissional, já tentando ter uma profissão, querendo entrar no mundo de trabalho.

(TERIA ALGO MAIS A ACRESCENTAR?)

Acho que é até uma repetição do que já falei. Acho que a gente tem que dar o apoio, ter muita paciência, porque eles ficam muito angustiados e a obrigação da mãe é dar muita paciência, procurar ajudar no que for possível, respeitando a privacidade que eles precisam e fazer ver a eles que o vestibular é importante mas não é essencial. Se passar, ótimo, se não passar, tenta no outro ano, mas tudo é válido.

(O OBJETIVO DA PESQUISA, COMO FALEI É PESQUISAR O SENTIMENTO DA FAMÍLIA DIANTE DO VESTIBULAR)

Realmente, como falei, eu mudei e a gente mudou tudo em casa. A gente passava muito final de semana fora. Eu ainda tentei ir umas duas vezes, deixava tudo aqui, mas vi que ele ficava muito solto e eu sentia que ele se sentia como se a gente não estivesse dando muita atenção. Então passei a ficar mais em casa para poder dar mais assistência a ele, preparar mais as coisas para ele.

(E ELES AS VEZES ACHAM QUE ESTÃO PEGANDO MUITO NO PÉ DELES, NÃO É?)

É, embora com ele não é o caso. Eu pego mais no pé para ele não estudar. Eu digo, “meu filho, dê uma pausa, vá a um cinema”, mas não, ele só quer estudar, estudar.

DEPOIMENTO 8

Idade: 39 anos - Estado civil: casada Nível de Instrução: superior - Número de Filhos: 2 do sexo feminino: 19 anos, 14 e um do sexo masculino com 10 anos

(COMO ESTÁ SENDO PARA VOCÊ A EXPERIENCIA DO VESTIBULAR DE SUA PRIMEIRA FILHA?)

Da minha época para agora eu acho que os alunos estão muito ansiosos, certo? E ao mesmo tempo eles transmitem isso ... eles cobram demais dos pais. Então vamos supor, eles fazem um curso bom até, H. é do Contato, mas ao mesmo tempo ela acha que tem que ter uma disciplina paralela, tem que ter um cursinho paralelo, ela acha que não passa se não tiver isso. Primeiro, ela já acha que não passa. E se a gente cobra, a gente cobra assim: “H., você tem que estudar, tem que ter calma”, ela tá dizendo assim: “mas eu sou muito nova, todo mundo passa, num passa de primeira”. Agora também tem essa mania, não passam de primeira, “eu sou muito nova, eu to fazendo isso, mas se eu num passar eu sou muito nova, posso passar de novo, não é todo mundo que passa, eu não vejo ninguém estudando na minha sala, ela diz essa frase dela comigo. Aí isso deixa a gente... e eu converso com ela: H. é muito melhor você passar logo da primeira vez, porque da segunda e terceira você vai ficando mais nervosa. Se você está nervosa hoje, na segunda mais ainda e terceira vai ficando pior. Em geral é assim. Ai como ela veio de um colégio que não tinha provas

subjetivas, ela tem uma dificuldade em horários. Isso já estou conversando com ela para ela se acalmar um pouquinho também nisso. Também são 3 provas de uma vez e também não tem quem faça para 4 horas de prova. Ela diz: eu fico com dúvida, fico pensando. Eu digo a ela que faça a prova toda certa, o que sabe você faz e o que não sabe depois você passa, senão você vai fazer uma prova sem saber toda e a outra sem saber nada, porque não vai dar tempo e você vai ter que chutar toda. Ela é um stress normalmente. É estressada para tudo. Tudo que ela faz é um stress e não tem muita paciência para as coisas. Agora mesmo está fazendo tratamento, não faz direito, é assim o temperamento dela. Mas mesmo assim, acho que o vestibular em si estimula para as pessoas ficarem estressadas.

(VOCÊ ACHA QUE STRESSA SÓ OS ALUNOS? E COMO É QUE REPERCUTE NA FAMÍLIA?)

Repercute nesse lado, porque ela quer que, a cobrança do que... o financeiro é que passa. Se ela não fizer os cursinhos ela já não tem nem chance. A cabeça do colégio já é essa, e nem sempre você está podendo fazer isso. Achar que o normal é não passar a primeira vez, essas coisas que ela...e fora a ansiedade dela mesmo, e isso é que deixa a gente mais nervoso.

(E VOCÊ PERCEBE QUE VOCÊ ESTÁ MAIS NERVOSA POR CONTA DISSO?)

Percebo, porque para mim o financeiro abala mesmo. No caso, ela não passa no primeiro, porque já acha normal, vai para um segundo, você tem mais despesa ainda, e você paga um colégio particular a vida toda querendo que seu filho...Porque quando ele vem de um colégio estadual a vida toda e não tem condições, o primeiro não passa, no segundo o pai bota num cursinho, faz um esforço ... mas você dar todo um colegial e o aluno já achar que o normal é não passar, todo pai deve ficar estressado. Colégio hoje é muito caro, uma despesa altíssima para a família. Ai isso me deixa...porque já vi que

colégio hoje não é mais como antigamente que dava esse suporte, porque a mentalidade já foi feita para que isso não vai dar certa.

(E ELA VAI FAZER O QUE, JÁ ESCOLHEU?)

Ela ia fazer Direito. Esta em Humanas mas agora já não quer mais Direito porque acha que não vai passar. Que ninguém vai olhar o nome dela. Ela acha que todo mundo cobra muito dela, mas ninguém cobra. A família toda. Ela acha que todo mundo vai olhar o nome dela quando sair na Internet. Diz que não vai fazer na Federal porque não quer ver na 1ª fase o nome dela não sair. Ai eu pergunto a ela, o que você vai fazer? E ela pede: me diga o que é que eu faço. Eu digo: minha filha, não posso dizer o que você deve fazer, porque não sou eu que vou fazer vestibular. Agora eu acho que você devia tentar mesmo Direito, mesmo sem passar. Pior é não passar num curso que você poderia ter passado ai é pior. Mas num que é concorrido, que a gente já espera que é difícil... Por não passar, é melhor você fazer. E depois você pode se arrepender de fazer esse curso. Não sei até que ponto, mas eu acho que ela vai fazer Direito, mas ela fica jogando. Quando ela está aperrriada, estressada, ela fica jogando pra mim, porque ela sabe que eu prefiro que ela faça Direito.

(ESSE MOMENTO DE ESCOLHA DELA, REPERCUTE ALGUMA COISA EM SUA VIDA?)

No início até que sim. Eu sempre achei que ela sempre dava mais para a área de Humanas mesmo. Área de saúde ela não gosta. Se fosse era humanas ou saúde. Exatas ela não gosta de jeito nenhum. E humanas, ela escreve muito bem. Eu achava assim ela gosta, mas também ela não tem noção de curso nenhum. Eu queria que ela fizesse os testes esse teste que tem, ela não quis, mas ela é que optou por humanas mesmo...

(QUANDO PERGUNTEI SE REPERCUTIA SUA ESCOLHA, VOCÊ RELEMBROU UM POUCO COMO VOCÊ SE SENTIU NA SUA PRÓPRIA ESCOLHA?)

Eu acho que minha escolha ainda foi...acho que na minha época ainda foi mais difícil que hoje.

(PORQUE?)

Porque você se limitava a 3 áreas e era Medicina, Engenharia e Direito. O resto ninguém nem comentava que existia. Hoje o leque de profissões é mais aberto aos alunos. Dá mais oportunidade de você escolher , mercado de trabalho. Antigamente vinha o manual, vinha as profissões, mas ninguém comentava como eram as profissões, o curso em si. Hoje o aluno tem mais condições de ver, tanto é que hoje Medicina está muito mais concorrida, Odont. Porque eles sabem que os outros não...Na época da gente eram 3 opções já vinculadas. Tanto é que a cobrança dos pais de passar no 1º vestibular era muito maior que hoje. Tinha que passar. Não interessava...Então quando fez as 3 opções, todas as faculdades juntas, você não tinha opção de fazer 3 vestibulares. Fazia um vestibular só. Eu botei assim: Medicina, Nutrição e Enfermagem. Enfermagem eu tinha alguma noção porque fiz auxiliar de enfermagem, mas na área de saúde, eu quis isso.

(E QUANDO ENTROU EM NUTRIÇÃO, NÃO TEVE VONTADE DE TENTAR MAIS MEDICINA?)

Na verdade, na área de saúde eu só faria Medicina mesmo. Eu acho o melhor curso, eu acho melhor profissionalmente, lhe dá uma melhor visão da saúde em si. Você tem uma preparação muito boa. Eu hoje trabalho na área de saúde pública tem muitos médicos, enfermeiros e todas as profissões na área de saúde pública. Mas eu não vou dizer que se tiver uma parte clínica... eu não vi as cadeira todas que o médico viu, vi muito resumido. Como medico, teria uma área da profissão muito maior. Fora que a nível do nordeste,

minha profissão é muito precária. Eu me formei a 15 anos, hoje é que a gente ouve falar em qualidade de vida. Se eu falasse isso no meu curso, me matavam, porque só se falava em desnutrição. Isso é o que eu queria, mas não entenderam. Eu acho que eu vejo as coisas muito rápido e o povo vê muito devagar. Sempre tive dislexia e alguém me explicou que era um pouco disso, que a pessoa pensa antes de escrever então você já atropela o que você pensa. Então eu queria isso, eu via que não adiantava tratar a criança quando os pais eram os que estavam doentes. Acho que isso é o que eu queria, um trabalho preventivo, para lidar com a qualidade de vida do trabalhador.

(E NÃO VÊ UMA FORMA DE CHEGAR A ISSO AGORA NÃO?)

No trabalho de hoje tem um pouco, mas hoje lido com a família, com quem já está doente, e eu queria mesmo o trabalhador que está na ativa.

(E VOLTANDO PARA O VESTIBULAR...)

Falando disso, eu gosto de Direito até. Seria até uma opção para mim. Talvez até que no fundo eu diga a ela porque tem mais uma estabilidade na área pública. Isso é que eu acho. Talvez por esse caminho eu influenciasse ela, porque como eu fiz alguns cursinhos para tentar uma área, porque você tenha uma remuneração melhor, uma estabilidade maior, aí você vê realmente que curso lhe dá isso. Não porque eu ache que a área seja melhor nesse sentido. Eu acho até parecida, eu disse até lá no trabalho que faria dois tipos de curso: na área de saúde, porque você salva vidas e na área de humanas e o Direito que você guia sua vida. Fora essas duas profissões você não vive, porque se você for abrir um negócio e não tiver noções de Direito, você não abre, e sem saúde, você não vive. Eu sou ligada ao ser humano.

(O QUE VOCÊ ACHA QUE O VESTIBULAR SIGNIFICA PARA SUA FILHA?)

O primeiro desafio da vida dela, e que, não sei, essa idade não é preparada- não é ela em si, - mas essa idade não é preparada para tanto ainda não. Por que a gente fala, hoje melhorou um pouco, mas na época da gente, essa idade já era um adulto. E a adolescência tá maior, tá mais comprida, até porque deve ser mesmo. E o ser humano não é preparado bem não. Hoje se muda demais. Antigamente, se chegasse em casa dizendo que não gostava disso ou daquilo, “porque você não pensou antes?” dizia logo assim. “Não era essa a opção que você queria?” Até que papai não era tanto assim não, mas tinha gente que era tanto assim. Tanto é que tiveram outras que mudaram, mas nunca influenciaram tanto não. Talvez nos homens, mas nas mulheres não. Mas tinha que passar no primeiro vestibular e escolheu, tinha que assumir. Se não assumisse, você arcasse com as consequências. Se passasse, optou, é sua vida. Isso minha mãe tem em todos os aspectos da vida. Optou.... Que eu acho até um pouco ruim, porque você também parece que optou, e perde um pouco da família. Parece que você voltar atrás é uma fraqueza da pessoa, e não é. Mas a impressão que dá da família é essa. Hoje não é mais assim, se dá mais opção para escolher.

(E PARA VOCÊ, O QUE SIGNIFICA O VESTIBULAR?)

Acho que é o começo de uma independência também. É sua profissão, você fica mais independente. Você pode ter sua independência sem um curso superior mas se você vai...é uma realização da sua, do que escolheu com seu financeiro, com sua independência. É sua realização pessoal como ser humano, eu acho.

(ESSE VESTIBULAR, REPERCUTE DE ALGUMA MANEIRA EM SUA VIDA?)

Eu acho que sim. Repercute porque me dá uma... é como uma satisfação... não é uma satisfação. É como se fosse uma... é como se eu tivesse dado uma boa base pra ela, uma boa orientação pra vida, pra o caminho que ela vai ter no futuro. Se realmente ela passa no primeiro vestibular, na primeira opção, a gratificação pra mim é muito maior. É

como se eu dissesse realmente eu fiz dar certo. Em alguma coisa eu fiz dar certo. Que isso realmente para muita gente não quer dizer nada, depende da pessoa. Mas aí você tentou, você está tentando e dá certo. É um reconhecimento de que a gente fez o melhor.

(TERIA ALGO MAIS A ACRESCENTAR?)

Não, acho que já falei tudo. Espero que sua pesquisa vá adiante porque o lado dos pais precisa ser analisado porque os meninos... o que o pai faz não é valorizado. Não há um reconhecimento. Principalmente no lado da mãe. Ela está trabalhando não é porque ela é uma má mãe, porque há necessidade é a sociedade não...a sociedade é machista...e agente não pode mudar tudo. Principalmente cobram da mãe. Aí jogam tudo para as mães. Você não ir a uma reunião de pais, por ex., H. tem mania de dizer que todas as mães estavam lá.

